

Introdução

Lisboa tem-se afirmado nos últimos anos como um dos melhores destinos turísticos do mundo.

Sendo a reabilitação urbana deveras importante para o crescimento das cidades, Lisboa não fica de fora com o caso do Palacete Ribeiro da Cunha.

O trabalho aqui apresentado tem por base um projecto direccionado para a reabilitação de um edifício histórico, localizado no centro da capital, tendo em vista a disponibilização de um tipo de turismo específico e ainda pouco usual em Lisboa: uma “Unidade Turística de habitação”. Esta unidade poderá ser de permanência prolongada, num espaço de ambiência doméstica e proporcionar serviços de Hotelaria de Charme aos seus clientes.

“Habitar hoje o Palacete Ribeiro da Cunha” é o objectivo principal deste trabalho.

O projecto

aqui desenvolvido baseia-se numa solução integrada de forma a salvaguardar a integridade do espaço físico e vivencial, através da sua reabilitação, com uma intervenção ao nível do *layout*, e tratamento plástico, criando um efeito cénico para que o visitante tenha a possibilidade de reviver o modo de vida doméstico da Lisboa de oitocentos.

Vários são os edifícios que em Lisboa reclamam uma intervenção rápida de forma a não se perder um património de raro valor para o nosso País.

A escolha do Palacete Ribeiro da Cunha explica-se, em primeiro lugar, pelo seu valor histórico e patrimonial. Urge intervir neste edifício, caracterizado por uma arquitectura revivalista romântica, de estilo neo-árabe, característica do século XIX em Lisboa.

Em segundo lugar, juntam-se as motivações pessoais. O Palacete Ribeiro da Cunha é um edifício que desde sempre me despertou interesse e vontade de desenvolver um projecto para o mesmo.

Ao longo do meu percurso académico adquiri formação e conhecimentos que me permitem desenvolver Projectos de Design de Interiores.

A escolha deste trabalho permitiu finalizar este percurso académico através do aprofundar e consolidar de conhecimentos.

O desenvolvimento deste Projecto de Design de Interiores justifica-se totalmente pela necessidade de uma intervenção ao nível da reabilitação de um edifício histórico, que possibilita uma vivência em ambiente doméstico (função que exibia outrora, uma residência unifamiliar), de estadia prolongada, proporcionando uma experiência cultural num espaço de dimensão pública, e o contacto directo com as tradições de um País.

Projectos como este são de todo o interesse para o nosso País e para grupos hoteleiros que pretendam investir, apresentando um serviço inovador e de experiência enriquecedora de forma a ser um projecto sustentável.

A situação em que se encontra o Palacete Ribeiro da Cunha, desprovido de vida habitacional, leva-nos à problemática em questão. A intervenção neste Palacete baseia-se no desenvolvimento e tratamento, plástico e espacial dos espaços interiores.

Para o desenvolvimento do projecto foi utilizada uma metodologia de trabalho assente na pesquisa, recolha e tratamento de documentação: arquivística, no que se refere a plantas e propostas de alterações do edifício; plantas de outros palacetes, de forma a estudar os Layouts que se praticavam nos palacetes da época; arquivos de registos pessoais, como o testamento de José Ribeiro da Cunha; bibliografia critica, que permitiu adquirir uma maior informação sobre arquitectura de reabilitação, arquitectura neo-árabe, desenvolver e projectar espaços interiores respeitando a sua história; informação digital; recolha de dados por observação, através de visitas ao Palacete, para adquirir dados fotográficos e sentir o espaço. Foi ainda estabelecida uma análise comparativa com um conjunto de unidades hoteleiras de forma a sustentarem a intenção projectual do objecto de estudo.

Note-se que os documentos inéditos sobre o proprietário e o Palacete Ribeiro da Cunha foram identificados, transcritos e publicados em anexo, nesta dissertação.

O projecto de Design de Interiores desenvolvido tem como objectivo responder às necessidades de um público – alvo, que procura em Lisboa um espaço habitacional em trabalho ou lazer com a possibilidade de ter uma permanência prolongada, no centro da cidade, e rodeado de uma vasto jardim. Para tal, foram desenvolvidas algumas alterações espaciais, de forma à obtenção de respostas

como: segurança, privacidade, conforto, eficiência e funcionalidade, sem que se alterasse a estrutura arquitectónica do edifício, preservando o seu valor histórico. Desenvolveram-se Suites que permitem uma estadia de carácter temporário e/ou permanente, com vista a uma maior integração no modo de vida lisboeta do século XXI. A intervenção nas várias Suites passou pelo desenvolvimento de uma arquitectura dentro de outra arquitectura, sem intrusão directa com o edifício. É uma arquitectura criada pelo mobiliário que se apresenta: depurado, geométrico e funcional. Para tal, foi tida em conta a qualidade estética dos materiais e o seu posicionamento no espaço, que reflete a ideia do embutido, “formando um todo”. Todas estas opções criaram uma adição na relação estética/formal e plástica /construtiva do espaço, de forma a desenvolver um efeito cénico, com um diálogo permanente entre o passado e futuro.

A presente dissertação é constituída II volumes. O Volume I divide-se em II Capítulos: o Capítulo I que trata o Estudo sobre o primeiro proprietário do Palacete, José Ribeiro da Cunha e sobre o respectivo Palacete, um Palácio neo-árabe na Lisboa de Oitocentos. Este estudo aborda questões de implantação e integração na malha urbana e ainda o estudo de edifícios semelhantes, uma vez que todos partilhavam a influência oriental, bem patente na arquitectura neo-árabe que surge em Portugal no século XIX. Estes estudos possibilitaram uma melhor abordagem histórica e uma maior compreensão do programa escolhido pelo Arquitecto do projecto, Henrique Calos Afonso.

Após a pesquisa foi possível concluir que não existia informação sobre a divisão espacial do Palacete Ribeiro da Cunha, surgindo então a necessidade de estudar outros Palacetes semelhantes, em Lisboa, de forma a criar-se um paralelismo no que respeitava ao seu *Layout*.

Neste capítulo foi ainda exposta toda a informação sobre a gramática decorativa existente no exterior e interior do Palacete.

O capítulo II foi dedicado à Proposta de Intervenção. Na primeira fase foi abordado o tema e as problemáticas em questão, os objectivos pretendidos e, após o tratamento da pré-existência, desenvolveu-se um programa que engloba todo o Palacete. Definiu-se uma estrutura, tendo em conta uma organização espacial, criando uma ligação entre o estilo patente no Palacete e o estilo introduzido, tendo

como ponto fundamental o respeito por características específicas existentes como a relação interior/exterior, forma/volume e escala.

A segunda fase foi dedicada ao desenvolvimento das células habitacionais - “Suites”, e para tal foram seleccionados 5 projectos de programas hoteleiros semelhantes como objecto de estudo. A escolha recaiu sobre apartamentos (Aparthotel), Palácios (transformados em unidades hoteleiras), em Lisboa e Veneza. Poderia ter-se optado por unidades hoteleiras localizadas noutras cidades europeias, como por exemplo Paris, mas a escolha teve a ver com a proximidade a Palacetes, pelo estilo desenvolvido e pelo tipo de serviços que disponibilizam.

Esta fase termina com o estudo da legislação em vigor, no que se refere ao turismo/habitação, de forma a responder aos requisitos a que estas instalações devem obedecer.

Da terceira fase faz parte o desenvolvimento da Suite A e os objectivos gerais pretendidos como exemplo para todas as outras. Nesta fase foi ainda desenvolvida a Intenção Projectual para as Suites em geral, através da criação de projectos de mobiliário, iluminação e escolha de materiais, de forma a que o projecto desenvolvido pudesse propor um dialogo entre o passado e o futuro. Por último, traçaram-se as considerações finais do projecto, a Bibliografia e todo o anexo documental, estudado e transcrito.

O volume II consiste no Projecto de Reabilitação, desenvolvendo no capítulo I as opções conceptuais pretendidas para o projecto. Para tal é feita uma amostragem de desenhos do projecto, como: Levantamento da Pré-existência; As alterações pretendidas; O projecto proposto; O projecto proposto da suite tipo; Folder.

Em suma, o programa desenvolvido visa criar uma “Unidade Turística Habitacional” de estadia prolongada, proporcionando ao cliente uma vivência em ambiente doméstico num Palacete do século XIX.

I. O Palacete Ribeiro da Cunha

1. José Ribeiro da Cunha: O primeiro proprietário

José Ribeiro da Cunha, natural de Lisboa, nasceu a 30 de Outubro de 1813 na freguesia da Madalena, e foi baptizado a 21 de Novembro do mesmo ano na Paróquia da Igreja de Santa Maria Madalena pertencente à mesma freguesia. No entanto, as suas origens remontam ao Minho, uma vez que seu pai, Francisco Ribeiro da Cunha, era natural de Vizela e sua mãe, D. Maria Inácia Ferreira da Cunha, era originária de Guimarães (*vide* Documento 1).

A 1 de Janeiro de 1849 contraiu matrimónio, na Paróquia da Igreja de Santa Maria Madalena, com D. Maria Carlota de Paiva, filha de António Manoel de Paiva e de D. Ignacia Delfina, moradores na freguesia de São Paulo da cidade de Lisboa (*vide* Documento 2).

Deste matrimónio nasceu, a 22 de Janeiro de 1850, a filha, de seu nome Júlia Cesarina Ribeiro da Cunha, e, a 5 de Dezembro de 1854, o filho, José Ribeiro da Cunha Júnior, ambos baptizados pelo Prior Joaquim José de Sousa, na Paróquia da Igreja de Santa Maria Madalena (*Vide* Documento 3 e 4). Negociante abastado na exploração de tabaco, manifestava interesses económicos bastante diversificados o que lhe permitia circular com grande facilidade no meio social da burguesia de então, onde ocupava um lugar de topo, como figura de referência, entre os abastados que faziam parte do quadro socioeconómico da capital portuguesa: - “ Salvo algumas excepções - que sempre se dão em reuniões tão numerosas - estiveram no congresso da Paz algumas das individualidades mais conspícuas e eminentes na política, na diplomacia, nas sciencias siciaes, na magistratura, nas lettras, na força armada de mar e terra de mais de trinta potências da Europa, América e Asia ”.¹

¹ José Ribeiro da Cunha fez parte do grupo de representantes de Portugal (Secretário da Missão), no congresso em Haya na revista Brasil – Portugal “ A conferência da Paz” in: Augusto CASTILHO, *Brasil Portugal*, Lisboa, A1, vol.1, nº22,1899, pp. 9-10



Fotografia 1- Grupo de representantes de Portugal no Congresso “A Conferência de Paz” em Haya

A sua riqueza provinha: da exploração de um contrato de tabaco, do mercado financeiro de capitais pelo investimento em sociedades, mas também do empréstimo de somas avultadas de dinheiro, a juros, sendo esta uma actividade comum entre os capitalistas da época. Envolvera-se em várias áreas de negócio, tais como: o algodão, o tabaco, a pesca, o papel, a cerâmica e os seguros. Foi accionista do Jardim Zoológico, da Companhia das Lezírias e de companhias de crédito público.

O seu património imobiliário era igualmente considerável, sendo possuidor de várias propriedades quer rústicas quer urbanas, bem como de vários domínios directos, cujos rendimentos habitualmente supriam as necessidades das casas mais abastadas, em carne e cereais.²

No que diz respeito ao negócio do tabaco, tradicionalmente era um sector exclusivo da Coroa, que esta geria directamente ou arrendava a particulares, - “Desde, pelo menos, os finais do século XVIII que o exclusivo da importação, fabrico e venda de tabaco permanecia nas mãos de um número reduzido de famílias, os Cruz Sobrais, os Braamcamp, os Quintelas. Em geral, o governo arrendava o monopólio por triénios, em troca de uma prestação anual fixa, que os «caixas» se comprometiam a dar ao Estado ”.³

² Segundo Jorge Ferreira Paulo, autor do levantamento histórico: “*Palacete Ribeiro da Cunha, N.º 26 da Praça do Príncipe Real*”, pp. 13 – 14.

³ Maria Filomena MÓNICA “Capitalistas e Industriais”, in *Análise Social*, 1992, 2º e 3º, Negócios e política: os Tabacos (1800- 1890), p. 463.

Estamos no início do século XIX, mais propriamente em 1817, e quem ganha o concurso do contrato do tabaco é José Ferreira Pinto Basto. Contudo, viviam-se tempos conturbados politicamente e os novos concursos de exploração encontravam novos arrendatários. José Ribeiro da Cunha e João Santos Silva desde 1858 exploravam o contrato do tabaco, contudo, - “ a 14 de Maio de 1864, termina o monopólio mais velho dos séculos ”.⁴

Se por um lado muitas fábricas faliam, por outro dava-se a fusão de empresas, como as duas maiores, a Companhia do Tabaco e Sabão da Boa Vista e a Companhia Nacional de Tabacos de Xabregas, dando origem à Companhia Nacional de Tabacos, da qual José Ribeiro da Cunha faz parte da primeira direcção.

Em Portugal, era sobretudo nos contratos com o Estado que se ganhava dinheiro e o sector dos tabacos contribuiu em larga escala para a formação de grandes fortunas do nosso país à época. Estas fortunas dão origem a luxuosas construções em Lisboa, como: - “ Veja-se a casa de J. M. Eugénio de Almeida a S. Sebastião da Pedreira (actual quartel-general), os vários palácios do 1º conde de Farrobo, da sua casa na Rua do Alecrim (uma escola privada de artes gráficas) à Quinta das Laranjeiras (Jardim Zoológico e Ministério da Juventude), o palácio do conde de Castro Guimarães em Cascais (propriedade camarária), o palácio dos marqueses de Viana do Largo do Rato (sede do PS), a Quinta da Penha Longa, de Tomás Maria Bessone, a Quinta das Águias (na posse da família Lopo de Carvalho), o palácio de José Isidoro Guedes ao Campo de Santana (Embaixada Alemã), o palácio de José Almeida Brandão e Sousa à Junqueira (Arquivo Histórico Ultramarino), o palácio oriental mandado construir por José Ribeiro da Cunha, no Príncipe Real, uma praça eminentemente tabaqueira, pois, do outro lado, em bela casas apalaçadas, viviam João Paulo Cordeiro, o visconde de Penalva e o barão de Santos ”.⁵ Como já referido anteriormente, José Ribeiro da Cunha era uma figura reconhecida no meio social da burguesia de então, o que nos leva a destacar que entre os elementos dispersos de carácter biográfico sobre si apurados, estes façam referência à mercê régia da Ordem Militar de Cristo, por carta de 7 de Maio de 1861, que se passa a citar: - “ Dom Pedro por Graça de Deos, Rei de Portugal e dos Algarves (...) Faço saber aos que esta Minha Carta virem que Tomando em consideração as circunstancias e serviços de José /fl. 184 v./ Ribeiro da Cunha, Negociante de grosso trato matriculado na Praça de Lisboa, Houve por bem Fazer-lhe Mercê de o Nomear Conservador da Ordem Militar de Nosso Senhor Jezus Christo” (*Vide Documento 5*).

⁴ IDEM, *ibidem*, p. 469.

⁵ IDEM, *ibidem*, pp. 473 – 474.

José Ribeiro da Cunha faleceu aos 69 anos, a 18 de Setembro de 1883, pelas três e meia da tarde, em sua casa, na Praça do Príncipe Real, Freguesia de São Mamede de Lisboa (*Vide Documento 6*).

Por sua morte ficaram por herdeiros, sua esposa, D. Maria Carlota Paiva da Cunha e os seus dois filhos, D. Júlia Cesarina Ribeiro da Cunha e José Ribeiro da Cunha Júnior.

A herança foi dada à partilha tendo em conta a vontade do falecido, expressa em testamento feito a 27 de Maio de 1879, perante o tabelião Francisco Vieira da Silva Barradas e rectificado a 21 de Setembro de 1883.⁶

O testamento é como se fosse um “Bilhete de Identidade”, do *modus vivendi* deste homem, que viveu numa época da qual soube tirar partido político, económico e social. Deste documento, resulta a descrição do património que compõe o acervo da herança aberta por óbito de José Ribeiro da Cunha, a qual se encontra bastante discriminada. A leitura do seu testamento transporta-nos para uma época da vida portuguesa e para as influências que esta teve nas pessoas com posses materiais, sendo o seu contrário, também verdade, ou seja, estas pessoas e as classes sociais onde as mesmas se inseriam, terão, também influenciado a sociedade.

José Ribeiro da Cunha era também um homem com muitas preocupações familiares (especialmente com D. Carlota Paiva da Cunha, sua mulher), pois resulta do seu testamento uma necessidade de manter na esfera jurídica da mulher o património que esta trouxe para o casamento, assim como os bens que a mesma viesse a adquirir e a herdar, ou os que lhe fossem doados.

O testamento incluía ainda a obrigação de por morte do seu marido lhe serem entregues dez contos de reis, vontade já manifestada a quando do seu casamento por - “(...escriptura lavrada em trinta de Dezembro de mil oitocentos quarenta e oito, nas notas do Tabellião, que foi desta Cidade, António Simão de Noronha, e insinuada por alvará de vinte e quatro de Abril de mil oitocentos quarenta e nove, do Administrador do Bairro do Rocio. Nessa Escripura estipulamos absoluta incomunicabilidade de bens, dotando-se minha mulher com os que trouxe para o Casal, e com os que adquirisse por titulo benefico, e alem disso a dotar com a quantia de dez contos de reis, a qual lhe será entregue por minha morte, e sahirá da minha terça. Os valores dotaes de minha mulher, provenientes de herança de seus thios estão empregados em titulos averbados em seu nome, ou a seu credito em conta corrente, na minha casa, como consta da minha escripturação. Deixo á dita minha mulher em plena propriedade, a quantia de dez contos ...)” (*Vide Documento 7*).

⁶ Arquivo Municipal de Lisboa (AML), RT,S. Mamede, B 3, Testamentos, liv. 13, liv. 154, fl. 30v a 33v.

José Ribeiro da Cunha apresenta-se neste testamento como um homem com ideias próprias, manifestando vontades, às quais não é alheia a forma como fazia os seus negócios, com recurso a parcerias (parceiros de negócios, ou se quisermos sócios).

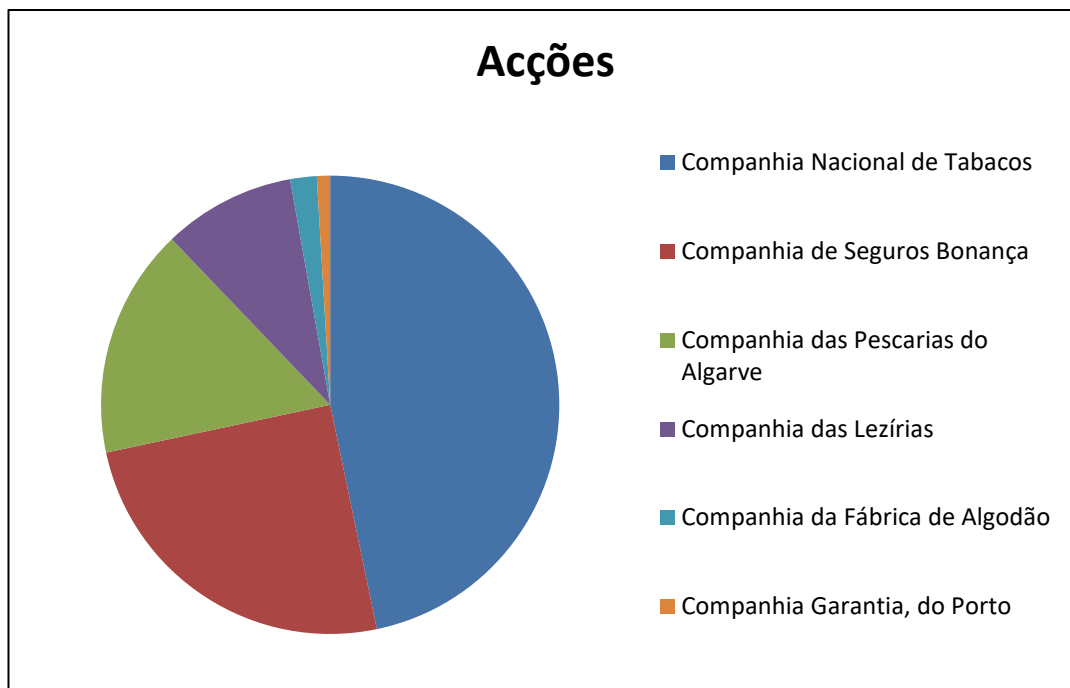
Assim sendo, o testador quis no seu testamento deixar ordens e instruções claras de como o património deveria ser dividido entre os herdeiros e como deveria ser gerido.

Todos os bens do casal foram divididos em três quinhões, um para a terça e os outros dois divididos pelos dois filhos, sendo que foi deduzido do quinhão da terça o dote da viúva e o legado que viria a receber. As acções partilháveis e a que não acrescia qualquer encargo foram divididas, preenchendo assim os três quinhões no valor mais aproximado possível, dinheiro e restantes valores.

A viúva recebeu, por conta do dote e legado, a mobília e recheio da casa de habitação do Príncipe Real, no valor de 20 contos de reis, e como remanescente da terça em usufruto as seguintes acções:

Nº Acções	Identificação do título	Capital nominal por acção (reis)
150	Companhia Nacional de Tabacos	100.000
80	Companhia de Seguros Bonança	200.000
52	Companhia das Pescarias do Algarve	50.000
30	Companhia das Lezírias	500.000
6	Companhia da Fábrica de algodão (Xabregas)	300.000
3	Companhia Garantia, do Porto	1.000.000

Quadro 1 – Acções recebidas por D. Carlota Paiva da Cunha.



Quadro 2 – Gráfico das Acções / Companhias.

Partindo da informação retirada do estudo, “ *Palacete Ribeiro da Cunha – N.º 26 da Praça do Príncipe Real* ”, da autoria de Jorge Ferreira Paulo, temos conhecimento que a viúva recebeu ainda:

- A meia pena de água das nascentes das casas de Alfragide, e Casa Branca, na freguesia de Benfica, introduzida no Aqueduto Geral das Águas Livres;
- O Palacete, que constituía a casa da residência de José Ribeiro da Cunha, descrito, então como prédio urbano com casas e jardins, com os seus respectivos anexos, sito na Praça do Príncipe Real, fazendo esquina com a Calçada da Patriarcal Queimada, adquirido por diversos títulos.

Tal como os seus filhos, recebeu uma terça parte de:

- Capital no valor de 41 contos de reis na Sociedade Anjos, Cunha, Ferreira & Companhia;
- Capital no valor de 8.370.729 reis, importância de dívidas de cobrança duvidosa;
- Capital no valor de 601.345 reis, considerados irrealizáveis;
- Uma propriedade urbana na Rua dos Anjos e a Horta dos Castelos ou Quinta dos Castelinhos, anexa;
- Quinta do Teixeira e mais três courelas, na Freguesia do Beato;
- Quinta da Fábrica Nova, estrada de Chelas, com parte rústica e urbana;

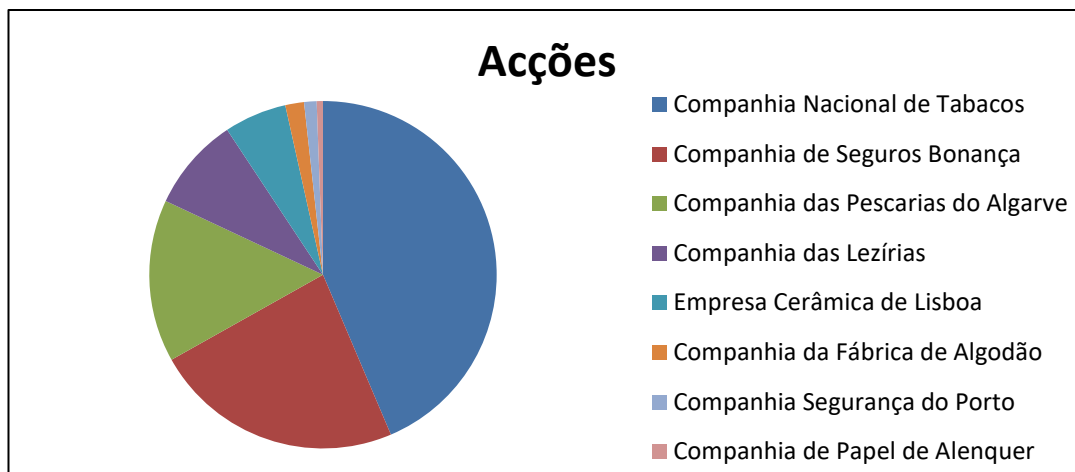
- Letras da Baía;
- Apólices de empréstimo de 2.000 contos de reis, de 1830;
- Vários títulos, créditos e papéis reputados sem valor, já retirados de balanço pelo falecido.

O valor restante da terça seria preenchido com dinheiro existente no casal, no valor de 573.370 rei.

Os seus filhos receberam cada um:

Nº Acções	Identificação do título	Capital nominal por acção (reis)
150	Companhia Nacional de tabacos	100.000
80	Companhia de Seguros Bonança	200.000
52	Companhia das Pescarias do Algarve	50.000
30	Companhia das Lezírias	500.000
20	Empresa Cerâmica de Lisboa	25.000
6	Companhia da Fábrica de algodão (Xabregas)	300.000
4	Companhia Segurança do Porto	1.000.000
2	Companhia de Papel de Alenquer	1.000.000

Quadro 3 – Acções recebidas pelos filhos de José Ribeiro da Cunha.



Quadro 4 - Gráfico das Acções / Companhias.

A filha D. Júlia Cesarina Ribeiro da Cunha e seu marido Francisco Ribeiro da Cunha receberam ainda:

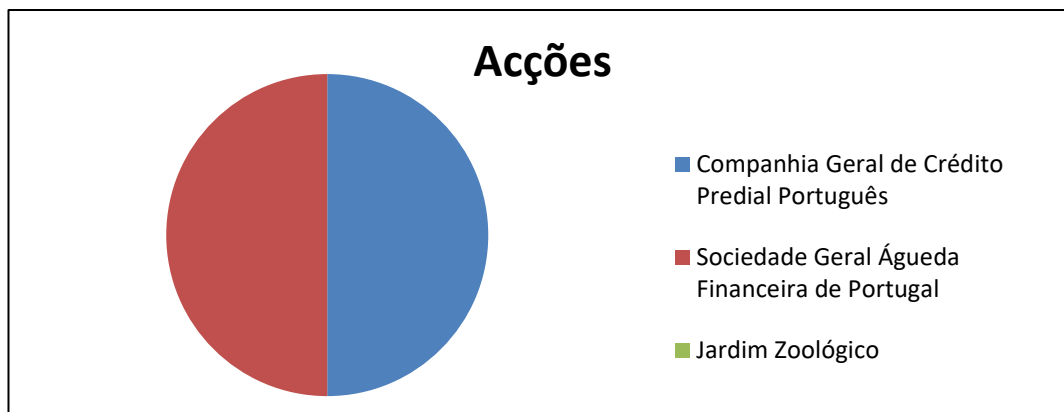
- O dote, de acordo com a escritura antinupcial (1870), no valor de 40 contos;
- Dois prédios urbanos na Travessa da Conceição de Cima;
- O valor de 12.934.190 reis que perfazia a cota estipulada;
- Vários domínios directos através de foros anuais:

78 alqueires de trigo, 60 alqueires de cevada, e seis galinhas, no Casal do Louro, em Benfica; 36 alqueires de trigo e 6 galinhas, no Casal Ribeiro e 168 alqueires de cevada, no Casal das Afonsas, em Belas.

O filho, José Ribeiro da Cunha Júnior e sua mulher, além do supra referido, receberam:

Nº Acções	Identificação do título	Capital nominal por acção (reis)
100	Companhia Geral de Crédito Predial Português	90.000
100	Sociedade Geral Águada Financeira de Portugal	90.000
10	Jardim Zoológico	

Quadro 5 - Acções recebidas pelo filho de José Ribeiro da Cunha e sua esposa.



Quadro 6 - Gráfico das Acções / Companhias.

- 8 Inscrições de assentamento na Junta de Crédito Público, de capital nominal de 1 conto de reis cada;
- Uma dívida de Joaquim António Teixeira Barbosa, através de uma letra no valor de 42 contos de reis;
- O Casal dos Castelos, em Benfica;
- O valor de 11.139.330 reis como preenchimento da cota.

A divisão pormenorizada de bens atesta o património acumulado deste homem de negócios, José Ribeiro da Cunha. Acresce ainda, que designou como testamentários, em primeiro lugar a sua mulher; em segundo lugar, o cunhado António Pereira de Carvalho; e na falta de algum destes, um Juiz Desembargador, amigo do testador, de nome António de Vasconcelos Pereira Coutinho de Macedo. António Pereira de Carvalho viria a ser designado, também como liquidatário dos valores da herança este também era morador na Praça do Príncipe Real, no nº 46, fio a pessoa que abriu e fechou o ciclo do testamento (abertura, gestão e liquidação).

Por sua última vontade, descrita no seu testamento, declarou: - “ Quero que o meu funeral se faça sem pompa alguma, sendo o meu corpo conduzido n’uma berlinda para a Igreja, onde se fará uma simples encomendação, e d’ali transportado do mesmo modo para o meu Jazigo no cemitério Alto de São João, acompanhado por oito pobres do Asylo dos inválidos do trabalho, dando-se a este estabelecimento a esmola de cem mil reis. Prohibo absolutamente convites, e annuncios nos Jornaes, para o meu funeral ”(*Vide Documento 7*).

A personalidade de José Ribeiro da Cunha confunde-se, assim, entre uma vida de trabalho, uma vida faustosa, de que é talvez expoente o Palácio Ribeiro da Cunha, e uma morte com um funeral que o mesmo quis, simples e sem alaridos.

2. Um Palácio neo-árabe na Lisboa de Oitocentos

2.1. Implantação e integração na malha urbana

A arquitectura ao longo dos séculos teve uma relação muito forte com os vários poderes - político, religioso, económico ou social - sendo muitas vezes vista como expressão simbólica desses. No entanto esta avaliação não põe em causa o valor estético das obras, nem a sua utilidade, bem pelo contrário.

É no século XIX que esta ganha autonomia, bem como o arquitecto (pelas suas criações), e por força dessa autonomia, a arquitectura assume um novo papel tão importante como complexo com o crescimento das cidades.

Remontamos à 2ª metade do século XVIII, período em que na Inglaterra era inventada a máquina a vapor, que em comunhão com a modernização da agricultura, o aumento da população, e a grande acumulação de capital, permitiu o surgimento da Revolução Industrial.

Posteriormente a revolução agrícola promoveu o crescimento populacional, a revolução dos transportes e consequentemente o crescimento das cidades.

É na segunda metade do século XIX que se verifica uma grande actividade na transformação urbanística das principais cidades europeias, como, Paris, Barcelona, Viena e Lisboa alterando significativamente as suas fisionomias.

Esta transformação leva a que as cidades apresentem grandes problemas criados pela industrialização, pelo forte crescimento demográfico, pela concentração nos subúrbios da indústria e os bairros operários de classes médias, ao nível de infraestruturas, equipamentos, habitação e higiene.

No centro das cidades surgem jardins, parques, alamedas, passeios públicos, avenidas e *boulevards* que se fazem rodear de comércio, serviços e bairros residenciais da alta burguesia.

À semelhança do que acabamos de descrever, Lisboa nos meados do século XIX, é caracterizada por avenidas, jardins e grandes palacetes pertencentes à classe burguesa associada à indústria, às actividades bancárias e ao comércio com a África.

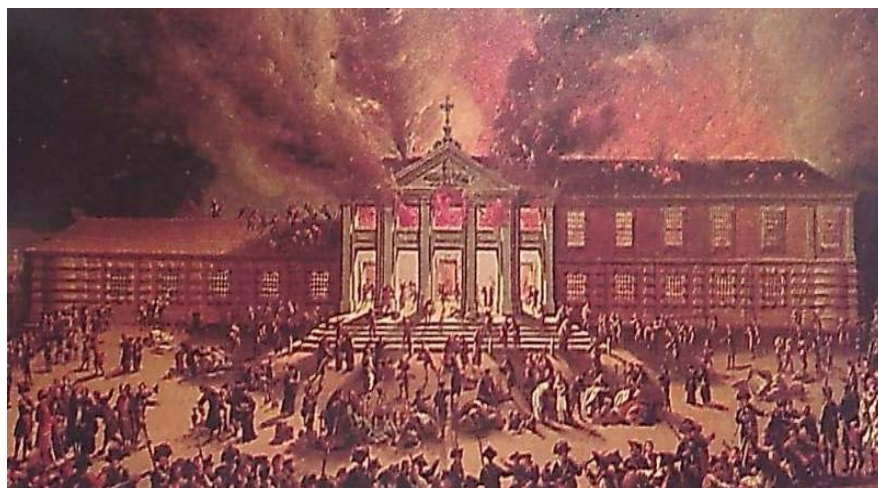
O programa urbanístico de Frederico Ressano Garcia prevê um plano de construção de um conjunto de avenidas, que vão facilitar a circulação e,

simultaneamente, vão servir de apoio à criação de bairros residenciais para a média e alta burguesia. A Avenida da Liberdade, como ponto central deste plano, é pensada como zona habitacional, destinada a prédios de arrendamento ou habitação própria, mas também como local de passeio e convívio, bem como de acontecimentos públicos.⁷ Por volta de 1860, - “(...a câmara de Lisboa urbaniza a antiga praça da Patriarcal Queimada (actual Príncipe Real), que passou a ser “uma das mais atraentes e majestosas da cidade”, convertendo-a num lugar de desejo por gentes de proventos avultados, que a “bordaram de palacetes e elegantes construções modernas...”⁸

A designada Praça da Patriarcal Queimada, localizada no velho alto da Cotovia, local que até ao fim do século XVIII é marcado por arrabaldino e descampado, destaca duas grandes propriedades: o Palácio dos Soares, ditos da Cotovia, e o Noviciado da Cotovia, este construído no primeiro quartel do século XVI. Sendo este o local escolhido para a implantação de grandes projectos, teve como início o Palácio do conde de Tarouca, (inviabilizado pela dimensão grandiosa da construção), que após vendido deu lugar ao início das obras para instalação do Colégio das Missões da Companhia de Jesus, este sem melhor sorte uma vez que foi abaixo pelo terramoto de 1755. Por toda a cidade se fazia sentir a devastação do terramoto, e a igreja Patriarcal que não escapara, e que se vira sem localização definitiva, aproveitou o que restava da construção do conde de Tarouca, e transferiu para aí a Patriarcal. Embora já se praticasse culto desde 1756, esta é inaugurada em 1764, mas cinco anos mais tarde, a 10 de Maio de 1769, a estrutura de madeira da Basílica não resistiu às chamas que viria a consumir o edifício. Mais uma vez tudo ficara reduzido a um amontoado de pedras e rotulado por todos como “ Patriarcal da Queimada”.

⁷ <http://www.in-loko.pt/urbanismo-secxix.html>. (21/11/2014 – 19,30 h)

⁸ Regina ANACLETO, *Arquitectura Neomedieval Portuguesa*, Lisboa, Museu Calouste Gulbenkian, 1996, p.15



Fotografia 2 - A Patriarcal da Queimada – Pintura de Joaquim Manuel da Rocha.

A referida propriedade viria a ser agregada a outras, num conjunto loteado em oito chãos, que os religiosos Jesuítas terão arrendado a João Pereira da Costa, tendo permanecido na família Pereira de Azambuja durante cerca de um século, até aos primeiros anos de 1830. As oito propriedades deram lugar a quatro prédios construídos na segunda metade de oitocentos, criando assim uma frente urbana que hoje delimita a zona Norte da praça do Príncipe Real, desde a calçada da Patriarcal até à rua da Escola Politécnica.⁹

Dois desses prédios a poente, deram lugar ao Palacete Azambuja-Anjos mandado construir por José Lopes Policarpo Anjos, enquanto os outros dois mais a nascente foram adquiridos por **José Ribeiro da Cunha**, um abastado negociante de tabaco, a 26 de Agosto de 1871, por sete contos, cento e cinquenta mil reis. Estas - “(...duas moradas de casas contiguas, situadas na Praça do Príncipe Real, freguesia de S. Mamede desta cidade, as quais confrontam pelo poente com a mesma praça para onde têm os números oitenta e um a oitenta e oito pelo nascente com terreno do comprador, que tem entrada pela travessa ou calçada da Patriarcal Queimada, pelo sul com a mesma calçada ou travessa, pelo norte com prédio dele vendedor, que tem para a Praça do Príncipe Real os números setenta e seis a oitenta...)”(Vide Documento 8).

Os edifícios contíguos são também adquiridos por novos proprietários, todos abastados negociantes da Praça de Lisboa, que pouco a pouco davam origem a novos palacetes, residências de uma burguesia capitalista.

⁹ Segundo Jorge Ferreira Paulo, autor do levantamento histórico: “ *Palacete Ribeiro da Cunha, N.º 26 da Praça do Príncipe Real* “, pp. 2 - 6.

A nova praça do Príncipe Real, hoje Praça Rio de Janeiro, preparava-se agora para acolher nos seus jardins, estes novos vizinhos, oferecendo-lhes zonas para passeios românticos e a sombra do seu mais famoso habitante (o chamado cedro do Buçaco, *Cupressus Lusitanica*, assim classificado pelo Botânico Inglês Philip Miller).¹⁰

Estamos no último quartel do século XIX, (o século que assiste aos movimentos e José revivalistas), mais propriamente em 1877 José Ribeiro da Cunha manda construir a sua habitação, o ainda hoje de seu nome, Palacete Ribeiro da Cunha.¹¹



Fotografia 3 – Palacete José Ribeiro da Cunha.

Este edifício faz parte da sua propriedade composta por jardim que se articula com a fachada posterior do palacete, alguns anexos (antigas cavaleriças) e que confina com o Jardim Botânico e mantém uma ligação para o Beco da Alegria. Uma Arquitectura revivalista romântica, de estilo neo-árabe, que pretende recriar a arte islâmica antiga, manifestando o fascínio pelo exótico da cultura e a arte dos Países do Oriente. “(...) só um palacete se atrevia a tal gosto(...)”, é a opinião de José

¹⁰ David TRAVASSOS, *Guia dos Parques, Jardins e Monumentos de Lisboa*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2009 - “Philip Miller, pensava que a sua proveniência era de Portugal, mas a verdade é que fora plantado no século XVII no Buçaco mas é original do México”, pp.127 - 132.

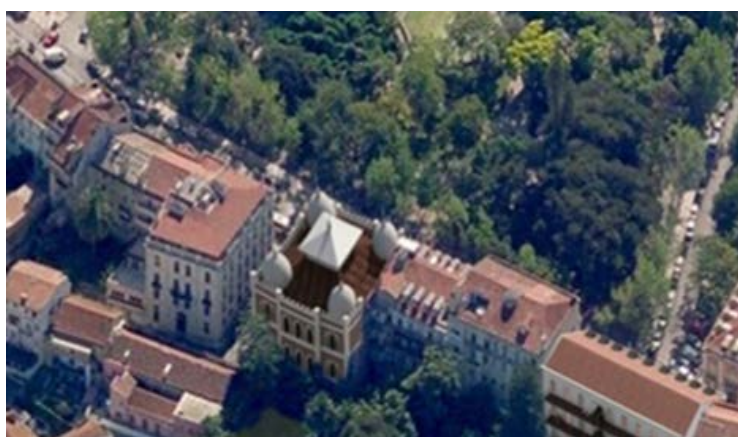
¹¹ “Projecto de edificação que pretende fazer José Ribeiro da Cunha, no terreno de sua propriedade sita na Praça do Príncipe Real, com frente para a calçada da Patriarcal Lucinada” – AML - Obra Nº 7346 – 7 de Maio de 1877 – Aprovado.

Augusto França, referindo que o supõe ser copiado dum Palacete de Manaus, propriedade do Comendador Evaristo Lopes Guimarães.¹²

O Palacete apresenta um enquadramento urbano, em zona de meia encosta, formando um gaveto, com a Praça do Príncipe Real e a Calçada da Patriarcal.



Fotografia 4 - Palacete Ribeiro da Cunha - Planta de localização.



Fotografia 5 - Palacete Ribeiro da Cunha - Planta de implantação.

Edifício de planta rectangular, apresenta uma cobertura de 4 águas com perfuração central onde se encontra uma claraboia com a mesma forma e 4 cúpulas como remates laterais. O alçado principal é orientado para a praça do Príncipe Real, e encontrando-se à mesma cota desta, o alçado lateral com acentuando desnível que termina a 4,6m e o alçado posterior que integrando uma segunda entrada no edifício, relaciona-se directamente com o jardim.

¹² José Augusto FRANÇA, *A Arte em Portugal no século XIX*, vol. I, Lisboa, Bertrand Editora, 1990, pp. 388-389

Com uma volumetria escalonada, o edifício é definido pelo seu exterior como sendo de 3 pisos pois apresenta uma separação por frisos de cantaria, embora um deles só seja visto no alçado posterior pois encontra-se parcialmente enterrado nos outros alçados. Contudo, interiormente divide-se em cave, piso térreo, piso nobre e sótão. Este último, que exteriormente não apresenta grande destaque mas interiormente pode ser considerado mais um piso.¹³ De grande relevância, o seu interior desenvolve-se em torno de um pátio rectangular, aberto à altura de todo o edifício, apresentando um iluminação natural que atravessa a já referida cobertura em ferro e vidro.

Este pátio é determinante na organização espacial e na articulação das divisões existentes nos três andares que sobre este se abrem em galerias assentes num conjunto de arcos e colunas. Com articulação directa mas apresentando-se como corpo independente, encontramos o vestíbulo e a escadaria de acesso aos pisos superiores, ambos espaços de grande relevo na circulação interna do edifício.



Fotografia 6 – P R C - Escadaria de acesso ao piso superior.

O Palacete destaca-se, sobretudo, pelo efeito cenográfico apresentando uma arquitectura não tão formal, mas com uma tendência romântica expressa num raro revivalismo neo-árabe.¹⁴

¹³ SIPA- IHRU – Teresa Vale e Maria Ferreira, 2002, act. João Machado, 2006

¹⁴ Como refere Hélder Carita in: José Augusto FRANÇA, *A Sétima Colina – Roteiro Histórico Artístico*, Lisboa, Livros horizonte, 1994, pp 98 – 99.

2.2. Edifícios semelhantes

O estilo neo-árabe, também vulgarmente conhecido de neo-islâmico, neo-mourisco ou neo-mudéjar, pretendia recriar a arte islâmica antiga. Fruto de um especial gosto pelo exótico da cultura oriental, surge na Europa, nos finais do século XVIII, através de inspiração da arte do Imperio Otomano, do Norte de África e Andaluzia, do Médio Oriente e do Imperio Mongol na Índia.

Em Portugal, nos primeiros anos do século XIX viviam-se momentos conturbados, especialmente entre 1807 e 1834 coincidindo com a saída da família real para o Brasil, provocada pelas invasões francesas e o domínio inglês que culminara na revolução liberal em 1820. No entanto, a curiosidade e o gosto pelo mundo árabe é notória especialmente na arquitectura portuguesa, pois esta acompanhou a Europa e surgiu uma arquitectura romântica, revivalista e eclética. -“ A Música, o Teatro, o Romance, a Poesia, a Arquitectura e as Artes Decorativas, não tardam em dar continuidade a um gosto ligado, quantas vezes, a um imaginário, puramente fantasista, que procura recuperar aspectos das Mil e Uma Noites transpostos para um passado que também fora nosso ”.¹⁵

Embora de uma forma muito leve, o mudéjarismo já se apresentava no período medieval, contudo, é na época manuelina que as suas influências passam a ser bem visíveis quer na arquitectura quer na sua decoração, relacionando-se com o mudéjar que se praticava em Espanha.

A gramática decorativa referida (neo-árabe ou neo-mourisco) reflectia-se em qualquer tipo de edifícios, fossem eles sinagogas, palacetes, fontes, praças de touros, ou pavilhões de recreio. Se pensarmos que a arquitectura está relacionada com a organização espacial do ser humano, quer seja uma zona habitacional, espaço de lazer ou profissional, o factor decorativo é muito importante uma vez que este é responsável por sentimentos e emoções criadas ao entrarmos num espaço. A decoração de influência neo-árabe suscitava muitas vezes a representação de paraísos proibidos sendo a Corte a primeira a manifestar este gosto eclético, seguida pela burguesia.¹⁶

¹⁵ Adalberto ALVES, *em busca da Lisboa Árabe*, CTT Correios de Portugal, 2007, p156.

¹⁶ Regina ANACLETO, *Neomanuelino, ou a Reinvenção da Arquitectura dos Descobrimentos*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1994.

2.2.1. Palácio da Pena



Fotografia 7 – Palácio da Pena.

Remontamos ao século XII e era construída na Serra de Sintra a Capela dedicada a Nossa Senhora da Pena, ou Penha em alusão aos grandes penedos ali existentes.

Em 1834, com a extinção das ordens religiosas este mosteiro é abandonado. Dois anos mais tarde D. Fernando de Saxe – Coburgo e Gotha casa com D. Maria II e em 1838 adquire, em hasta pública, o mosteiro e a respectiva cerca. Em 1843 inicia-se a construção daquele que é hoje o Palácio da Pena, uma obra marcante do Romantismo Português, no século XIX, referência arquitectónica de influência manuelina e mourisca. Um projecto do barão de Eschwege,¹⁷ e de D. Fernando II. Por volta de 1840, o Rei, decidiu transformar o convento num palácio acastelado e dois anos mais tarde, dá-se um acrescento com o “palácio novo”.

¹⁷ O alemão Wilhelm Ludwig von Eschwege, também conhecido por Barão de Eschwege, foi geólogo, geógrafo, arquiteto e metalurgista. Contratado pela Coroa portuguesa, vem para Portugal em 1802 onde trabalhou como director de minas até 1810. Neste mesmo ano deixa Portugal a caminho do Brasil, com um convite do príncipe regente D. João VI para integrar os trabalhos na mina de ouro e na indústria siderúrgica. Anos mais tarde volta a Portugal e viria a integrar o projecto do Palácio da Pena ao lado de D. Fernando II. http://pt.wikipedia.org/wiki/Wilhelm_Ludwig_von_Eschwege (07/01/2015 - 23.00h)

É de salientar a utilização de elementos arquitectónicos que se relacionam com o estilo manuelino, e com algum exotismo através de elementos orientais, mouriscos, (no revestimento de paredes e chão, a azulejo e mosaico, com técnicas específicas e uma paleta de cores importadas da Espanha mourisca), indianos, e marítimos, criando composições de cariz romântico.¹⁸ O motivo de inspiração, embora sendo variado, remete-nos para fontes mouriscas e mudéjares espanholas e obras manuelinas tais como: a Torre de Belém, pelas guaritas com cúpulas gomeadas e ameias, os Jerónimos, a ornamentação dos vãos com cordas entrelaçadas e frisos e o Convento de Cristo, com uma janela caricatural em negativo a “Janela do Trintão”.



Fotografia 8 – Palácio da Pena - Capitéis com motivos vegetalistas dentro de desenhos neo-mouriscos.

Contudo, é do “terraço da Rainha” que podemos ter a melhor percepção deste Palácio, composto por terraços desnivelados, escadas em caracol, várias guardas, arcos, corredores e passadiços que nos remetem a espaços assimétricos criados por um ideal romântico.

¹⁸ <http://www.parquesdesintra.pt/parques-jardins-e-monumentos> (27/08/2014 - 9.05h)



Fotografia 9 - Palácio da Pena - Claustro do antigo Mosteiro (paredes e chão revestidas a azulejos de desenho mudéjar).

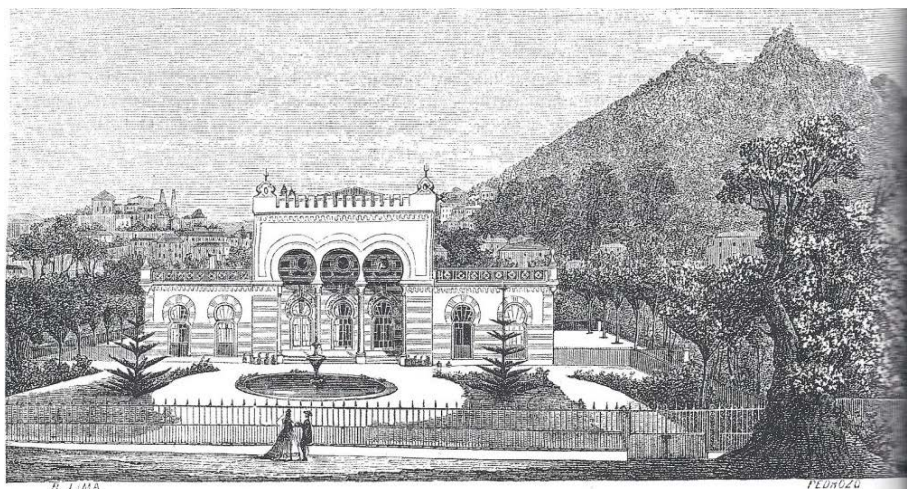
Quanto ao seu interior, tem um património invejável, estrutural, de mobiliário, ou peças decorativas tais como: cristais; vidros orientais; porcelanas francesas; pratas; tapetes turcos; entre outros. Salientem-se os estuques dos irmãos Meira, nos quartos das damas, representando troncos de árvores com pinhas no tecto e a imitação de madeira nas paredes, grinaldas de rosas e no quarto da rainha D. Amélia, anteriormente de D. Fernando II, estuques com motivos geométricos, mantendo a ilusão de uma sala islâmica. Também a sala Árabe, com a arcaria integralmente pintada a “trompe-l’oeil” pelo ilustre Paolo Pizzi, criando novos planos e perspectivas que nos remetem para uma dimensão quase irreal.

Mas é para o “Salão Nobre” que vai o nosso destaque, pela perfeição com os trabalhos em estuque, com motivos geométricos articulados em motivos vegetalistas de forte influência árabe. A estes espaços juntam-se muitos outros, que aqui não é feita referência, mas de igual valor. No entanto, não podemos esquecer os jardins carregados de simbolismo com fontes, pérgulas, capelas, chalets, cascatas, etc, que torna este palácio numa pérola romântica na Europa do século XIX.

Hoje é Património Mundial da Humanidade, sendo que, desde 2013, passou a integrar a Rede de Residências Reais Europeias.¹⁹

¹⁹ <http://www.serradesintra.net/palacios-de-sintra/palacio-da-pena> (01/09/2014 - 20,30h)

2.2.2. Pavilhão Mourisco da Quinta do Relógio



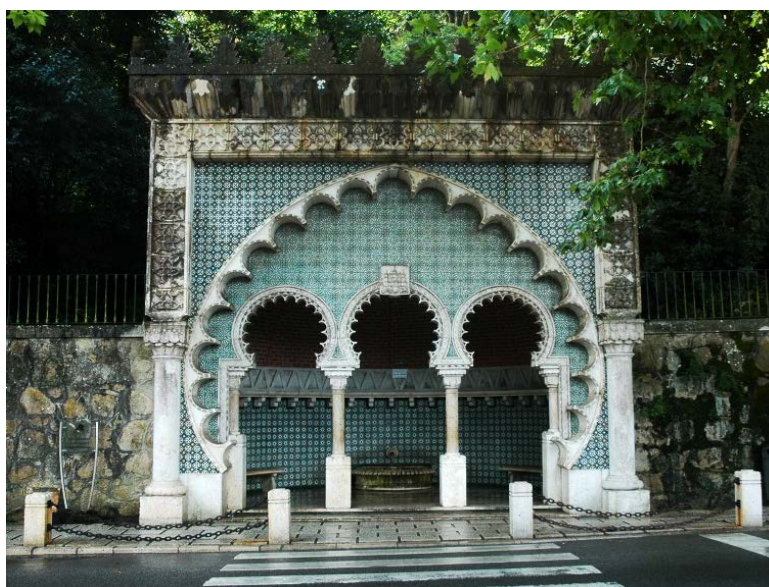
Fotografia 10 - Gravura antiga do pavilhão neo-mourisco da Quinta do Relógio.

Manuel Pinto da Fonseca, mais conhecido na época, pelo Conde de Monte Cristo, regressa a Lisboa vindo do Brasil, por volta do ano de 1850, acompanhado de grande fortuna proveniente do tráfico de negros e adquire uma propriedade chamada Quinta do Relógio, aos Marquês de Borba, situada na saída do centro da Vila Velha, defronte à Quinta da Regaleira. Monte Cristo pretendia integra-se na sociedade de então e para tal convida António Thomaz da Fonseca,²⁰ arquitecto e pintor dos anos 60 com estudos no estrangeiro e também ligado à vida artística portuguesa, a projectar um imóvel que fosse compatível com a sua situação financeira. À semelhança do Palácio da Pena, o arquitecto projecta um pavilhão neo-mourisco. Este divide-se em três corpos, um pavilhão central de topo ameado, ladeado de dois corpos mais baixos. O alçado principal apresenta-se ritmado por vãos que terminam com arcos em ferradura, e pintado com listas transversais que no corpo central apenas se encontram na parte inferior e a restante parede apresenta-se pintada com motivos florais e geométricos de influência árabe.

²⁰ “António Tomás da Fonseca (1822-1894), dedicou-se inicialmente à pintura, estudou na Alemanha, França, Inglaterra e Itália, mas vem a optar pela arquitectura. Foi director da Real Academia de Belas Artes e do Museu de Belas Artes à data da sua criação. Ficou em segundo lugar no concurso para o monumento de homenagem a D. Pedro IV e vencedor no concurso para o monumento Aos Restauradores de 1640” <http://www.lisboapatrimoniocultural.pt-Tomas-da-Fonseca.aspx> (07/01/2005 – 23,15h).

O exótico palacete, que ostenta também inscrições em árabe com a divisa dos reis de Granada, acolheu em "lua-de-mel" o rei D. Carlos e a rainha D. Maria Amélia de Orleães.

Anos mais tarde, já no primeiro quartel do século XX, foi construída uma Fonte Mourisca, da autoria do Mestre José da Fonseca. Esta apresenta um desenho neoárabe, constituído por um grande arco em ferradura que por sua vez apresenta no seu interior mais três arcos com as mesmas características e emoldurados com gramática decorativa em azulejos neo-mudéjares quer no exterior quer no seu interior.²¹



Fotografia 11 - Fonte Mourisca - Sintra.

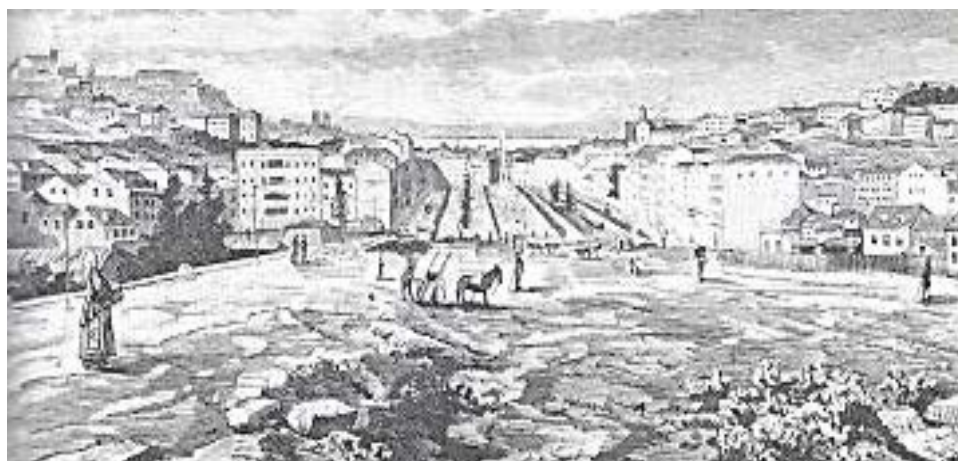
Embora com um parque de limitadas dimensões, encontramos nos jardins uma vegetação exótica, nomeadamente, magnólias, camélias, buxos, fetos arbóreos, etc, bem como lagos coberto por nenúfares.

Hoje faz parte dos edifícios classificados como Património da Humanidade pela UNESCO.

²¹ Regina ANACLETO, *Neomanuelino, ou a Reinvenção da Arquitectura dos Descobrimento*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1994.

2.2.3. Palacete Conceição e Silva

No ano de 1886 decorria o concurso internacional para o projecto do parque da liberdade de forma a continuar o traçado da avenida após atravessar a grande rotunda.



Fotografia 12 - As obras de abertura da Avenida da Liberdade em 1885.

O projecto do arquitecto paisagista Henri Lusseau ²² é o escolhido para a referida obra. A vitória deste concurso possibilita-lhe a aquisição de várias outras obras e convites de particulares para projectar casas de habitação.

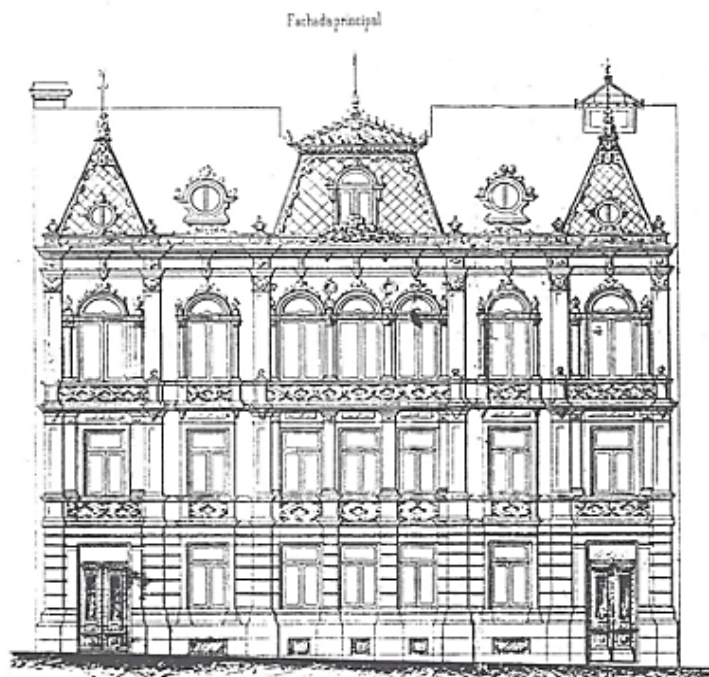
É o caso de Conceição e Silva, que embora já tivesse um projecto elaborado por Parente da Silva em 1888, e inclusivamente já licenciado, não resiste e encomenda um novo projecto ao arquitecto francês.

Embora mantendo a semelhança da fachada já desenhada por Parente da Silva, introduz algumas mudanças tais como: a retirada das mansardas; a criação de um corpo central mais elevado, destacando-o; e coroando-o com ameias; eliminação das pilastras e imposição de uma nova composição decorativa com gramática neo-mourisca. ²³

²² Henri Lusseau, arquitecto paisagista, francês, dos projectos que desenvolveu em Portugal destaca-se além do projecto para o Palacete Conceição e Silva, os primeiros planos entre 1895 e 1896 para o pátio e palácio em estilo neogótico da Quinta da Regaleira, planos estes que acabaram por não ser executados.

O projecto do concurso internacional já referido, para um parque urbano em Lisboa numa zona de que faz parte hoje o parque Eduardo VII, por dificuldades financeiras não se veio a construir.

²³ Regina, ANACLETO, *Neomanuelino, ou a Reinvenção da Arquitectura dos Descobrimento*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1994, p. 132



Fotografia 13 - Palacete Conceição Silva - Alçado Principal do primeiro projecto.

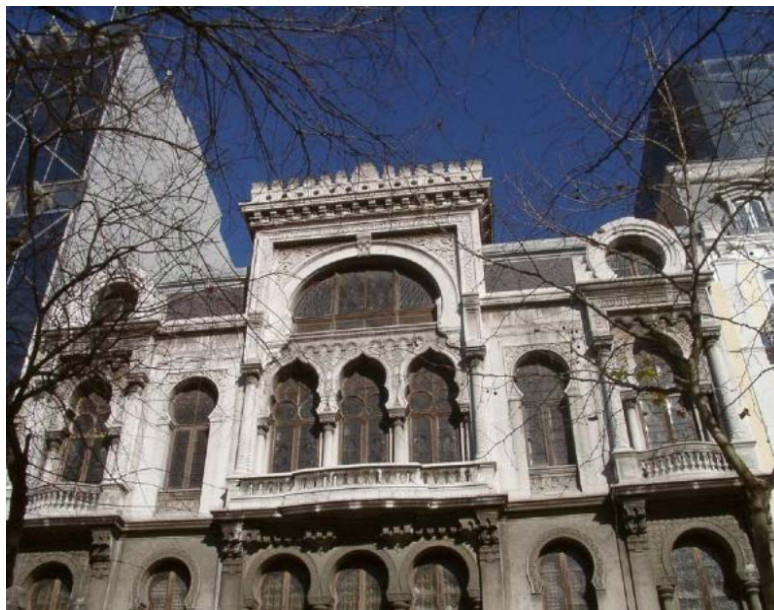
O Palacete Conceição e Silva localizado na Avenida da Liberdade nº 226 e 228, teve o início a sua construção em 1891.

Traduzindo uma arquitectura romântica, insere-se no estilo neo-árabe, no entanto apresenta um ecletismo na sua gramática decorativa, especialmente do período Arte Nova, visível no tipo de telhado, nos seus estuques pintados ou trabalhados e especialmente nos vitrais com gramática decorativa geométrica e figurativa.

No alçado frontal, - “ (...O corpo central, mais elevado, forma uma espécie de torre ameada, de inspiração mudéjar, vazada por um grande arco redondo e rematada por platibanda com merlões escalonados. Os corpos laterais, por sua vez, surgem rematados por uma espécie de mansarda, com janelão redondo, muito saliente, e emolduramento de cantaria. Nesta fachada merecem destaque as duas portas com arco em ferradura e alfiz decorado; e as janelas dos vários registos: umas com arco em ferradura assentes em colunas, outras com molduras de tipologia variada e outras, de sacada, em arco trilobado e em ferradura, com alfizes decorados e assentes em colunas, todas elas decoradas com os vitrais já referidos ...)”.²⁴

²⁴ <http://www.cm-lisboa.pt/en/equipments/equipment/info/palacete-conceicao-e-silva> (04/10/2014-16,55h)

Este imóvel encontra-se nos dias de hoje classificado como IIP, Imóvel de Interesse Público.



Fotografia 14 - Palacete Conceição e Silva - Fachada principal.



Fotografia 15 - Palacete Conceição e Silva - Fachada principal: pormenor de janela neo-árabe.

2.2.4. Palacete de Monserrate

A mais antiga notícia sobre a história de Monserrate remonta a uma antiga capela que fora mandada construir na Quinta da Bela Vista, na Serra de Sintra. O terramoto de 1755 provocou grandes estragos na propriedade e já no final do século, por volta do ano de 1790, a sua proprietária, D. Francisca Xavier Mariana de Faro Melo e Castro arrenda a propriedade a Gerard DeVisme,²⁵ e manda construir uma mansão neo-gótica.

De Visme vem a subarrendar a propriedade a William Beckford, em 1794, que realizou obras no palácio e começou a criar um jardim romântico.

Mas mais uma vez o novo arrendatário fica pouco tempo em Portugal e, em 1799, a propriedade volta novamente ao abandono.



Fotografia 16 - Monserrate - Gravura do antigo Palácio orientalizante.

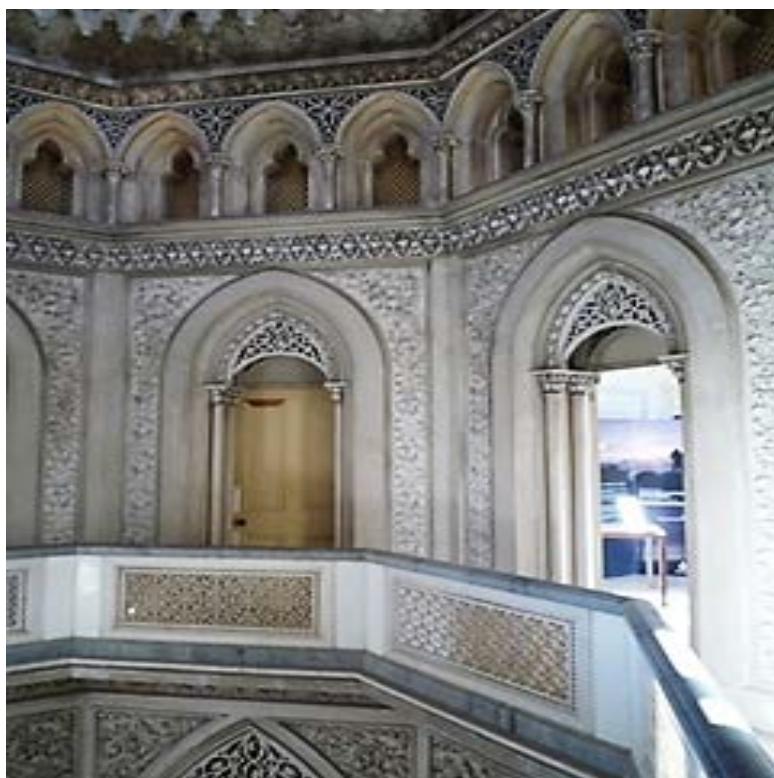
Meio século passado, é no ano de 1856 que Francis Cook²⁶ adquire na Serra de Sintra a propriedade de Monserrate (à família Mello e Castro), que engloba a quinta e a casa apalaçada.

²⁵ Gerard DeVisme, (1725 – 1797) um comerciante inglês, foi hóspede e locatário do Palácio do Marques de Pombal, na rua Formosa, hoje rua doo Século. Detinha uma confortável estabilidade financeira, proveniente do monopólio da importação de madeiras exóticas vindas do Brasil, o que manifesta um bom relacionamento com Marquês de Pombal.

http://amigosdemonsserrate.com/sites/amigosdemonsserrate.com/files/5._Conferencia_Jose-Augusto_Franca.pdf (08-01-2015 - 15,45h)

²⁶ Francis Cook, (1817-1901), um milionário inglês, comerciante de têxteis e grande colecionador de arte britânica. http://pt.wikipedia.org/wiki/Francis_Cook (08/01/2015- 16,10h)

Um ano mais tarde, o arquitecto londrino, James T. Knowles Sênior, projecta para Monserrate um edifício de formas mouriscas e indianas, gostos que, à época, eram expressos em habitações de carácter burguês, sem, no entanto, descuidar a sua implantação paisagística. Mas o início da obra só se faz em 1863, com a supervisão de J. Samuel Bennett, e surge, assim, um imóvel dotado de um conjunto de estilos arquitectónicos, sendo predominante um exotismo orientalista onde é marcada uma gramática decorativa com motivos vegetalistas com se de uma renda se trata-se.



Fotografia 17 – Palacete de Monserrate – Interior.

“Medindo cerca de setenta e dois metros de comprimento, apresenta uma estrutura central cúbica, que se confronta com duas torres cabeceiras, redondas e cobertas por elegantes cúpulas, a fazer lembrar flor de lótus estilizadas, facto que lhe confere singular exotismo; (...) As aberturas que se rasgam nas brancas paredes exteriores de Monserrate, e que contrastam com as cúpulas vermelhas, aduzem, acima do lintel, ‘bandeiras’ ogivaladas, preenchidas com arabescos filigranados de pedra, por vezes a ocuparam segundo arco interior subordinado aos cânones mouriscos“.²⁷

²⁷ Regina ANACLETO, *Neomanuelino, ou a Reinvenção da Arquitectura dos Descobrimento*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1994, p.119



Fotografia 18 - Palacete de Monserrate - Exterior.

Os jardins circundantes fazem parte integrante do palácio, de características muito próprias, o clima, o chão fértil e as neblinas marinhas possibilitam a existência de um número de espécies exóticas, e árvores de grande porte, o que eleva este conjunto de Monserrate a uma beleza natural impar.²⁸ Parque e Palácio de Monserrate foram classificados como Imóvel de Interesse Público em 1975, integrando-se na Paisagem Cultural de Sintra, classificada pela UNESCO como Património Mundial da Humanidade desde 1995.



Fotografia 19 - Palacete Monserrate - Jardins - Queda de Água.

²⁸ <http://www.serradesintra.net/palacios-de-sintra/palacio-de-monserrate> (01/09/2014 - 20,30h).

2.2.5. Salão Neo-árabe da associação Comercial do Porto

A Associação Comercial do Porto²⁹ foi criada em 1834, e tal como o Tribunal do Comércio da Cidade do Porto, teve as suas primeiras instalações no convento de S. Francisco, (dada a concessão a 19 de Junho de 1841, por ordem de Sua Magestade, a Rainha D. Maria II).

Em 1839, o arquitecto Joaquim da Costa Lima Júnior³⁰ foi o escolhido pelos sócios para desenhar um edifício condigno, de forma a albergar a respectiva associação e a construção começa em Outubro de 1842.

No entanto, só 20 anos mais tarde, a 15 de Setembro de 1862, se inicia a construção do grande salão neomourisco, um projecto de Gonçalves e Sousa.³¹

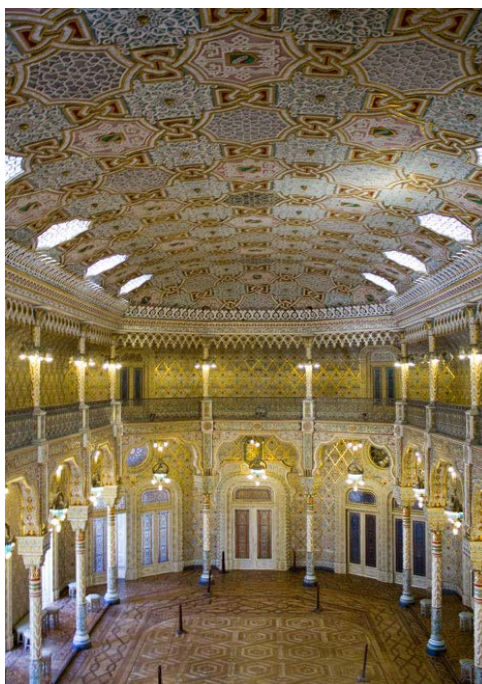
- “ O Salão neomourisco, que mede 27,5m de comprimento e 13,75m de largura, mostra a forma de um paralelograma com ângulos truncados apresenta a circuitar todo o recinto, no piso superior, uma galeria assente em colunas rematadas por elegantes arcos. Entre cada coluna da segunda galeria existe um varandim de ferro, que segue o estilo do salão, pintado branco, com rosetas, moldadas e filetes dourado “e todo coroado por um chapim de côr escarlate”. No pavimento do salão podem observar-se belos mosaicos de madeiras raras: jacarandá, pau-cetim, mogno e plátano; e no tecto, “arcado em ponto abatido”, abrem-se, a fim de permitir a entrada coada da luz, cinco lunetas com vidros de cores (...) A ornamentação de toda a sala e das suas dependências utiliza o estilo árabe.

²⁹ A Associação Comercial do Porto (ACP), também vulgarmente chamada de Câmara de Comércio e Indústria do Porto, é a mais antiga associação empresarial de Portugal. Criada a 24 de Dezembro de 1834 na cidade do Porto com a finalidade de assegurar a representação da comunidade de negócios da região a nível nacional e internacional. Hoje recebe variados inventos culturais, sociais e políticos da cidade. <http://www.palaciadabolsa.pt/pt/palacio-da-bolsa/apresentacao-institucional-20120713-11135/apresentacao-historica> (27/11/2014 - 11,55h).

³⁰ Joaquim da Costa Lima Júnior, (1806-1864), arquitecto, foi professor de Arquitectura Civil na Academia de Belas Artes do Porto, esteve ao serviço na Câmara Municipal do Porto. Assinou vários projectos como o do Palácio da Bolsa, o edifício do Senado Angrense em 1849, o do edifício onde hoje se encontra o Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto, entre outros. http://pt.wikipedia.org/wiki/Joaquim_da_Costa_Lima_J%C3%BAnior (08/01/2014 – 16,30h)

³¹ Gustavo Adolfo Gonçalves e Sousa, (1818-1899), Engenheiro Civil de Pontes e calçadas, lecionou na Academia Politécnica do Porto desde 1851, integrou vários projectos como: a comissão para a construção da Academia Politécnica; dirigiu as obras do Palácio da Bolsa no Salão Árabe em 1862; colaborou na construção do Palácio de Cristal, desenhado por Thomas Dillen Jones e executado por F. W. Shields. Foi director do Instituto Industrial do Porto, trabalhou como Engenheiro na Câmara Municipal do Porto; Projectou a Avenida da Boavista e traçou a planta da nova Capela Geral do Cemitério de Agramonte. <http://sigarra.up.pt> – Universidade do Porto (27/11/2014 -12,30h).

Paredes, tectos, cornija e arcaria, são guarnecidos de belos arabescos de gesso, em relevo, dourados a ouro brunido e fosco, sobre fundo de cor e ostentam, à maneira de decoração, inscrições em caracteres árabes, alusivas à fundadora.”³²



Fotografia 20 – Salão Neo-árabe da Associação Comercial do Porto.



Fotografia 21 - S N A C P - Pormenor do estuque.



Fotografia 22 - S N A C P - Pormenor do estuque.

³² Regina ANACLETO, *Neomanuelino, ou a Reinvenção da Arquitectura dos Descobrimento*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1994, p.123



Fotografia 23 - S N A C P - Parte do vitral das portas.



Fotografia 24 - S N A C P - Pormenor do tecto.

Este grande salão que nos transporta para um ambiente cenográfico, das “Mil e uma Noites” foi certamente fruto de inspiração num modelo mudéjar, numa reinterpretação de estilos artísticos cristãos (romântico, gótico e renascentista), com a arte islâmica.

Por último, mas não menos importante, o antigo claustro do convento a céu aberto, um espaço com 506 m², é denominado hoje de “Pátio das Nações”. Destaca-se pelo conjunto de colunas pompeanas em ferro fundido, que servem de suporte, de forma a aliviar as paredes, da carga que a imponente cúpula metálica exerce, bem como a sua vidraça.

Da autoria de Tomás Soller, esta cúpula permite uma generosa entrada de luz, e transmite uma elevada verticalidade que confere ao espaço uma beleza transcendental.



Fotografia 25 - S N A C P - Pátio das Nações.

Merece também uma especial atenção o pavimento, um mosaico cerâmico, do mesmo autor, apresenta uma gramática decorativa com motivos geométricos, inspirada greco-romanos descobertos em Pompeia.



Fotografia 26 – S N A C P - Pavimento em mosaico cerâmico de Tomás Soller.

2.2.6. Clube Majestic (Casa do Alentejo)

No início do século XX, a cidade de Lisboa vivia as inovações urbanísticas iniciadas nos finais do século anterior. O desenvolvimento demográfico, a par da crescente industrialização e consequentemente o alargamento da área urbana, concretizava todos os programas e dava a Lisboa o título de cidade cosmopolita.

A transformação social também se faz sentir, devido à revolução liberal de 1820 e às políticas iniciadas pelos governos liberais. Uma nova burguesia transforma-se no grupo social mais importante, detendo uma forte presença política, financeira e social, em que os valores e costumes tradicionais davam lugar a novas vivências de luxo e diversão.

Lisboa segue as tendências de outras cidades cosmopolitas e é na “Baixa” que podemos encontrar a maior parte dos "clubs", mais propriamente na

Av. da Liberdade, Restauradores, a zona do Chiado, abrangendo ainda a Rua das Portas de Santa Antão (onde encontramos três dos mais significativos clubes da noite lisboeta: "*Bristol Club*", "*Magestic Club*" e o "*Palace Club*").³³

Decorria o ano de 1919 e em Lisboa, mais propriamente na rua das Portas de Santo Antão, era inaugurado o 1º casino da capital. A firma “Rezende Lda” de Júlio César de Rezende,³⁴ aluga o Palácio Alverca (edifício dos finais do século XVII, uma propriedade de José Pais do Amaral, visconde de Alverca). O projecto de alterações ficou a cargo do arquitecto António Rodrigues da Silva Júnior,³⁵ que embelezara o espaço com um estilo neo-árabe e revivalista do século XIX.

O “Majestic Club” oferecia aos seus visitantes “(... uma multiplicidade de serviços, indo desde o restaurante, engraxador, barbearia, “toilette”, tabacaria, sala de leitura, sala de “bridge”, “salles privés” e acima de tudo, a grande atração de então – sala de jogos. Era sem duvida um dos maiores e mais luxuosos clubes masculinos nocturnos ligados à boémi, ao jogo, e aos negócios...)”.³⁶

A este espaço arquitectónico juntou-se “ (...mobiliário elegante, espelhos, lustres, a par com pinturas de Benvindo Ceia e Domingos Costa, com azulejos de Jorge Colaço,³⁷ e com uma exuberante decoração mourisca que abrangia o pátio e a escadaria principal ...)”.³⁸

³³ Júlia Leitão de Barros, *Os Night Clubs de Lisboa nos Anos 20*, Lisboa, 1990

³⁴ Júlio César de Rezende foi fundador dos primeiros casinos e clubes portugueses (“*Magestic Club*” em 1919, o “*Casino da Madeira*” por volta de 1923, o “*Casino da Figueira da Foz*” em 1930 e o “*Casino de Espinho*” em 1932).

³⁵ António Rodrigues da Silva Júnior (1868 – 1937) nasceu em Paris a 29 de Abril de 1868. Filho do pintor António Rodrigues da Silva (pintor do séc. XIX). Arquitecto de profissão, conta com várias obras no seu *curriculum*: casas de habitação, edifícios públicos como os Paços do Concelho de Cascais, a Estação Termal do Estoril e de Cascais, o Balneário das Termas de Vidago, ampliação do Chalet Maria Amélia, o Palacete Alexandre Nunes de Sequeira (Estoril) e o Grande Casino no Estoril, entre outros, projectos como o Edifício na Rua Pascoal de Melo, n.º 5-7 (que lhe valeu uma Menção Honrosa do Prémio Valmor 1914), e o projeto de alterações do Palácio Alverca em Lisboa, futuro Monumental Club ou Magestic.

³⁶ Nuno LUDOVICE, *Lisboa 1918: ...”cidade de aparência alegre e louca...”*, Lisboa, Cadernos do Arquivo Municipal, Nº 4, 1ª Série, 2000.

³⁷ Filho do diplomata Jorge Colaço, “O Mestre”, como era conhecido na época, nasceu em Tânger e cedo manifestou jeito para o desenho e caricatura. Estudou pintura em Paris e Madrid, mas é da sua amizade com o Inglês Gilman, (na altura, director da fábrica de Sacavém) que surge a sua actividade como pintor de Azulejo. Em 1920-1940 esteve também ligado à fábrica “A Lusitana” (chegando a ser director).

Desta decoração mourisca destacamos a porta árabe com vitrais (após terminarmos a subida das escadas), o pátio central árabe que comporta elementos decorativos (como arcos ogivais e caneluras em estuque, apoiados em colunas também elas em estuque marmoreado e o trabalhado dos arcos em ferradura) de estilo árabe puramente hispânico.



Fotografia 27 – Casa do Alentejo - Pátio Árabe.

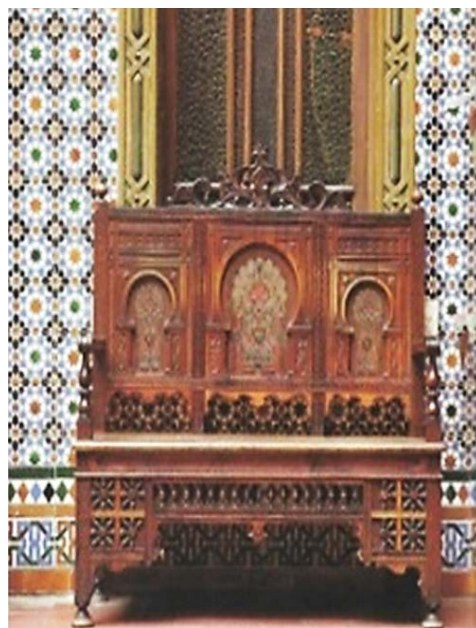
Também associado à decoração neo-árabe, salientamos a transformação do átrio, incorporando uma estrutura de ferro e vidro por onde passa uma luz suave que amplia toda a rica policromia aqui existente. Os lambrins, (com inscrições em árabe e azulejos tipo corda-seca de cores fortes provenientes de óxidos metálicos, como: cobalto - azul, cobre - verde, magnésio - castanho, ferro – amarelo, estanho – branco e com uma decoração geométrica e vegetalista) fazem-se realçar no ambiente recriado com mobiliário representando o mesmo estilo.

A sua obra encontra-se espalhada pelo Mundo: Hotel do Buçaco com o painel da Batalha do Buçaco e as conquistas dos Portugueses em África e na Índia; Sala dos Passos Perdidos da antiga Faculdade de Medicina de Lisboa; Estação de São Bento, no Porto; estação de Caminho-de-ferro em Beja, Évora, Castelo de Vide, Marvão entre outras. No estrangeiro destacamos: Inglaterra, Castelo de Windsor; Suíça, antigo palácio da Sociedade das Nações em Genebra; Estado Unidos; Espanha; Bélgica; Argentina; Brasil; Cuba; entre outros.

³⁸ Regina ANACLETO, *Neomanuelino, ou a Reinvenção da Arquitectura dos Descobrimento*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1994, pp.143-144.



Fotografia 28 - Casa do Alentejo - Lambrins corda-seca.



Fotografia 29 - Casa do Alentejo - Mobiliário da época.

Contudo, este edifício prima pela diversidade de estilos, medieval, gótico, e neo-renascença, colunas e capitéis dóricos ainda pinturas decorativas.

Já no salão Luís XVI (restaurante) encontramos duplas portas envidraçadas, intercaladas com espelhos e motivos decorativos, criando uma ilusão de amplas janelas rococó (que escondem as exteriores).

No hall contíguo à sala de leitura, podemos ver azulejos "arte nova", com motivos de cartas de jogar, possivelmente também da autoria de Jorge Colaço.

O Majestic daquela época representava um gosto sóbrio no meio da riqueza dos rendilhados dos estuques e ainda do mobiliário elegante e das lâmpadas de iluminação.

Nos finais de 1920, o agora denominado “Monumental Club”, passava a ter uma nova gerência, a “Sociedade de Hotéis e Restaurantes” (de Carlos Nápoles de Carvalho) que, no entanto, viria a fracassar, sendo trespassado ao Grémio Alentejano. É em 1981 que a Casa do Alentejo compra o imóvel a Adriano José Pais do Amaral, mantendo-se como proprietário até hoje. O imóvel encontra-se classificado como “Monumento de Interesse Público”.

2.2.7. Praça de Touros do Campo Pequeno



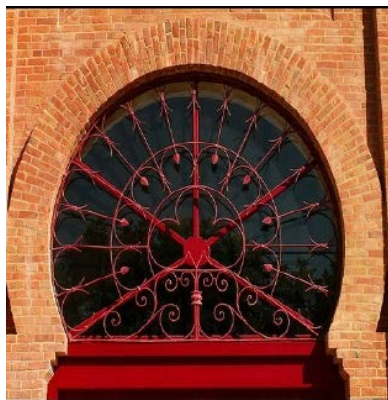
Fotografia 30 - Praça do Campo Pequeno.

Desde a antiguidade Clássica que os espetáculos de divertimento e rituais representam confrontos (entre o homem e o touro) relacionados com o uso da força, bravura e poder. Sem local fixo, encontramos praças improvisadas em várias zonas da capital como: no Terreiro do Paço e Rossio, pelos pátios dos terreiros do Palacete Galveias ou de Seteais.

Em 1888, e depois de ser demolida a Praça de Santana, a provedoria de Margiochi indica a zona do Campo Pequeno como espaço para a edificação do novo tauródromo, sendo esta, uma zona onde já há muito aconteciam festividades com touros.

Decorria o ano de 1874 e era construída em Madrid uma famosa praça de touros que viria a suscitar grande interesse em Portugal, de tal forma, que após a ordem para a construção da praça de Lisboa, prontamente foi pedido ao ministério dos negócios estrangeiros, os esboços dos planos, os custos da construção, o nome do construtor e a lotação da praça de Madrid. Uma vez na posse de toda a informação e introduzindo alguns ajustamentos nas plantas técnicas (tendo em conta as diferenças existentes no tipo de toureio entre Portugal e Espanha), o Arquitecto António José da Silva, projecta (a título de voluntariado) a praça de Touros do Campo Pequeno que viria a ser inaugurada a 18 de Agosto de 1892.

A construção representa uma inovação para a época. A utilização do tijolo e revestimentos cerâmicos, sem, no entanto, não descurar regras básicas do neoclassicismo, como funcionalidade e rentabilidade, é a arquitectura adaptada a uma nova estética. Construída com base em pormenores de estilo neo-árabe, o edifício de forma circular, apresenta uma construção em tijolo vermelho maciço (à semelhança da arquitectura mudéjar ibérica), que provoca uma boa conjugação de volumes, realçados também pelo ritmo criado pelos arcos de ferradura (que se encontram nas portas e janelas) e ameias.



Fotografia 31 - Praça do Campo Pequeno – Bandeira de uma das portas em arco de ferradura.

As quatro torres, com cápsulas em forma de bolbo nos eixos longitudinal e transversal, e os elementos decorativos como estuques, talha e cores fortes, confere-lhe um carácter espiritual à semelhança das mesquitas, e ao mesmo tempo transporta-nos para cenários de carácter cenográfico.



Fotografia32 – Praça do Campo Pequeno Campo - Torre principal.

2.3. O Palacete Ribeiro da Cunha e outros edifícios com apontamentos neo-árabes de Lisboa

Numa análise geral dos edifícios aqui estudados podemos afirmar que à semelhança do Palacete mandado construído por José Ribeiro da Cunha, estes, fazem parte de um conjunto de exemplares arquitectónicos de influência revivalista romântica, de estilo neo-árabe, responsável pela recriação da arte islâmica antiga, manifestando o fascínio pelo exótico da cultura e a arte do Oriente.

A abordagem dos vários edifícios assenta no estudo e análise não só das suas características arquitectónicas, mas também na sua gramática decorativa que apresentam entre eles um largo traço comum.

Nesta análise comparativa, destacamos de uma forma geral os elementos essencialmente representativos do estilo neo-árabe patentes entre estes edifícios e o Palacete Ribeiro da Cunha.

Como características arquitectónicas exteriores salientamos:

- Alçados ritmados, por vãos em arcos de ferradura, torres ameadas, elegantes cúpulas redondas (em forma de bolbo) nas coberturas, algumas envidraçadas que permitem uma generosa entrada de luz e transmitem uma elevada verticalidade ao espaço.

Como gramática decorativa comum nos interiores salientamos:

- Portas com vitrais que apresentam gramáticas decorativas geométricas e figurativas.
- Pátios centrais que comportam elementos decorativos, como arcos ogivais, caneluras em estuque, colunas rematadas por elegantes arcos rendilhados e varandins de ferro trabalhado.
- Os tectos apresentam uma estrutura de ferro e vidro por onde passa uma luz suave que amplia toda a riqueza policromática destes espaços.
- Lambrins em azulejos de cores fortes.
- Pavimento em mosaico cerâmico e madeiras raras, que apresentam gramáticas decorativas com motivos geométricos.

E, por fim, mas não menos importantes os jardins, carregados de simbolismo com fontes, pérgulas, capelas, chalets, cascatas e vegetação exótica.

Após este estudo podemos concluir que a arquitectura neo-árabe surge Portugal, no século XIX, pelas mãos de algumas figuras públicas, que faziam parte da sociedade Lisboa e que tiveram a coragem de eleger para o nosso País uma arquitectura que constitui um marco na sua história.

A influência oriental, esteve sempre presente na arquitectura portuguesa. O estilo neomourisco ou neo-árabe manifestou-se em edifícios que se destinavam às mais variadas finalidades quer fossem edifícios habitacionais ou lúdicos. Contudo, havia uma preocupação comum, a criação de espaços com decorações admiráveis e fantasiosas, conferindo-lhes um carácter exótico.

2.4. O projeto do Arquitecto Henrique Carlos Afonso

Entre 1872 e 1875 o Arquitecto Henrique Carlos Afonso inicia as obras de um projecto arquitectónico oitocentista, localizado na Golegã, que se destina a estúdio e laboratório de fotografia. Doze anos mais tarde, em 1887, sofre obras de transformação de forma a adaptar o espaço a uma arquitectura civil residencial, romântica, de planta longitudinal, composta por dois pisos.

Em 1981 a Câmara Municipal da Golegã recebe a título de doação o referido edifício. Sujeito a algumas transformações, o imóvel classificado de interesse Público, é hoje a “Casa Museu de Carlos Relvas”.³⁹

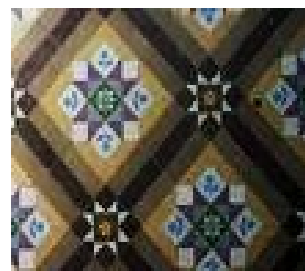


Fotografia33 - Casa-estúdio de Carlos Relvas, Golegã, 1876.

³⁹<http://www.igespar.pt> - detail 74450 - (25/05/13 – 12,32h)



Fotografia34 - Casa-Museu de Carlos Relvas – Interior.



Fotografia35 - Casa-Museu de Carlos Relvas - Mosaico do Pavimento.

Mas, é o Palacete Ribeiro da Cunha a sua obra de destaque. A 2 de Maio de 1877, dá entrada na Câmara de Lisboa, acompanhado do “prospeto de edificação”, um pedido de José Ribeiro da Cunha, no sentido de lhe ser concedida a licença de construção de sua habitação. Embora com poucos projectos conhecidos o arquitecto revela, à época grande cuidado na apresentação do projecto à Câmara de Lisboa, pois o mesmo incluía já todos os alçados, cortes e plantas dos pisos, o que era raro nesse período.⁴⁰ Da obra de Henrique Carlos Afonso e após uma pesquisa exaustiva nada mais foi encontrado.

2.5. Vivências quotidianas na Lisboa do Século XIX

O Século XIX foi por excelência um século da mudança, com a Constituição de 1822, em que a base dos seus princípios visava a “Igualdade” e “Liberdade”, estava dado o mote para grandes alterações na sociedade portuguesa.

A nobreza e o clero perdem muitos dos seus privilégios, o povo, perante a lei, iguala-se a outros grupos sociais (tanto em direitos como em deveres) e a burguesia com a sua influência financeira proveniente do comércio, da indústria, ou da banca, e pelos cargos e profissões, transforma-se no grupo social mais importante da sociedade portuguesa deste século. Por outro lado, as cidades, nomeadamente Lisboa e Porto crescem e modernizam-se, consequência do

⁴⁰ AML - Processo de obra 7346

desenvolvimento industrial e dos meios de transporte que possibilitam a criação de uma nova classe trabalhadora, proveniente do campo.

Em Lisboa, com a abertura da Avenida da Liberdade, a construção das Avenidas Novas, com uma nova política de higienização (quer nas casas quer nas ruas, o aumento de redes de esgotos, água canalizada, a recolha de lixos) e a iluminação nas ruas, são criadas as condições para uma modernização à semelhança das grandes capitais Europeias.

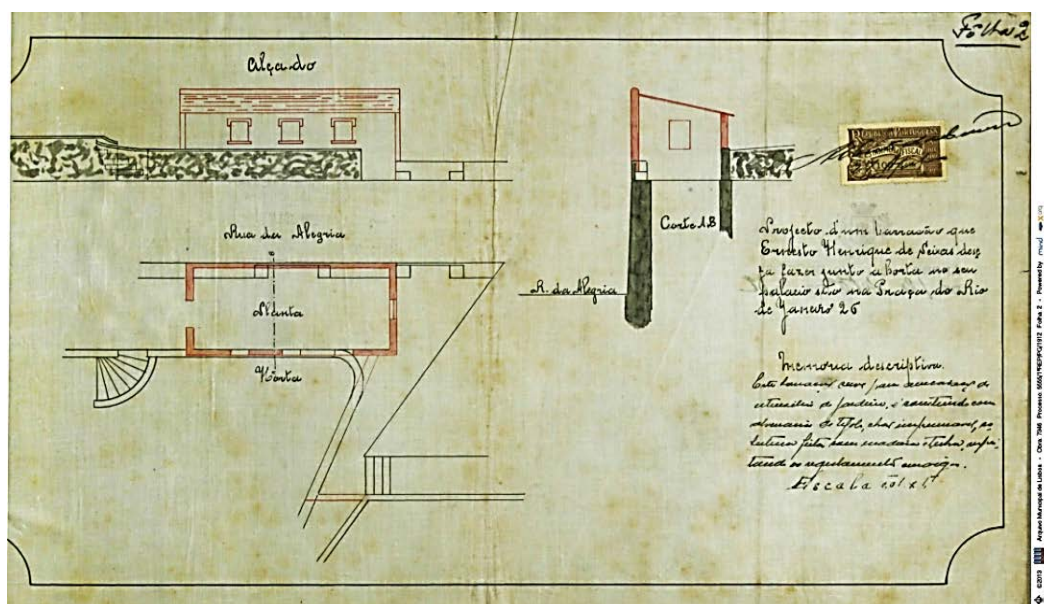
Lisboa era uma cidade diversificada no tipo de habitações, durante este século construíram-se bairros destinados aos operários, prédios em que os andares eram destinados à classe média e a alta burguesia habitava palacetes de luxo, com grandes jardins. Oferecia aos seus habitantes o Passeio Público e jardins como local de encontro e convívio, espetáculos de teatro no D. Maria II e S. Carlos, ópera e touradas, clubes privados, mas a alta burguesia também criava os seus próprios divertimentos, organizando jantares e bailes em seus palacetes. Também a liberdade de Imprensa teve um papel muito importante no quotidiano desta nova sociedade uma vez que surge um grande número de publicações, com jornais, periódicos, revistas, (inclusivamente, revistas de moda que chegavam de longe e com elas as senhoras da alta burguesia se faziam passear com seus belos vestidos à moda Francesa). Não menos importantes são os novos gostos literários com Eça de Queirós, Ramalho Ortigão e Antero de Quental e os romances de Almeida Garrett, Camilo Castelo Branco, Júlio Dinis ou Alexandre Herculano.

2.6. Campanhas de obras do Palacete Ribeiro da Cunha entre 1877 e 1920

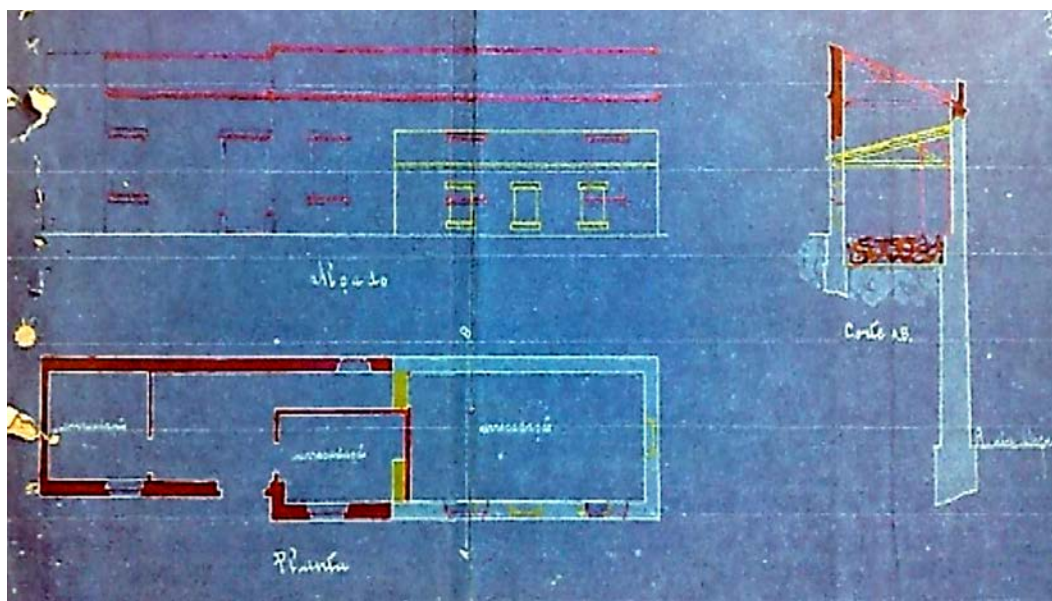
No início do século XX, mais propriamente em 1901, os herdeiros de José Ribeiro da Cunha vendem a propriedade do Príncipe Real e o seu novo morador é a família Seixas.

Não há qualquer registo de obras por parte de Júlio Henrique de Seixas, o novo proprietário. Só com a vinda para o Palacete de Ernesto Henrique de Seixas, seu único filho e após contrair matrimónio com D. Gertrude Cast, se conhecem algumas obras de alteração e ampliação no exterior. Destas fazem parte edificações anexas, no Jardim, sendo construído um barracão, alteradas e ampliadas as casas anexas com vista frontal para o jardim Botânico e também a

edificação de uma estufa entre 1912 e 1913 e um pavilhão destinado a carruagens em 1916.

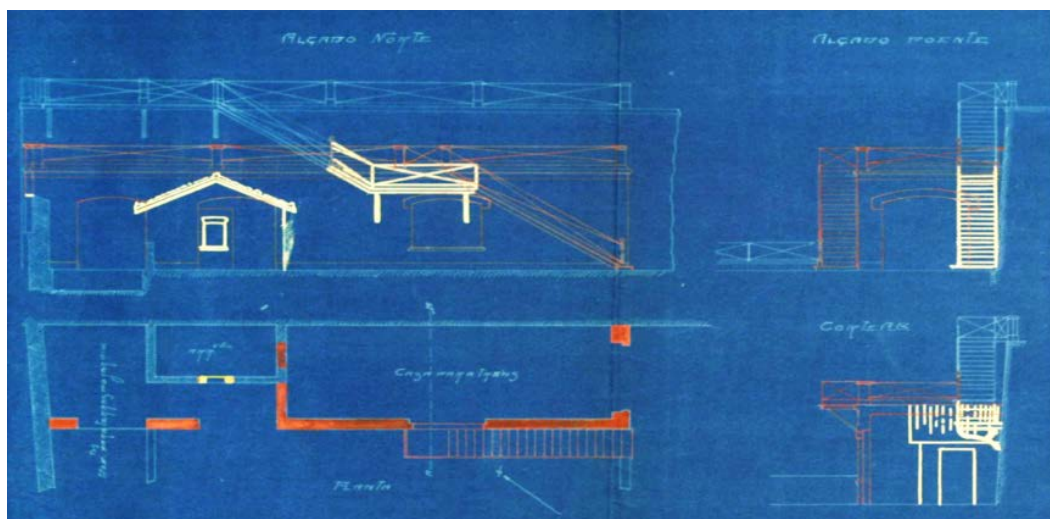


Fotografia 36 – P R C - Projecto do Barracão, para arrecadação de utensílios de jardim, 1912.



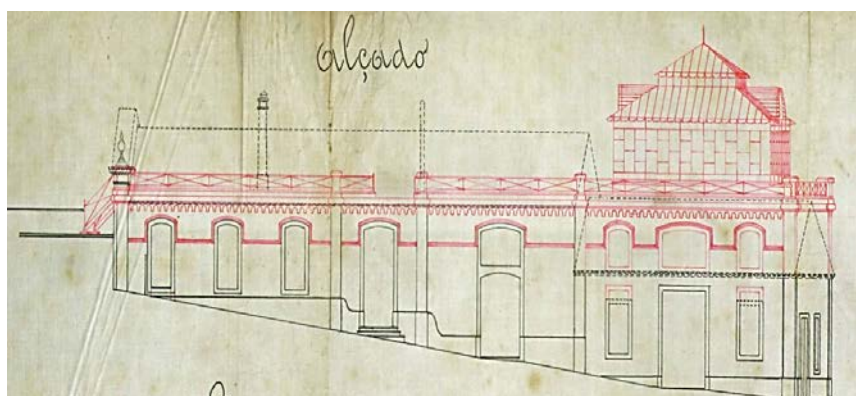
Fotografia 37 – P R C - Projecto de alterações ao primeiro projecto do barracão, 1913.

O barracão, construído em alvenaria de tijolo, com chão impermeável e cobertura em madeira e chapa ondulada, sofreu um aumento na sua superfície, e foram feitas divisões para a separação dos diversos utensílios.

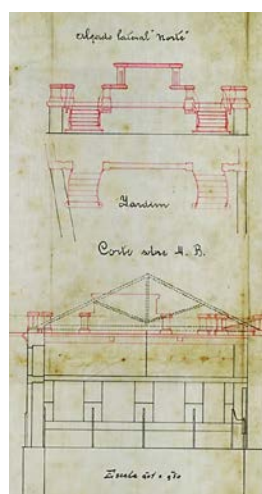


Fotografia 38 – P R C - Desenho para a construção de uma casa para guardar trens – 1916.

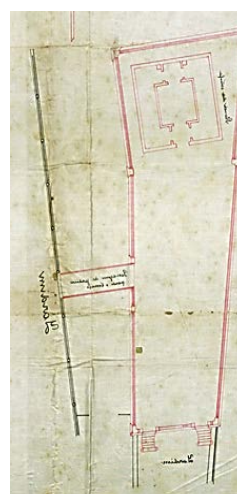
Nas casas existentes junto ao Jardim Botânico foram feitas alterações. A antiga cobertura foi substituída por um terraço, onde foi construída uma estufa, hoje desaparecida.



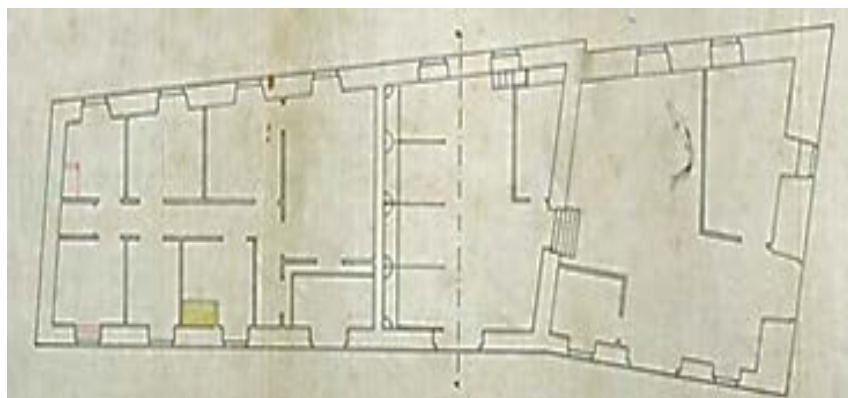
Fotografia 39 – P R C - Alçado do terraço que recebeu a estufa.



Fotografia 40 - P R C - Escadaria de acesso ao terraço.



Fotografia 41 - Passadiço de acesso ao terraço.

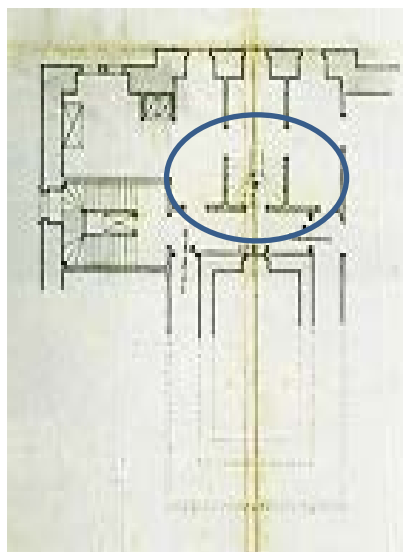


Fotografia 42 – P R C - Planta do piso inferior. Alterações no interior.⁴¹

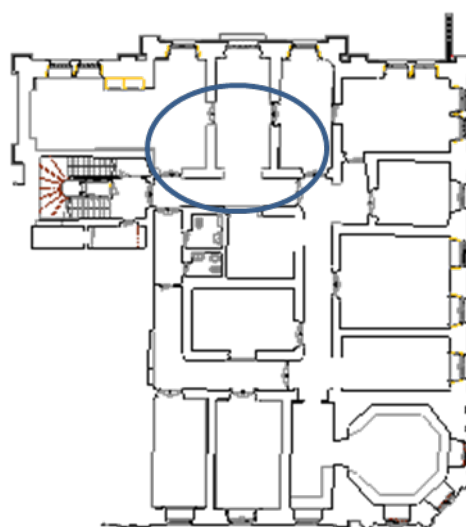
A família viveu no Palacete cerca de duas décadas.

Em 1920 o imóvel foi adquirido pelo capitalista Manuel Carroça, que no mesmo ano apresenta à Camara um projecto para obras no Palacete, desta vez a nível interior e exterior.

Obras no interior:



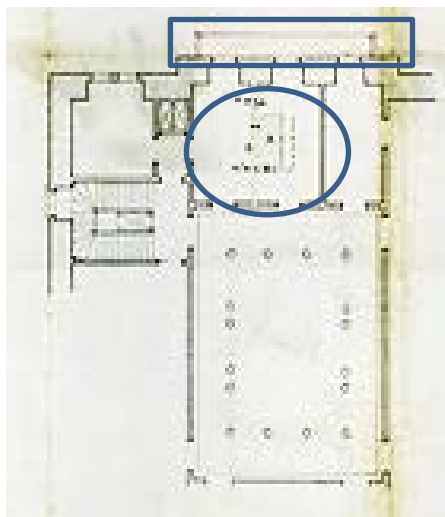
Fotografia 43 - P R C – Planta Piso -1 em 1920.



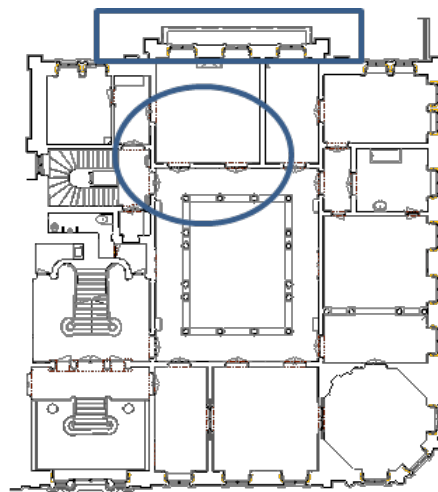
Fotografia 44 - P R C - Planta Piso -1 em 2014.

Eliminação da escada e colocação de guarda-vento e vitral.

⁴¹ AML - Processo de obra 7346, nº 1584

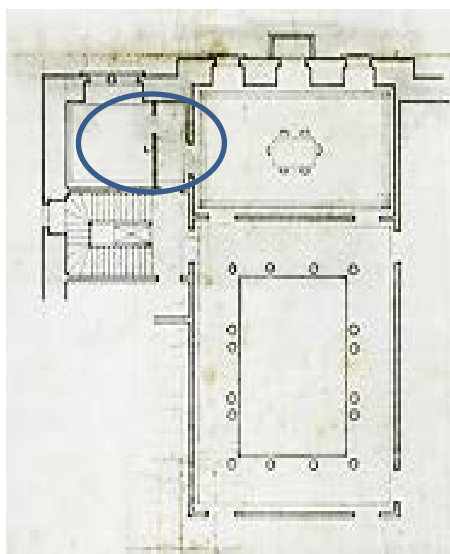


Fotografia 45 - P R C – Planta Piso 0 em 1920.

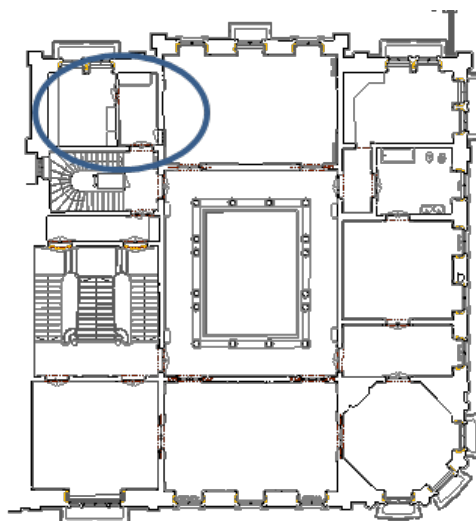


Fotografia 46 - P R C - Planta Piso 0 em 2014.

Eliminaram a escada e tabique o que possibilitou este espaço dar lugar a uma sala de jantar. Também ao nível exterior, neste piso, podemos ver a construção de uma varanda corrida na fachada posterior, sobre o jardim.

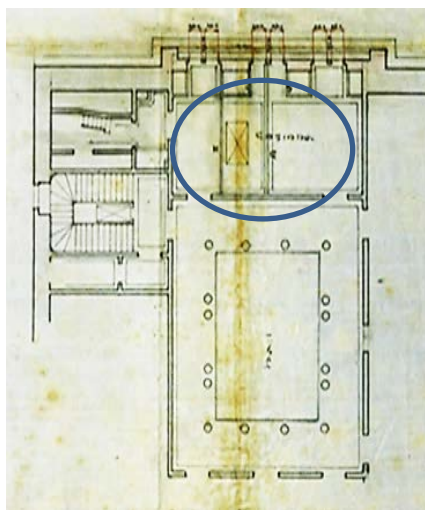


Fotografia 47 - P R C - Planta Piso1 em 1920.

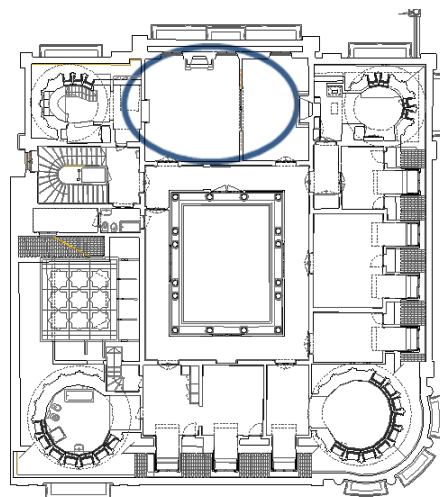


Fotografia 48 - P R C - Planta Piso 1 em 2014.

Construção de uma divisória.



Fotografia 49 – P R C – Planta Piso 2 em 1920.

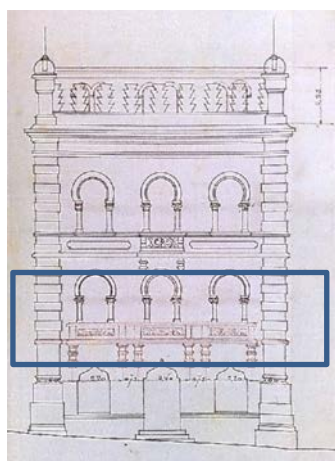


Fotografia 50 - P R C - Planta Piso 2 em 2014

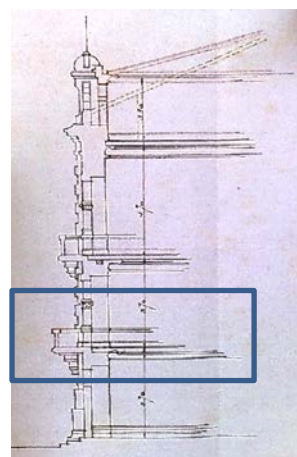
Eliminação de tabique e construção de cozinha alargando os vãos e tornando-os duplos.

Obras no exterior:

Também no exterior, como já foi referido, foram feitas algumas alterações previstas no projecto onde constava a construção de uma varanda corrida no alçado posterior ao nível do rés-do-chão, e o levantamento da água do telhado virado a nordeste com abertura de janelas duplas em arco de ferradura.⁴²

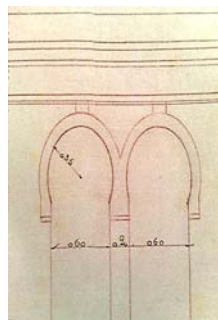
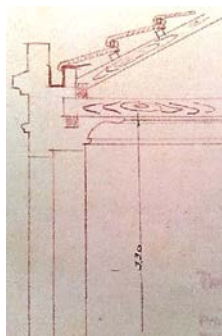


Fotografia 51 - P R C - Piso 0 - Alçado posterior - varanda corrida 1920.



Fotografia 52 - P R C - Piso 0 - Vista lateral 1920

⁴² AML – Processo de obra 7346, nº 1584



Fotografia 53 - P R C - Alçado posterior - Levantamento da água do telhado até ao cimo da platibanda.

Fotografia 54 - P R C - Alçado posterior - Abertura de janelas duplas.

No que diz respeito aos materiais a utilizar, a memória descritiva das referidas alterações faz referência a que os materiais a utilizar deveriam ser de boa qualidade e que a pedra a utilizar seria da “Serra de Monsanto”.

Alguns anos mais tarde, a herdeira, filha de Manuel Caroça, contrai matrimónio com o médico Lopo de Carvalho. Durante a sua estada, Lopo de Carvalho efetuou reparações no interior e exterior e obras de beneficência (mudando a cor de amarelo para creme).

Na década de 1960 parte do edifício foi adquirido pela sociedade COMPADIM, Companhia Portuguesa de Administração Imobiliária. Anos mais tarde, na década de 1980, o palacete é arrendado à Universidade Nova de Lisboa, dando lugar aos serviços da Reitoria. No entanto, a família Lopo de Carvalho continuou a habitar o Palacete, (no último piso) até meados dos anos 90.⁴³

2.7. Programa decorativo

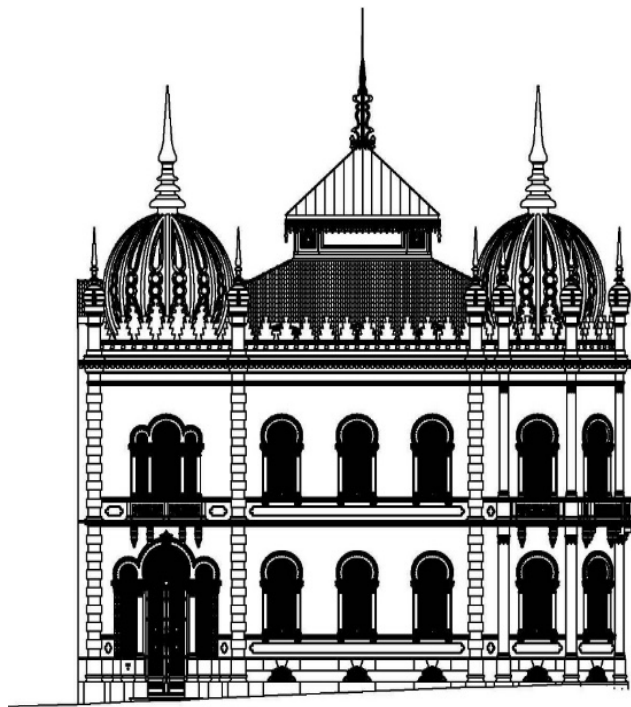
2.7.1. Gramática decorativa exterior

O Palacete Ribeiro da Cunha, um edifício de arquitectura residencial neo-árabe, desde cedo assumiu um papel importante na construção urbana da praça do Príncipe Real.

⁴³ Segundo Jorge Ferreira Paulo, autor do levantamento histórico: “ *Palacete Ribeiro da Cunha, Nº 26 da Praça do Príncipe Real* “, pp. 21 - 28.

Destacamos a sua volumetria de três pisos (encontrando-se um deles parcialmente enterrado, sendo apenas visível no alçado posterior), separados por friso de cantaria. Os três alçados apresentam panos de muro em reboco pintado, alternados com vãos, que terminam em arco de ferradura, emolduram as janelas e portas, o que confere ao edifício uma construção com formas orientalistas.

A cobertura de quatro águas apresenta quatro cúpulas bolbosas rematando os quatro cantos do edifício e uma claraboia central que possibilita a entrada de luz natural criando um cenário edílico no seu interior.



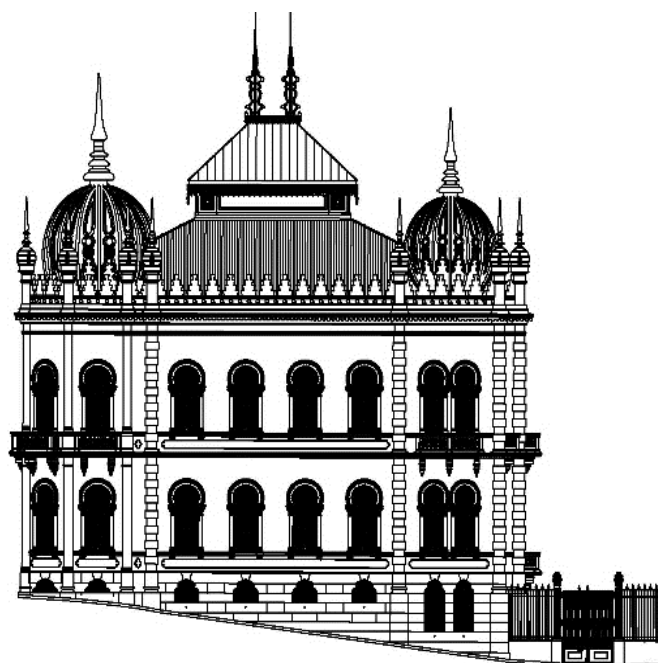
Fotografia 55 - P R C - Alçado Principal.

No que toca aos aspectos arquitectónicos, o alçado principal é composto por 3 corpos separados por pilastras, que se destacam dos panos em cantaria de aparelho almofadado.

No primeiro corpo à esquerda, destaca-se a entrada principal ao nível do piso térreo, inscrito em triplo arco de ferradura com moldura denticulada e o arco central apresenta decoração vegetalista. No piso superior encontra-se uma janela de sacada, tripartida, com varanda em cantaria de pedra rendilhada com desenhos em arabescos, suportada por mísulas.

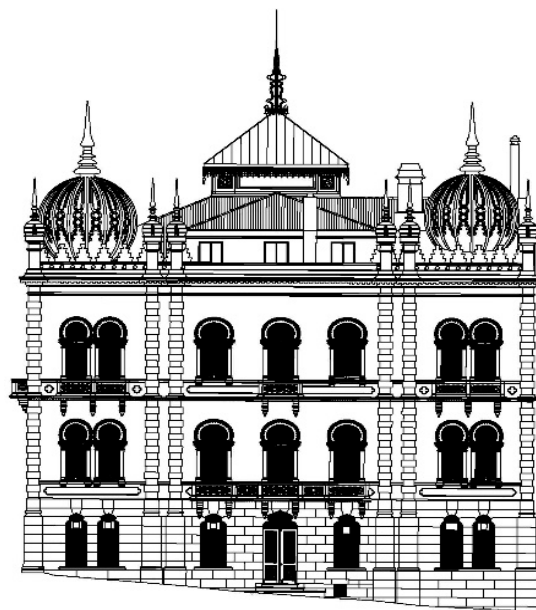
No segundo corpo, abaixo do primeiro friso, surgem três pequenos vãos vazados e selados a gradeamento de ferro, uma vez que se encontram ao nível do passeio. O piso 1 e 2 apresenta pano vazado por três janelas de peito que terminam em arco de ferradura com moldura denticulada.

O terceiro pano com fachada em ângulo boleado, (uma vez que se insere no gaveto), apresenta-se dividido por colunas inseridas em cinco panos, dois laterais muito afilados, e três centrais cada um vazado por janela, (de peito no rés/chão e de sacada piso superior) em arco de ferradura sobre varandas em cantaria de pedra rendilhada com desenhos em arabescos.



Fotografia 56 – P R C - Alçado Lateral.

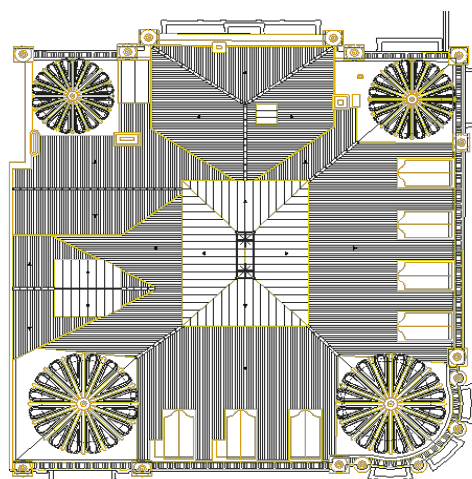
O Alçado lateral, arquitetonicamente é muito semelhante ao principal (nas divisões dos pisos, panos e vãos), no entanto, e devido ao declive do terreno, este alçado apresenta pequenos vãos (entradas de luz), sendo que no pano à direita já podemos ver duas janelas de peito. Neste mesmo pano, mas nos pisos acima, encontram-se janelas duplas (de peito) e no piso 3, janelas de sacada sobre varandas em cantaria, ambas com a mesma ornamentação do alçado anterior. Este alçado termina com um portão de acesso ao alçado posterior e jardim.



Fotografia 57 - P R C - Alçado Posterior.

Em comparação, o alçado posterior, que mantém uma relação directa com o jardim, apresenta-se bastante semelhante ao alçado principal. Dividido por três corpos separados por pilastras, encontra-se em destaque o corpo central (saliente dos outros dois), com acesso ao piso -1 por portal que termina em arco de ferradura, e acompanhado de duas janelas ambas de peito.

No piso 0 encontramos janelas de sacada, com varanda em cantaria corrida (de pedra decorada), e no piso 1, nos panos laterais, janelas duplas de sacada com varanda e igualmente no pano central (janela de sacada central com varanda).



Fotografia 58 - P R C - Planta da cobertura.

Na cobertura, surgem quatro esferas vazadas que terminam em agulha.

2.7.2. Gramática decorativa interior

O Palacete Ribeiro da Cunha, um edifício Romântico de revivalismos neo-árabe, é composto por quatro pisos, que se desenvolvem em torno do pátio central (excepto o Piso-1). Os espaços principais possibilitam uma circulação interna, de forma a libertar o pátio. Todos estes espaços bem como o pátio central apresentam uma gramática decorativa bastante variada.

2.7.2.1. Palácio Ribeiro da Cunha - Piso -1



Fotografia 59 – P R C - Planta Piso -1.

Este piso, composto por várias divisões, na sua maioria de arrumos e a cozinha, apresenta-se praticamente despojado de ornamentação decorativa. No entanto, na cozinha podemos ver janelas com grade em madeira e vidro, e no interior portado de madeira com desenho (quadrado e rectangular) criado com bites.

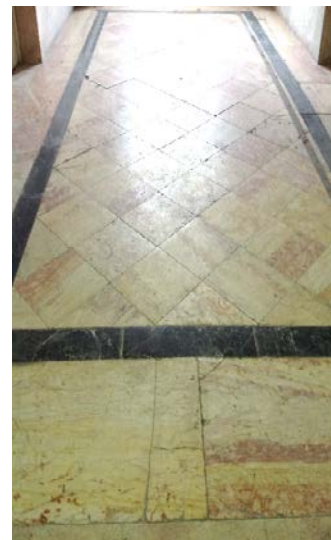


Fotografia 60 - P R C - Vista interior das Janelas da Cozinha.

O pavimento em lajes de pedra, com formas geométricas (quadrados ou hexágonos), os trabalhos em madeira, nomeadamente os vãos interiores com portas em madeira pintada a branco (umas com almofadas rectangulares e outras com gradeamento em bites de madeira e vidro, e bandeira com a mesma gramática decorativa).



Fotografia 61 - P R C - Piso - 1 - Zona de circulação Principal.



Fotografia 62 - P R C - Piso -1 - Pavimento em lajes de pedra.

Na zona de circulação que liga ao elevador e ao exterior do palacete encontramos lambrim em madeira pintada a branco que remata com sanca recortada.



Fotografia 63 - P R C - Piso -1 - Lambrim em madeira.



Fotografia 64 - P R C - Piso -1 - Pannel de azulejo.

De salientar, no corredor de acesso ao elevador, pannel em azulejo pintado em azul e branco com caravela (motivo alusivo aos descobrimentos, emoldurado por colunas sobre arco de ferradura).

Como acesso ao piso 0, escadaria de serviço, com lambrim em madeira almofadada (desenho em forma de rectângulo na vertical), e guarda em ferro fundido trabalhado, ambos pintados a branco.

Elevador estilo arte nova em ferro fundido trabalhado, com porta e grade de proteção, pintado a branco, (Figuras 62 e 63).



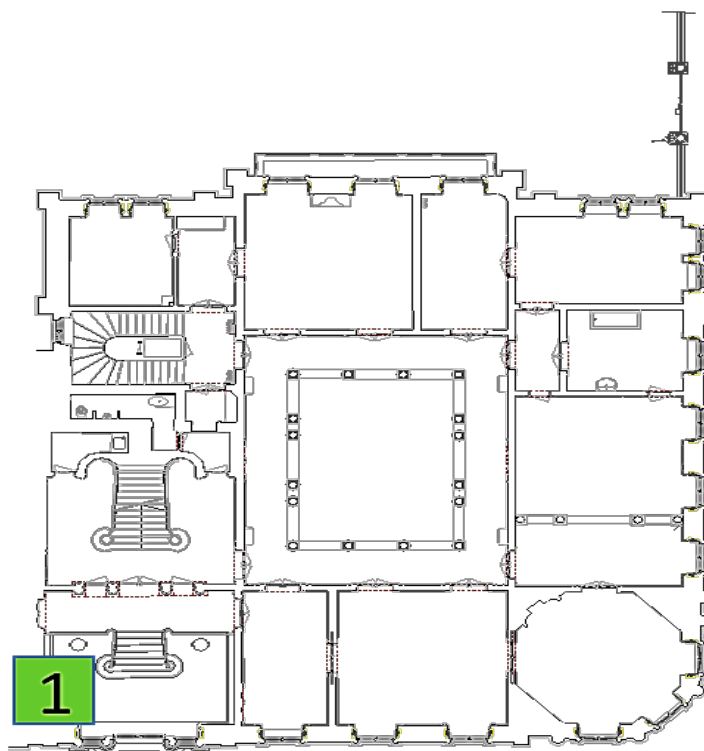
Fotografia 65 - P R C - Piso 0 - Escada de serviço.



Fotografia 66 - P R C - Piso 0 - Elevador Arte Nova.

2.7.2.2. Palácio Ribeiro da Cunha - Piso 0

Espaço 1 – Vestibulo



Fotografia 67 - Planta Piso 0.

O alçado principal, ao nível do vestíbulo de entrada, apresenta portal composto por duas meias portas de madeira almofadada, em baixo-relevo, com estrela de oito pontas, flor no seu interior, e motivos vegetalistas estilizados com elemento circular central, (Fot. 68).



Fotografia 68 - P R C - Meia Porta trabalhada a baixo-relevo.

Fechadura e puxadores em metal com forma geométrica, motivos vegetalistas e inscrições árabes e maçaneta elíptica.



Fotografia 69 - 70 e 71 - P R C - Puxadores do Portal Principal.

A pequena escadaria em pedra que dá acesso ao piso 0, apresenta guarda em balaústres de ferro fundido com motivos vegetalistas e remate ao nível superior com volutas invertidas.



Fotografia 72 - P R C - Escadaria do Vestíbulo.



Fotografia 73 - P R C - Balaústres em Ferro.

Balaústre inicial com término de pequena urna com asas em voluta a rematar corrimão em madeira.



Fotografia 74 - P R C - Balaústre em Ferro Trabalhado.



Fotografia 75 - P R C - Balaústre com termino em Urna.



Fotografia 76 - P R C - Balaústres e Corrimão em Madeira.

Ao cimo da escada, vão em arcada tripartida de pedra calcária, em arcos de ferradura, assente em meias colunas que apresentam capitéis com motivos florais e geométricos estilizados, (Fot. 78).



Fotografia 77 - P R C - Vão em Arcada Tripartida.



Fotografia 78 - P R C - Coluna em Calcário.

Sobre este vão, porta de madeira, de quatro folhas, envidraçada e almofadada ao nível inferior, (Figura 75).

Pavimento em lajes de pedra calcária, branca e preta, com composição geométrica.



Fotografia 79 - P R C - Pavimento em Calcário Branco e Preto.

O tecto apresenta pintura mural em “trompe l’oeil” com motivos geométricos, florais (estilizados), arabescos e escrita árabe incrustados em painéis almofadados e numa rosácea central. Também ao nível da iluminação, suspensão metálica em taças com decoração geométrica e vegetalista (elementos estilizados).

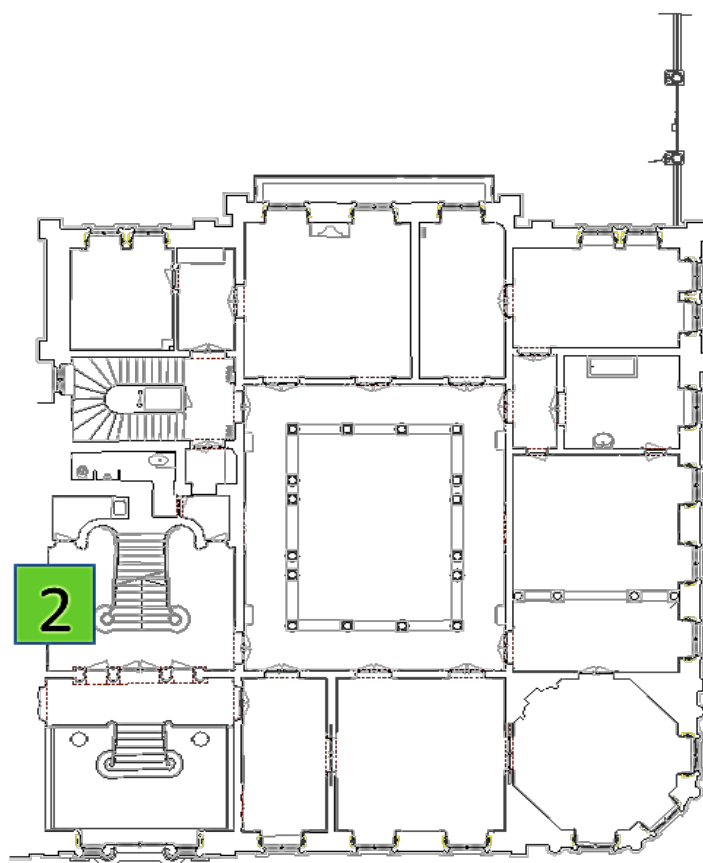


Fotografia 80 - Tecto com pintura mural em “trompe l’oeil”



Fotografia 81- 82 - P R C - Detalhes da pintura mural do tecto.

Espaço 2 – Escadaria de acesso ao piso 1



Fotografia 83 - P R C - Planta Piso 0.

O espaço apresenta pavimento em pedra calcária igual ao do vestíbulo, escadaria em pedra, com guarda em balaústres de ferro fundido com motivos vegetalistas e remate ao nível superior com volutas invertidas e corrimão em madeira. A guarda inicia-se com colunas (simétricas) em ferro, ostentando figura masculina que ergue candeeiro, (Fot. 84). Lateral à escada, duas portas em madeira, com vidro que apresenta motivo decorativo com figuras (masculino e feminino) destinadas às instalações sanitárias, (Fot. 85).



Fotografia 84 - P R C - Balaústre com Figura Masculina que ergue Candeeiro.



Fotografia 85 - P R C - Porta da Instalação sanitária.

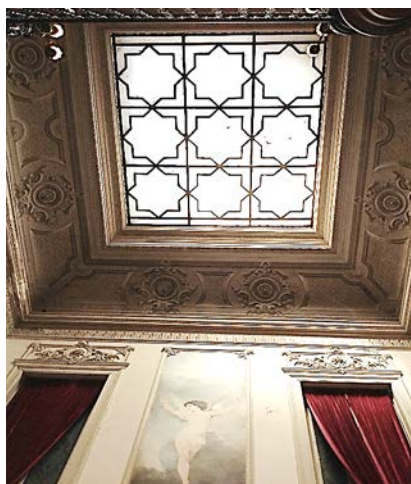
No fim do primeiro lance de escadas, parede com moldura central (com espelho), arco e laterais decoradas com fita de óvulos e folhas, rematando com florão central. A ladear, dois óculos em forma de ferradura (à semelhança das janelas) e sobre estes, vão com porta de sacada que dá acesso a varandim com guardas semelhantes à escadaria.

A parte superior dos vãos apresentam decoração em gesso com cartela central e motivos vegetalistas, (Fot. 86).



Fotografia 86 - P R C - Escadaria Principal.

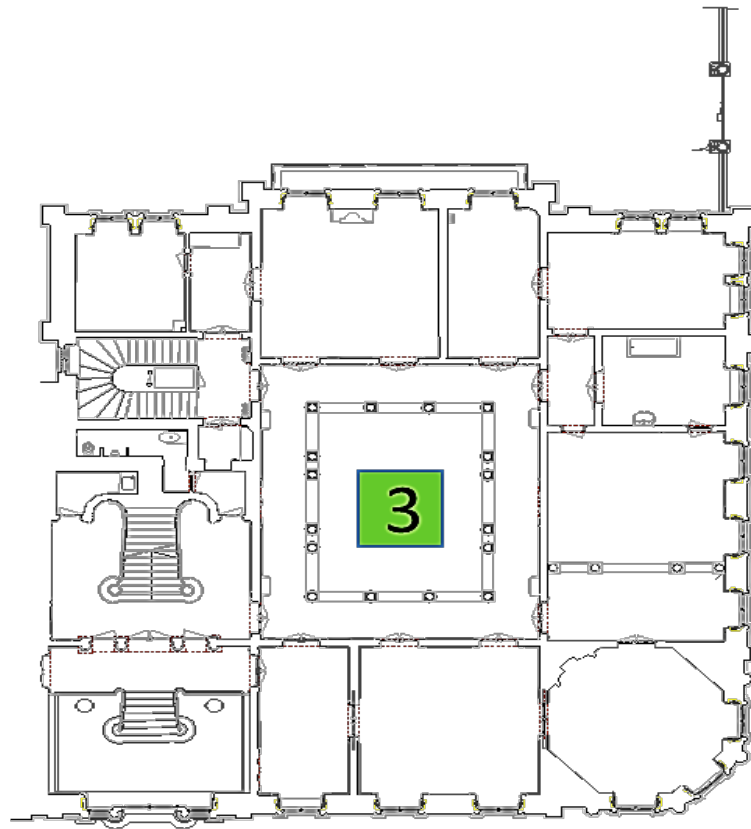
No tecto, claraboia central em vidro e ferro com desenho de estrela de oito bicos, à semelhança dos desenhos dos pavimentos que vamos encontrar mais à frente. A rematar, moldura com friso em pintura mural com florões e pequenos filetes de folhas estilizadas e óvulos.



Fotografia 87 - P R C - Claraboia sobre Escadaria.

Ao cimo da escadaria, vãos com portas em madeira pintadas de branco com almofadas a vermelho e frisos em dourado.

Espaço 3 – Pátio Central



Fotografia 88 – P R C - Planta Piso 0.

A decoração do pátio central apresenta uma gramática decorativa bastante rica a todos os níveis. Nas madeiras, portas almofadadas, sendo que ao nível superior emolduram vitrais de cor, com motivos geométricos e florais. A pintura apresenta-se com cor diferente (exterior a castanho escuro, interior a branco Champanhe).



Fotografia 89 - P R C - Porta dos espaços que circundam o Pátio central.

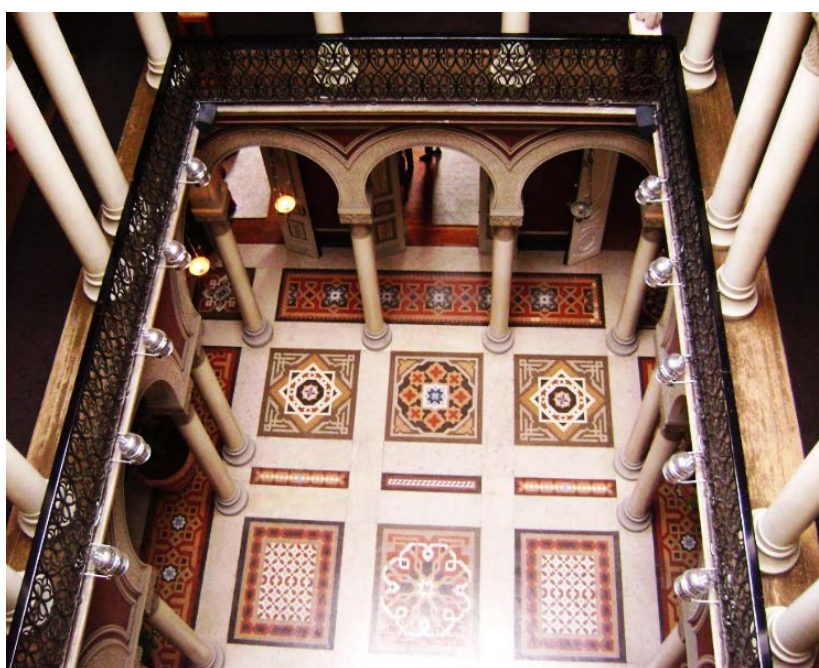
Aquecedor com painel central (na frente) em ferro com desenho quadrado de vários tamanhos à semelhança do pavimento.



Fotografia 90 - P R C - Aquecedor com Painel em Ferro.

Fotografia 91 - P R C - Pormenor do Painel do Aquecedor.

O pátio central apresenta pavimento em mosaico hidráulico, em forma de painéis (à semelhança de tapetes), (Foto 92). Com uma gramática decorativa geométrica, na cor branco, negro, azul e cor-de-tijolo, cria desenhos de várias formas estreladas, tendo por base o quadrado, (Figuras 93 a 97).



Fotografia 92 - P R C - Pátio Central.



Fotografia 93 e 94 - P R C - Pavimento em Mosaico Hidráulico.

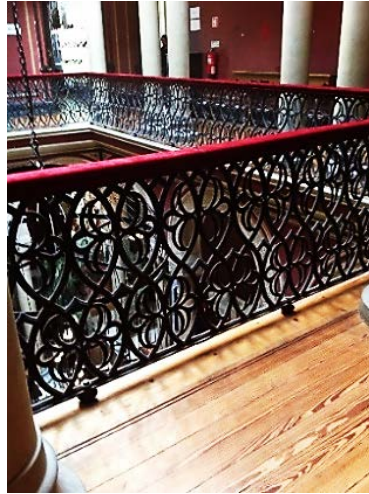


Fotografia 95 e 96 - P R C - Pavimento em Mosaico Hidráulico.



Fotografia 97 - P R C - Pavimento em Mosaico Hidráulico.

Ainda neste espaço, mas ao nível do piso 1 e 2 encontramos varandim em ferro forjado, constituído por cordas entrelaçadas, formando desenho de flor estrelada à semelhança dos mosaicos, (Fot. 98).



Fotografia 98 - P R C - Varandim em Ferro.

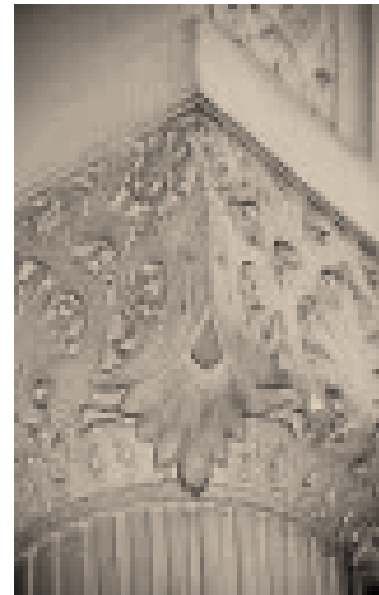


Fotografia 99 - P R C - Arcadas em Arcos de Ferradura.

Arcadas em arcos de ferradura (sobre colunas), acompanhadas de capitéis ambos decorados com estuque rendilhado de arabescos e elementos vegetalistas como folhas de acanto, (Figuras 100 a 102).



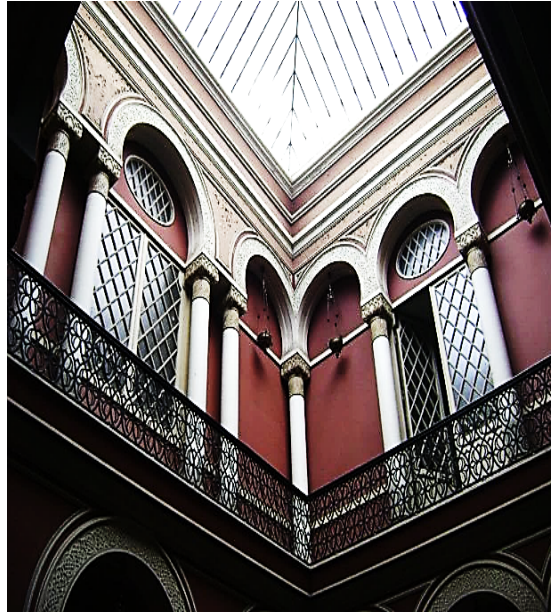
Fotografia 100 - P R C - Arcadas em Arco de Ferradura.



Fotografia 101 - P R C - Capitel de Coluna em Estuque Rendilhado.

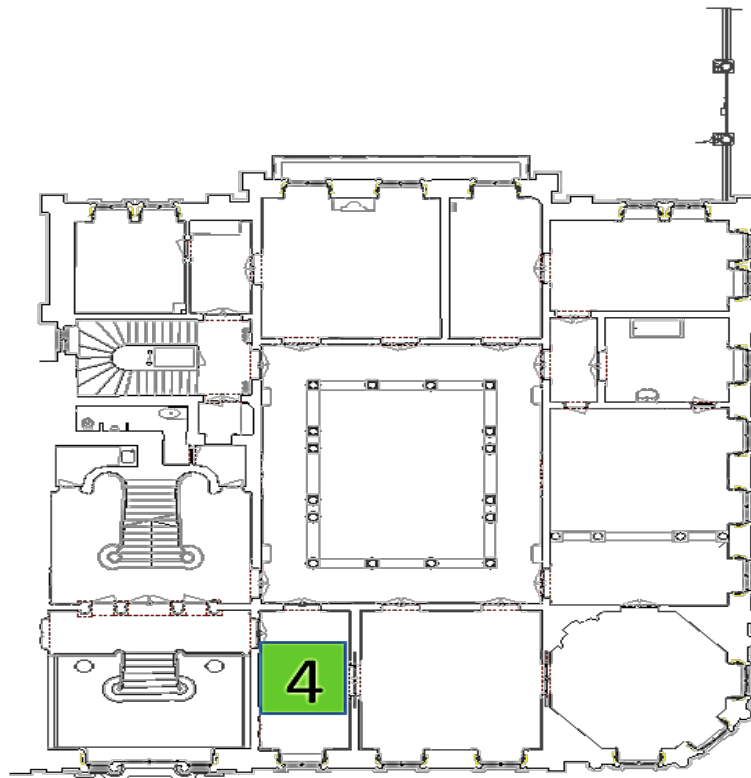
No piso 2 encontramos janelas e óculo envidraçado com trabalho de bites em madeira, em forma de losango sobre vidro.

Ao nível da cobertura, claraboia de forma rectangular em vidro com caixilharia de ferro à semelhança das asnas usadas em travejamentos de telhados de madeira, (Fot. 102).



Fotografia 102 - P R C - Cobertura com Claraboia.

Espaço 4 - P R C - Possível Escritório



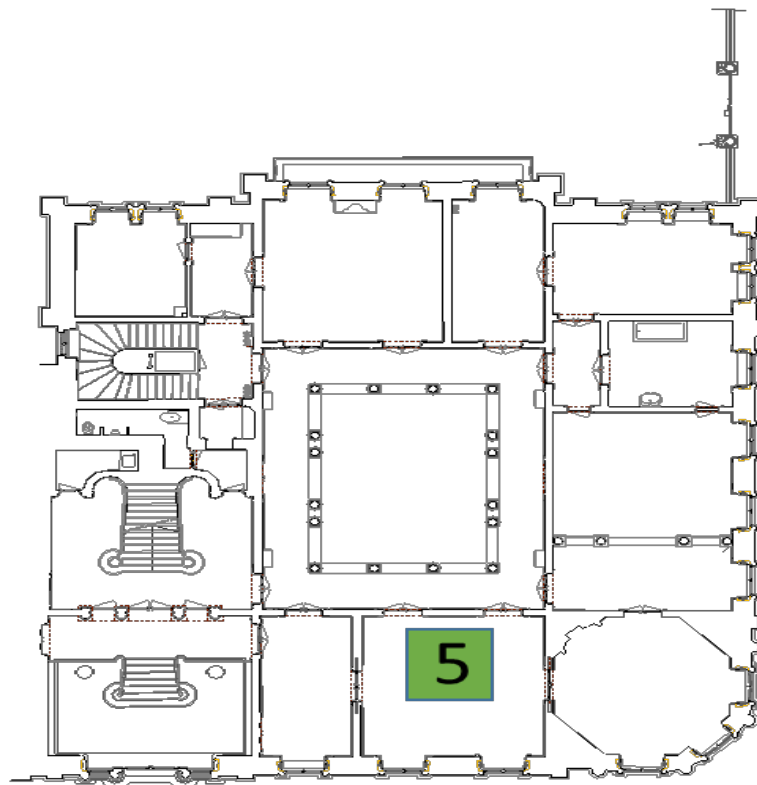
Fotografia 103 - P R C – Planta Piso 0.

Este espaço, embora desprovido de decoração nas paredes, apresenta tecto trabalhado a estuque, com rosácea central rendilhada em pequenas volutas e moldura rectângular em forma de grade (pequena), que termina com frisos trabalhados com pequenas cornucópias.



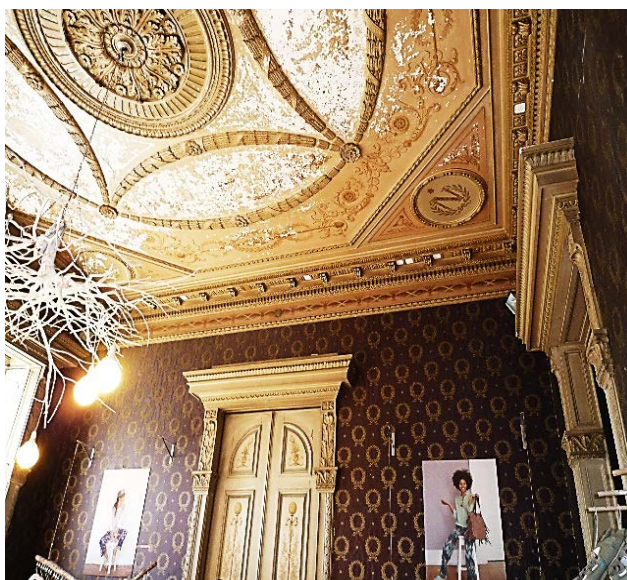
Fotografia 104 - P R C - Tecto Trabalhado com Rosácea.

Espaço 5 – Possível Sala de Reuniões



Fotografia 105 – P R C - Planta Piso 0

Este espaço de forma quadrangular, apresenta uma simetria de vãos (portas e janelas), em que as portas de madeira, com almofadas, são pintadas com motivos vegetalistas estilizados e terminam com moldura em ângulo recto decorado com frisos de óvulos sobre mísulas com pequenas palmetas.



Fotografia 106 – P R C – Tecto com Rosácea Central, Folhas de Louro e Iniciais de Napoleão.

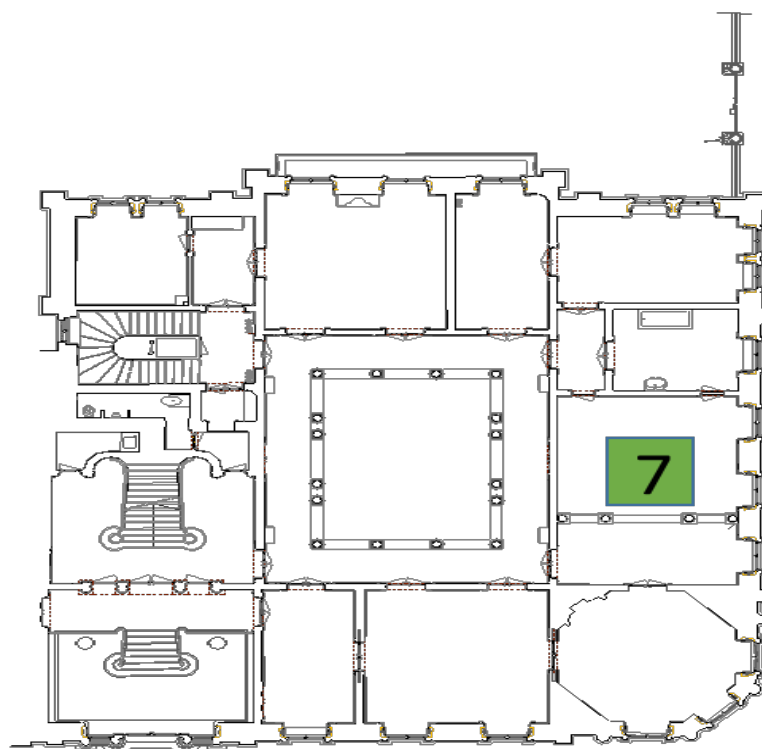
O tecto em estuque, apresenta rosácea central emoldurada por toros com folhas de louro, nos quatro cantos repetem-se as iniciais de Napoleão (ao estilo Império), e a finalizar é rematado com sanca apoiada em pequenas mísulas, (fot. 106).

A parede embora não apresente nenhum trabalho de estuque está revestida a tecido com desenho de coroa de louros na cor dourado.



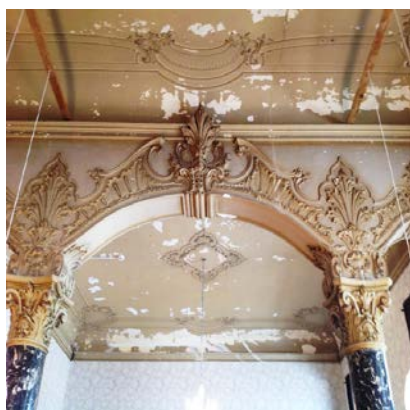
Fotografia 107 - Tecido com Desenho em Coroa de Louros.

Espaço 7 – Possível Sala de Leitura



Fotografia 108 – P R C - Planta Piso 0

O espaço apresenta-se dividido por arcada tripartida (sendo a central maior do que as laterais), que termina em capitéis coríntios, (Fot.109). A decoração, com folhas de acanto estilizadas (com pontas curvas para fora volutas pequenas nos cantos) e pintadas a dourado, manifestam luxo e poder. A suportar a arcada, quatro colunas de granito negro que se encontram apoiadas num muro revestido com o mesmo granito (Fot.110 e 111).



Fotografia 109 - P R C - Arcada Tripartida que divide o espaço.



Fotografia 110 – P R C – Pormenor superior da Coluna.



Fotografia 111 – P R C – Coluna em Granito Preto.

O tecto, com trabalho de estuque, apresenta uma gramática decorativa de cartelas com concheados, palmetas e flores, (Fot. 112).



Fotografia 112 – P R C - Tecto Trabalhado a Estuques.

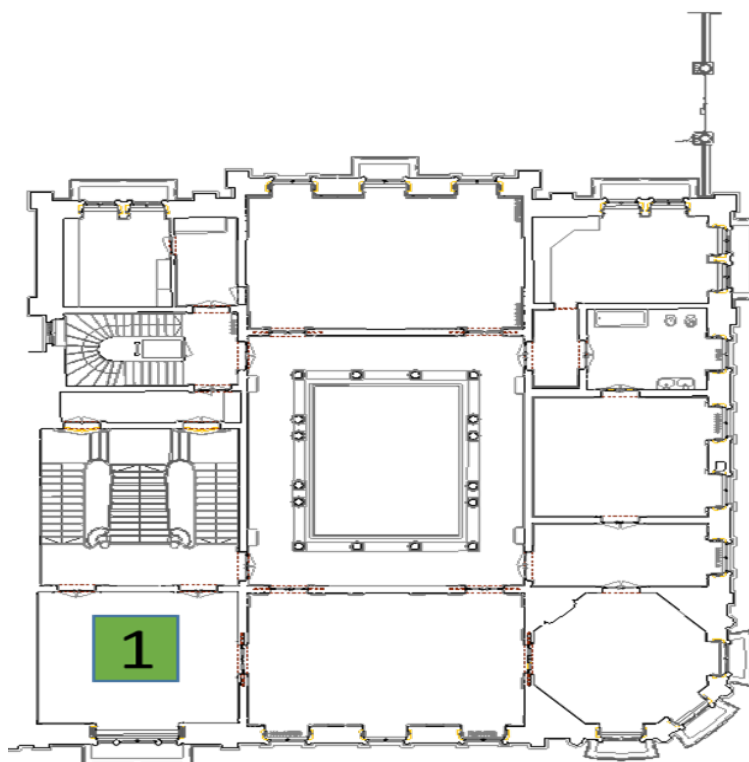
Podemos ainda encontrar neste espaço dois vãos com moldura em madeira trabalhada a talha com desenhos de concheados e motivos vegetalistas estilizados. A porta apresenta trabalho de bites em forma quadricular sobre espelho, (Fot. 113).



Fotografia 113 – P R C - Porta de Madeira Trabalhada em Talha a Baixo-relevo.

2.7.2.3. Piso 1

Espaço 1 – Possível Sala



Fotografia 114 - P R C - Planta Piso 1.

Subimos ao piso 1 e encontramos o primeiro espaço de forma quadrangular, com um grande trabalho em estuques, paredes com molduras trabalhadas, que fazem a ligação entre o lambrim e frisos das sancas ao tecto. Todo este trabalho a baixo-relevo é destacado pela pintura a dourado dos frisos e pequenos filetes com elementos vegetalistas estilizados, (Figuras 116 e 117).



Fotografia 115 - P R C - Lambrim trabalhado.



Fotografia 116 - P R C - Sanca e Tecto com Frisos Trabalhdos.

O tecto, com uma gramática decorativa ao estilo neo-clássico, apresenta pintura decorativa, com um tema mitológico.⁴⁴ Emoldurada por frisos e painéis que apresentam uma gramática decorativa bastante trabalhada a baixo-relevo e pintura a dourado, (Fot. 117).



Fotografia 117 – P R C – Tecto com Pintura de Carlos Reis.

Também sobre as portas encontra-se trabalho de estuques com meias mísulas (manifestado aspecto ilusório de suporte das sancas) que ladeiam medalhão central e sobre estes, frisos recortados em forma de óvulos.



Fotografia 118 – P R C - Porta interior com Molduras.

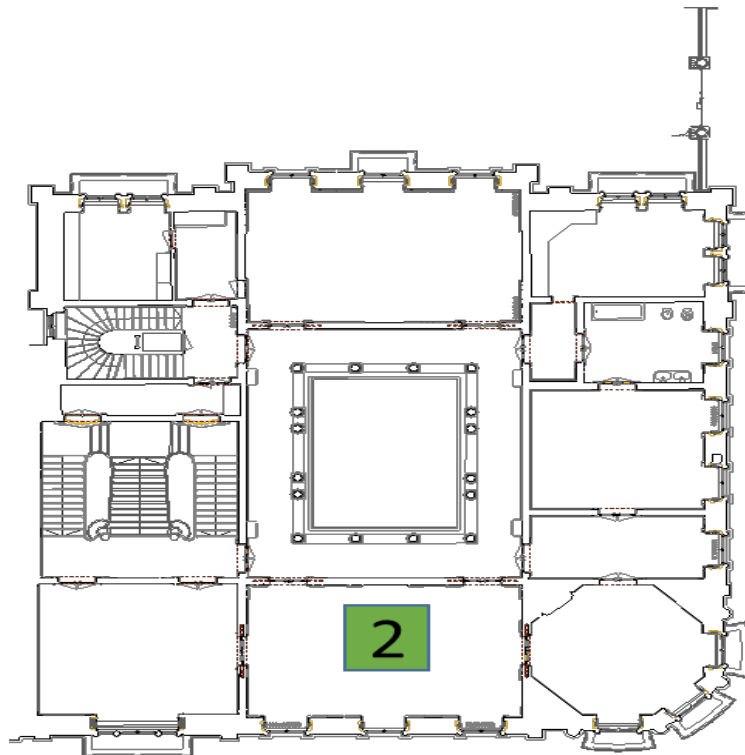
⁴⁴ Pintura de Carlos Reis - Carlos António Rodrigues dos Reis, (1863-1940), foi um pintor português, reconhecido pela luminosidade que transmitia nas suas pinturas.

Porta de circulação interna, apresenta-se apainelada, com molduras cruciformes delimitadas nos quatro cantos com rosetas em metal e ferragem no mesmo material com fechadura e puxador elíptico e decorado com volutas estilizadas. A pintura à semelhança do trabalho de estuques, tem como cor base o branco, com frisos e molduras destacados na cor dourado, como as portas que ligam à escadaria central, embora estas tenham mais uma cor, rosa púrpura no interior de duas das molduras do lado da escadaria.



Fotografia 119 – P R C - Porta de ligação à escada.

Espaço 2 – Possível Quarto



Fotografia 120 – Planta piso 1

O espaço 2 com uma forma rectangular, apresenta uma simetria de vãos e paredes trabalhadas, divididas em lambrim e painéis sendo estes delimitados por pilastras de fuste estriado, (Figura 122).



Fotografia 121 - P R C - Parede trabalhada com lambrim, painéis e pilastras.

A parede interior, simétrica da parede exterior, apresenta espelho na simetria do vão central, emoldurado com pilastras de fuste estriado e decorado com frisos de óvulos pintado na cor dourado (Fot. 122).



Fotografia 122 – P R C – Parede com espelho embutido.

As portas, ao seu nível superior, apresentam frontões com motivos vegetalistas, instrumentos musicais, e frisos trabalhados (Fot. 123).

Na lateral, pilastras estriadas com mísulas terminam em pequenas palmetas, (Fot. 124).

Todo este trabalho é realçado por pintura na cor dourado.



Fotografia 123 - P R C - Frontão rocamamente trabalhado.



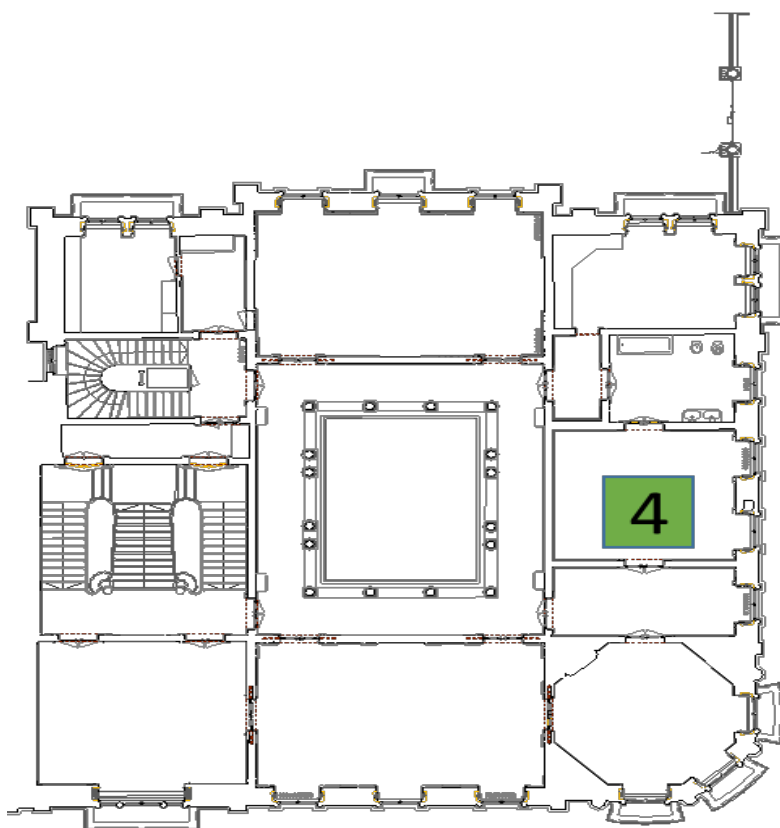
Fotografia 124 - P R C - Pormenor da pilastra.

Portas apaineladas iguais às da sala anterior alterando apenas a cor da pintura para verde e dourado. O tecto com moldura central na forma oval apresenta fundo em grade e elemento central com gramática decorativa na forma de fitas e folhas de acanto estilizadas. A rematar o tecto, moldura com faixa com o mesmo tipo de decoração, (Fot.125).



Fotografia 125 – P R C - Tecto com rosácea e moldura oval ricamente trabalhada.

Espaço 4



Fotografia 126 – P R C - Planta Piso 1

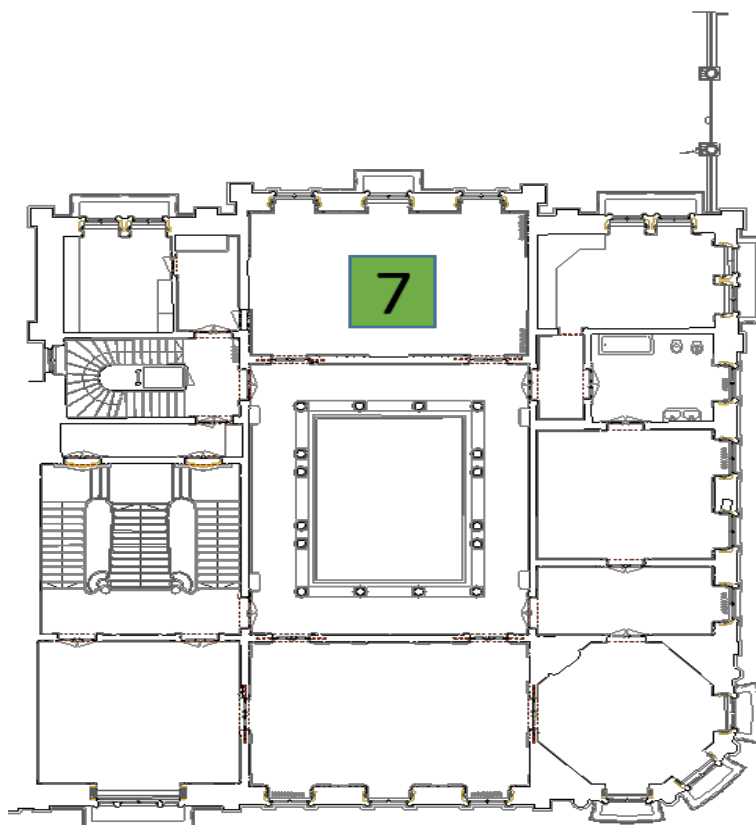
Este espaço desprovido de qualquer ornamentação ao nível das paredes, apresenta um tecto com moldura bastante trabalhada. Dividido em vários painéis, estes refletem um estilo neo-clássico com motivos de urnas floridas, molduras com boleados e rosetas, e nos quatro cantos surgem pombas, que se encontram aos pares, delimitando cartelas com ornamentação vegetalista. Também as sancas ricamente trabalhadas, apresentam decoração com meias mísulas e grinaldas decoradas com pétalas de flores, (Fot. 127).



Fotografia 127 - P R C - Tecto e sancas ricamente trabalhadas.

Os vãos interiores, ao nível superior, apresentam bandeira trabalhada com coroas de flores entrelaçadas em ramos de loureiro. As portas apaineladas, com molduras cruciformes que terminam com rosetes em metal são pintadas na cor branco e dourado.

Espaço 7



Fotografia 128 - P R C - Planta Piso 1.

Esta sala apresenta uma decoração em “boiserie”.⁴⁵ Constituída por apainelados em madeira de formas geométricas, na sua maioria rectangulares e dispostas no sentido vertical. Os frisos dos painéis apresentam decoração de volutas e elementos vegetalistas.



Fotografia 129 e 130 - P R C – Paredes com painéis em madeira com formas geométricas.



Fotografia 131 e 132 - P R C - Frisos trabalhados com elementos vegetalistas.

⁴⁵ “Boiserie” termo francês que surge nos séculos XVII e XVIII, para definir um tipo de decoração (forrar paredes) feita em apainelados de madeira com formas geométricas.

O tecto, em artezões ou caixotões (tectos de vigamento à vista), é formado por caixas quadradas, neste caso, sem qualquer decoração no seu interior, apenas como as arestas inferiores moldadas (Figura 135).

As ferragens e fechaduras em metal apresentam volutas e elementos vegetalistas (Figura 136).

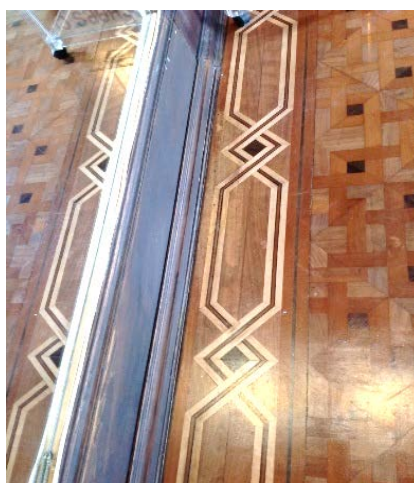
Por fim, o pavimento de “parquet”, em madeira, apresenta uma composição geométrica (formas semelhantes às do mosaico hidráulico do pátio central) com madeiras de varias cores (Figura 137 a 138).



Fotografia 133 - P R C - Tecto forrado em forma de caixotões.



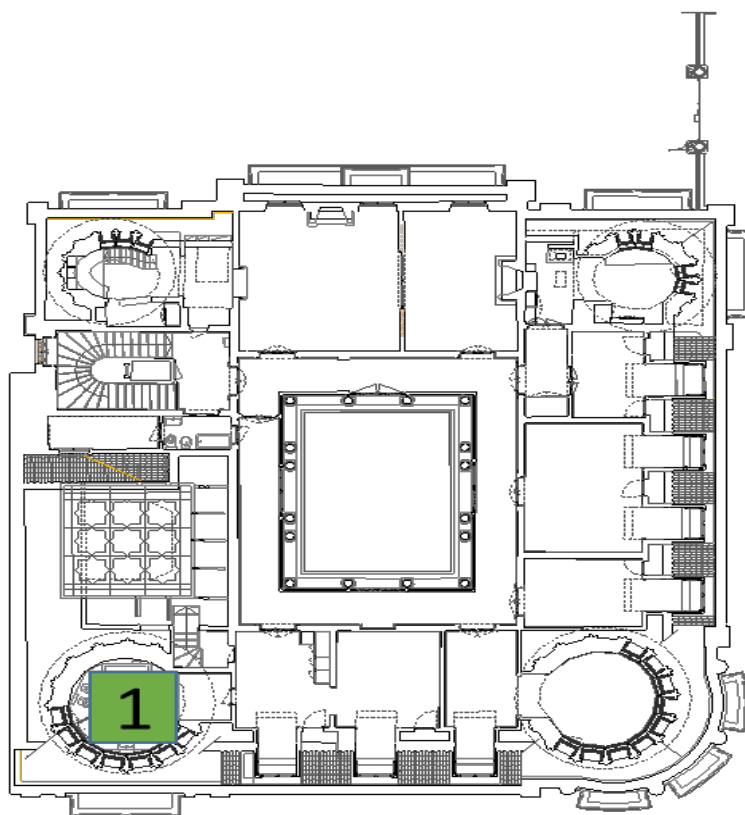
Fotografia 134 - P R C - Ferragem com elementos vegetalistas.



Fotografia 135 e 136 – P R C - Pavimento em “parquet” com composição geométrica.

2.7.2.4. Piso 2

Espaço – 1 – Antiga instalação sanitária



Fotografia 137 - P R C - Planta Piso 2.

O piso 2 ou sótão corresponde ao último piso e é sobre este que recai a cobertura. Todos os espaços são desprovidos de ornamentação e na sua maior acompanham o declive do telhado, ainda assim encontram-se alguns remates em madeira, junto das janelas (Fot. 138).



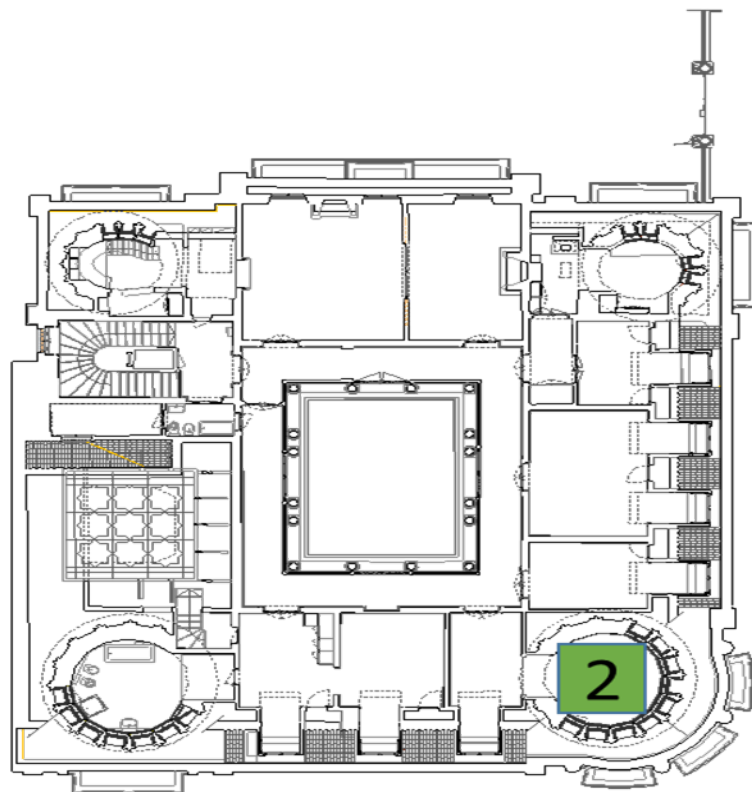
Fotografia 138 - P R C - Acesso a uma janela de peito.

O espaço 1 apresenta-se dividido em três zonas (possivelmente hall, instalação sanitária e quarto de dormir). A que mais se evidencia é a instalação sanitária, com uma forma aproximadamente circular (uma vez que é o interior de uma das quatro cúpulas), apresenta lambrim em azulejo azul e branco, à altura das janelas, que se destacam pelo recorte do vidro em pequenos arcos de ferradura (Fotografia 139).



Fotografia 139 – Instalação sanitária numa das cúpulas.

Espaço - 2



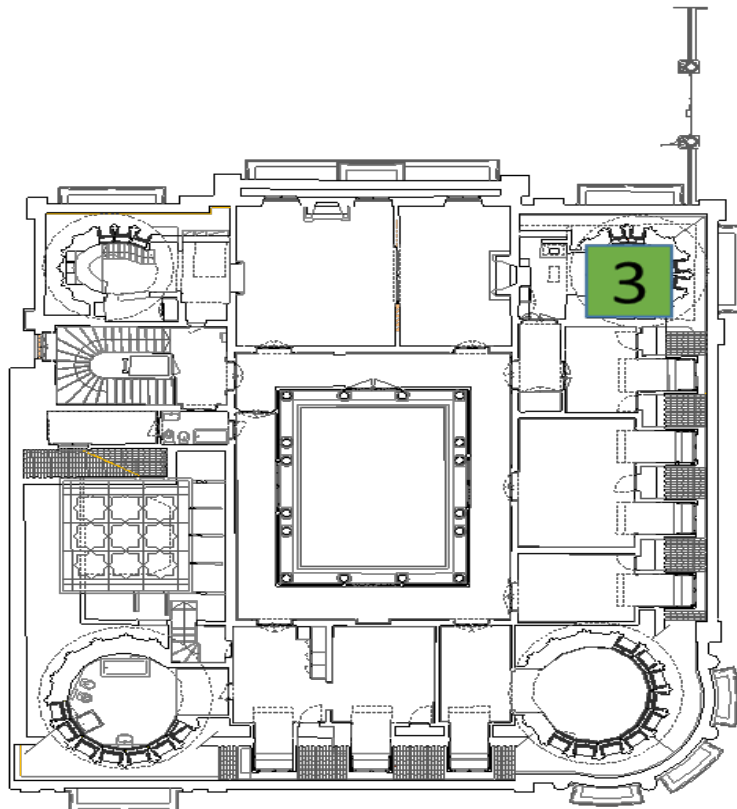
Fotografia 140 - P R C – Planta Piso 2.

O espaço 2, (mais um interior de um cúpula), além das janelas de vidros recortados em arco de ferradura, apresenta tecto trabalhado a estuque com uma gramática decorativa composta por padrão de grade com composição floral sobre grelha recortada.⁴⁶



Fotografia 141e 142 – P R C – Pormenor das janelas e tecto.

Espaço 3 - Antiga cozinha



Fotografia 143 – P R C – Planta Piso 2.

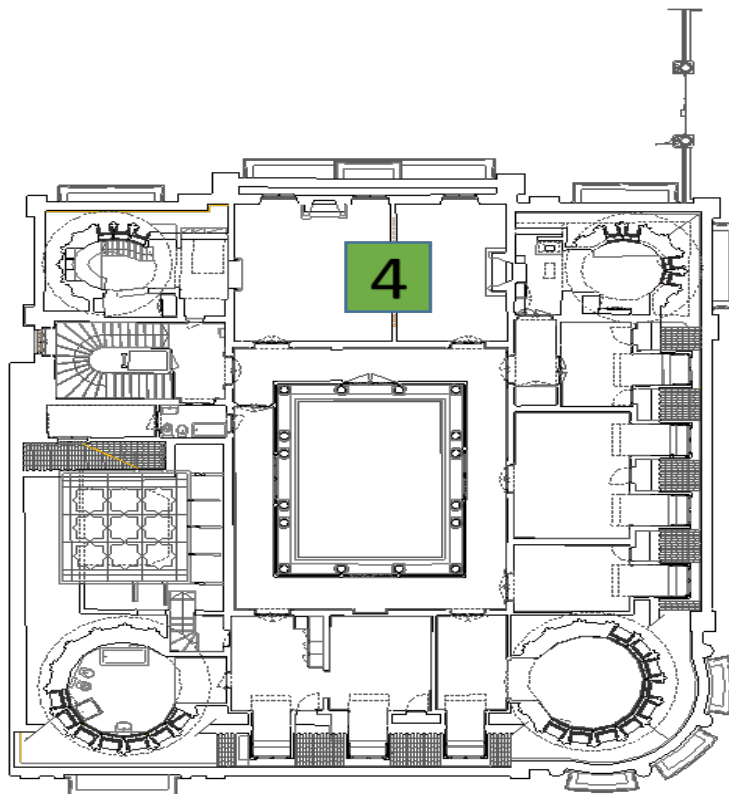
⁴⁶ Como é referido por Isabel Mendonça em “A casa Senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro”

O espaço 3 é uma pequena cozinha que, à semelhança da instalação sanitária, também apresenta um lambrim em azulejo azul e branco.



Fotografia 144 – 145 e 146 P R C - Fotos da cozinha revestida a azulejo azul e branco.

Espaço 4



Fotografia - 147 - P R C – Planta Piso 2.

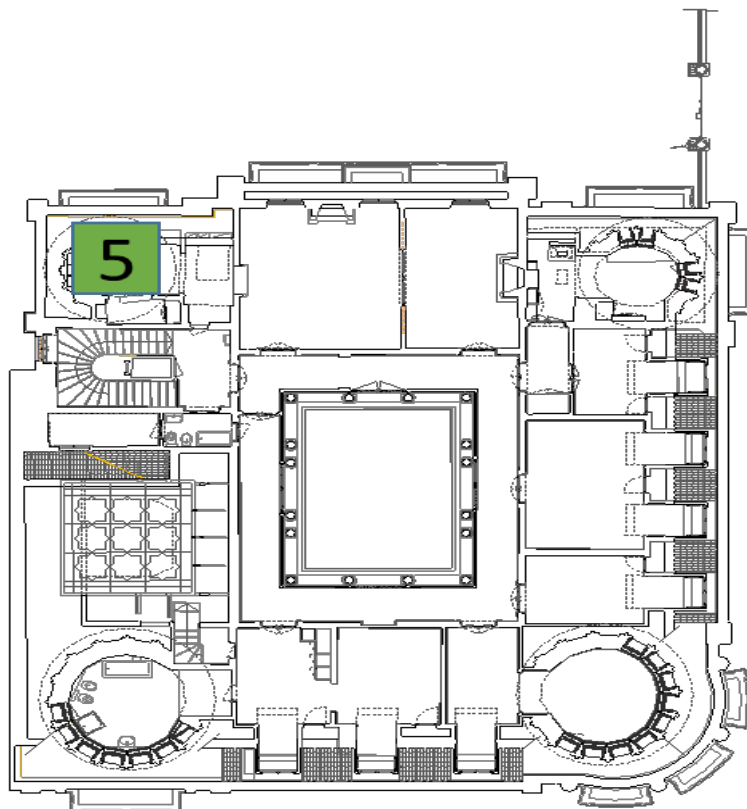
O espaço 4 é a zona de lazer, sala de estar e de jantar. Ambas apresentam um tecto plano na zona central e janelas com paredes rampeadas, seguindo a inclinação da cobertura.

Uma das salas destaca a lareira central com acabamentos em cantaria, e vestígios de alguns azulejos na parede.



Fotografia 148 - P R C - Sala de estar.

Espaço 5 – Espaço com mezanino



Fotografia 149 - P R C – Planta Piso 2.

A quarta cúpula, espaço 5 apresenta uma zona de entrada com uma pequena claraboia e na zona circular encontramos uma sala com mezanino que nos remete a mais uma zona de lazer. Mais uma vez não encontramos qualquer motivo de ornamentação.



Fotografia 150 - P R C - Zona de claraboia.



Fotografia 151 - P R C – Zona do mezanino.

3. Modo de vida doméstico no século XIX

3.1. Análise tipológica do Palacete Ribeiro da Cunha e edifícios de tipologias semelhantes

Na pesquisa feita sobre o Palacete Ribeiro da Cunha não se obteve conhecimento da tipologia espacial do palacete à época. Assim sendo, optou-se por se fazer um estudo comparativo com outros Palacetes da mesma época.

Foi alvo de estudo o Palácio Mendonça (Palacete Henrique de Mendonça / Casa Ventura Terra), sito na rua Marquês de Fronteira, Nº 20 em Lisboa e o Palacete Formigal (Palacete da Quinta dos Lagos) em Sintra (mandado construir por Fernando Formigal de Moraes,⁴⁷ em 1906 – 1908, segundo o projecto do arquitecto Francisco Carlos Parente).⁴⁸

A escolha destes dois Palacetes deve-se ao facto de serem da mesma época e apresentarem uma estrutura arquitectónica semelhante, especialmente o corpo central que permite acesso aos vários espaços bem como a circulação interior entre eles.



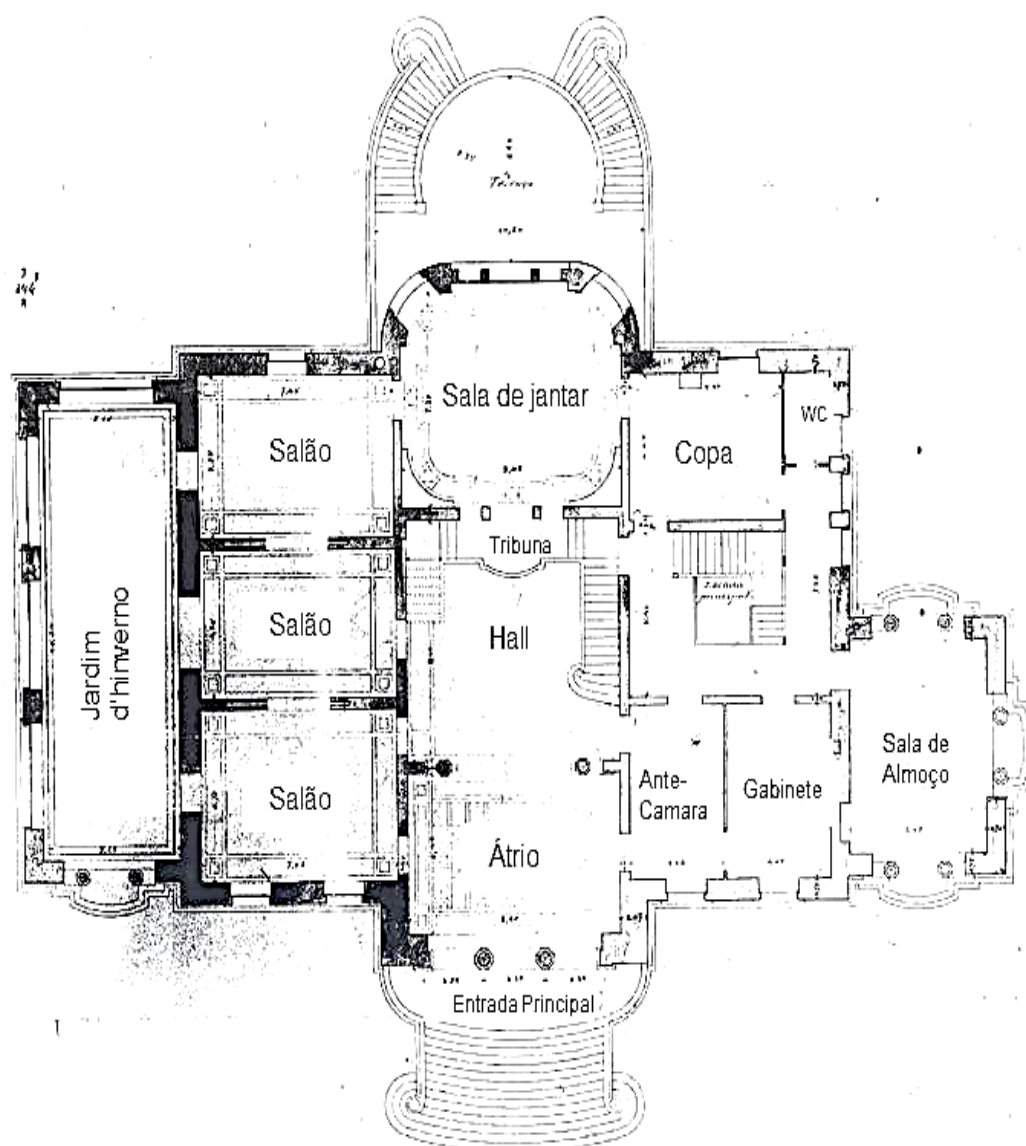
Fotografia152 - Palácio Mendonça.

⁴⁷Fernando Formigal de Moraes, foi o primeiro Presidente da Câmara de Sintra, após a implantação da República em 1910. Em <http://riodasmacas.blogspot.pt/2007/02/casa-do-primeiro-presidente-da-cmara-de.html> - (27/09/2015 - 20,00H)

⁴⁸ http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA - (27/09/2015 - 19,45H)

O Palacete Mendonça, um edifício de planta rectangular, desenvolve-se em quatro pisos e sótão, mas para este estudo escolhemos apenas os primeiros dois. No seu interior encontramos ao nível do primeiro piso o vestíbulo, de planta quadrada, duplo pé-direito e tecto com cúpula envidraçada. É ainda neste espaço que se desenvolve a escadaria que se apresenta com um carácter monumental, o que transmite um especial efeito cenográfico dando acesso ao piso nobre. Como podemos ver na figura 148, este primeiro piso desenvolve-se em zonas sociais tais como: Gabinete (escritório), Sala de Almoço, vários Salões e Sala de Jantar (com apoio da Copa) e Jardim de Inverno.

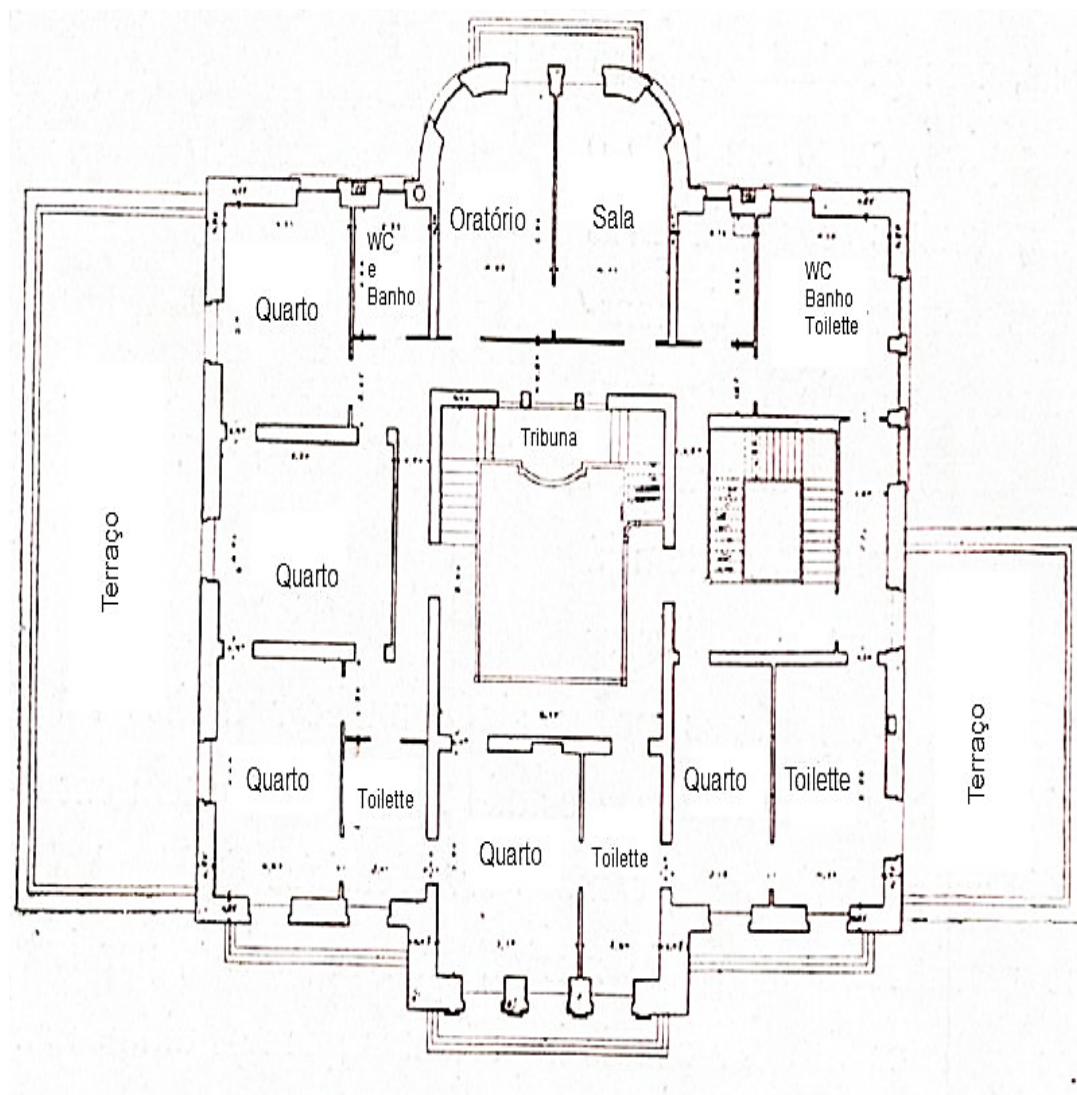
Palacete Mendonça – Tipologia



Fotografia 153 - Palacete Mendonça - Planta R/Chão

A já referida escadaria permite o acesso ao piso superior bem como uma pequena escada de serviço.

Este piso é dedicado à zona de dormitório, sendo os vários espaços divididos em Quartos, quartos com Toilete, Quartos de Banho e com ligação interior entre si. Podemos ver ainda uma pequena Sala e uma zona de Oratório (Figura 149).

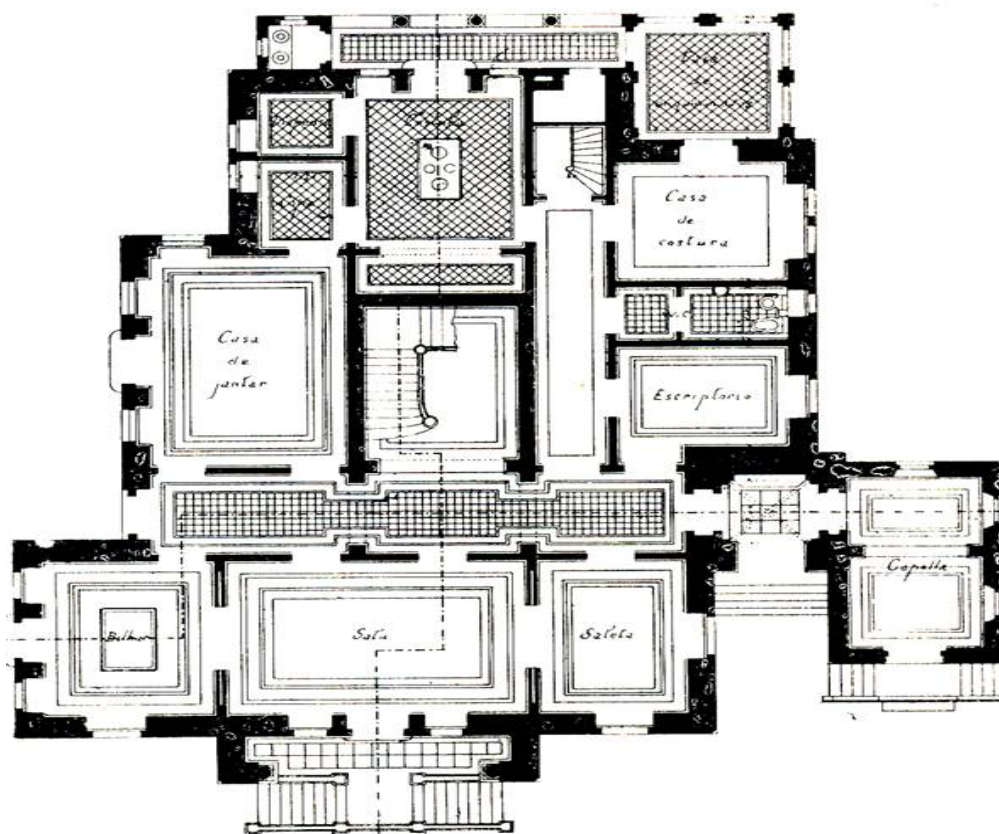


Fotografia 154 - Palacete Mendonça - Planta Piso 1

Podemos pois concluir que este palacete apresenta uma divisão de zonas por Pisos. O primeiro Piso destina-se à zona social e o segundo Piso à zona privada do Palacete.

O **Palacete Formigal** um edifício de planta rectangular com dois pisos e capela também nos apresenta uma planta do primeiro piso como a zona social dividida por: Salas, Saleta, Casa de Jantar e outros espaços de apoio como Copa, (Fot. 155).

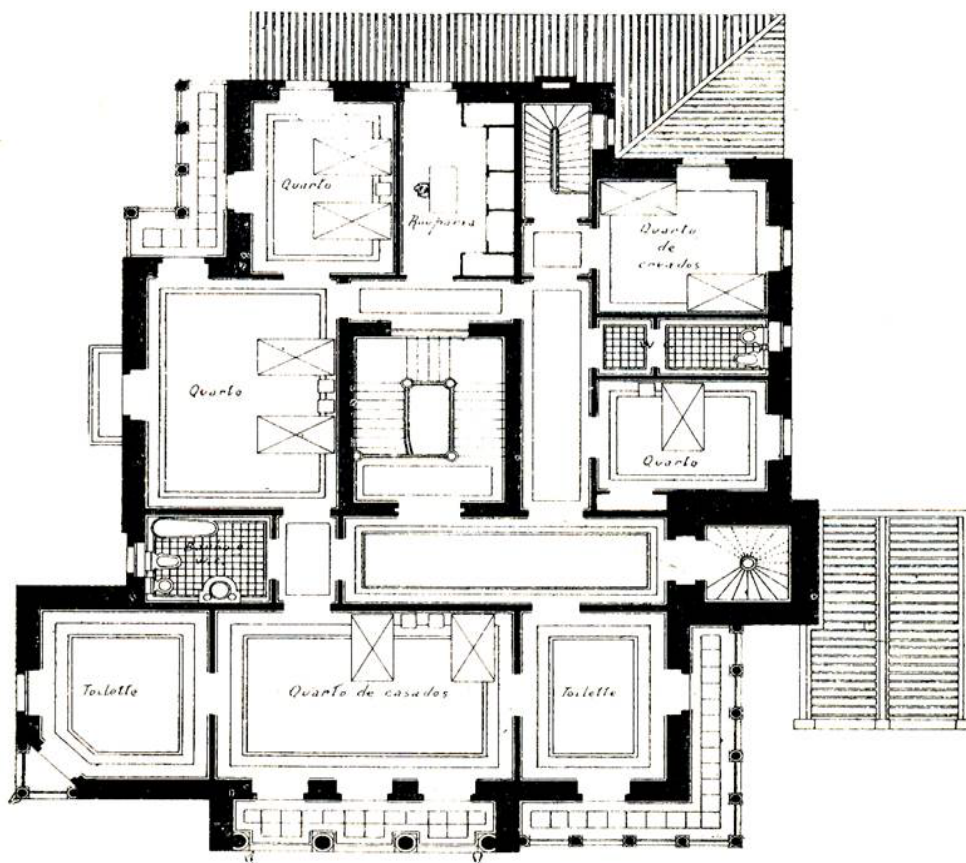
Palacete Formigal - Tipologia



Fotografia 155 - Palacete Formigal - Planta R/Chão.

Mais uma vez é na zona central da planta que se desenvolve a escadaria que dá acesso ao piso superior e que posteriormente permite a circulação aos vários espaços.

Este piso apresenta-se dividido por vários quartos de dormir. Destaca-se em especial dois que são designados por “Quartos de Casados”, sendo que um deles, posicionado na fachada principal apresenta-nos a particularidade de ser dividido em quarto de dormir e dois *toilettes* (provavelmente um feminino e outro masculino), (Fot. 156).



Fotografia 156 - Palacete Formigal - Planta Piso 1.

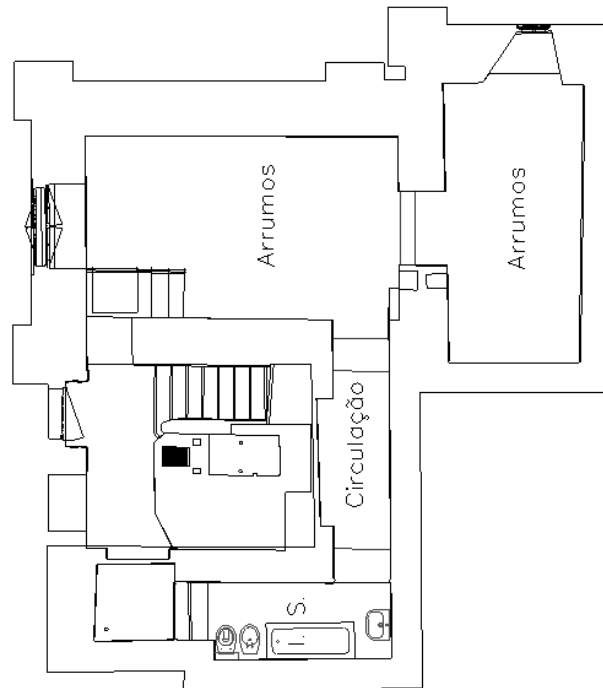
À semelhança do Palacete Mendonça, também o Palacete Formigal apresenta -se dividido por pisos com zonas distintas, primeiro piso, zona social, segundo piso zona privada. No que se refere aos serviços de apoio e habitação dos criados, estes encontravam-se nas plantas de cave ou nos sótãos.

Os resultados obtidos através deste estudo permitiram aproximar os Palacetes estudados ao Palacete Ribeiro da Cunha, no que diz respeito à sua tipologia espacial e desta forma permitisse criar supostas plantas tipológicas deste Palacete à época da sua construção.

Suposta tipologia do Palacete Ribeiro da Cunha

Piso -2

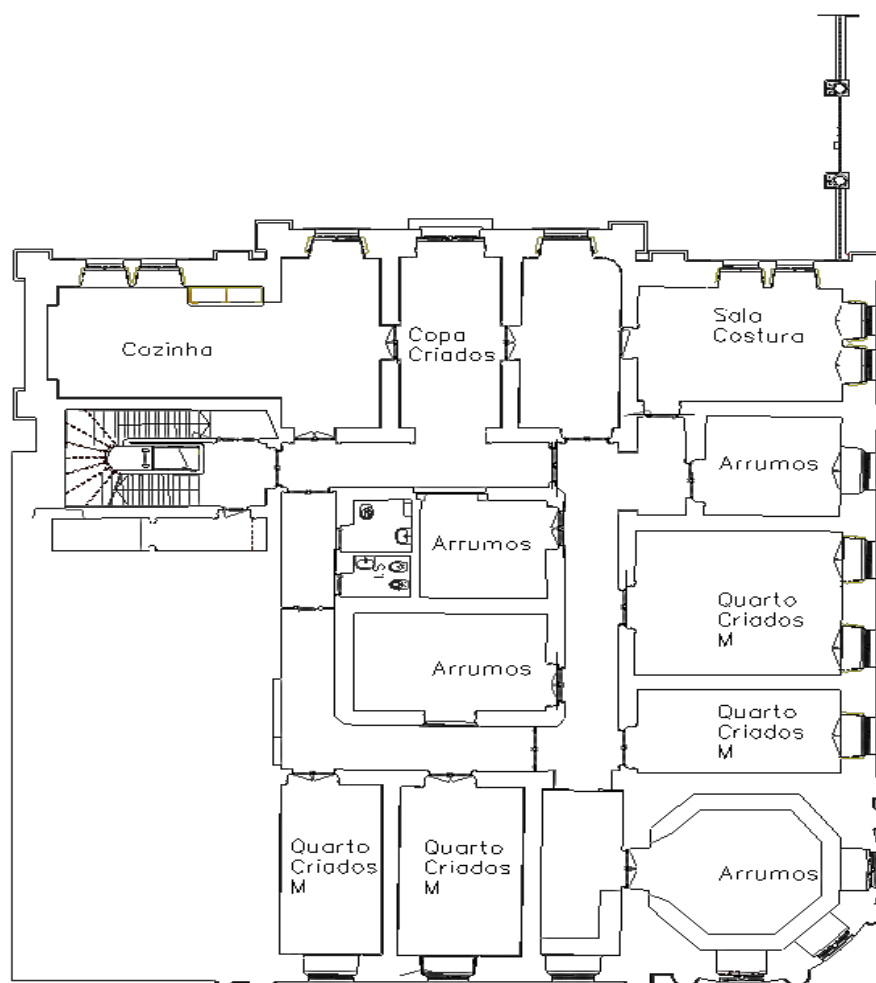
Neste piso encontramos pequenas divisões que supostamente eram destinadas a arrumos e um pequeno sanitário (Fot. 157).



Fotografia 157 – P R C - Planta Piso -2.

Piso -1

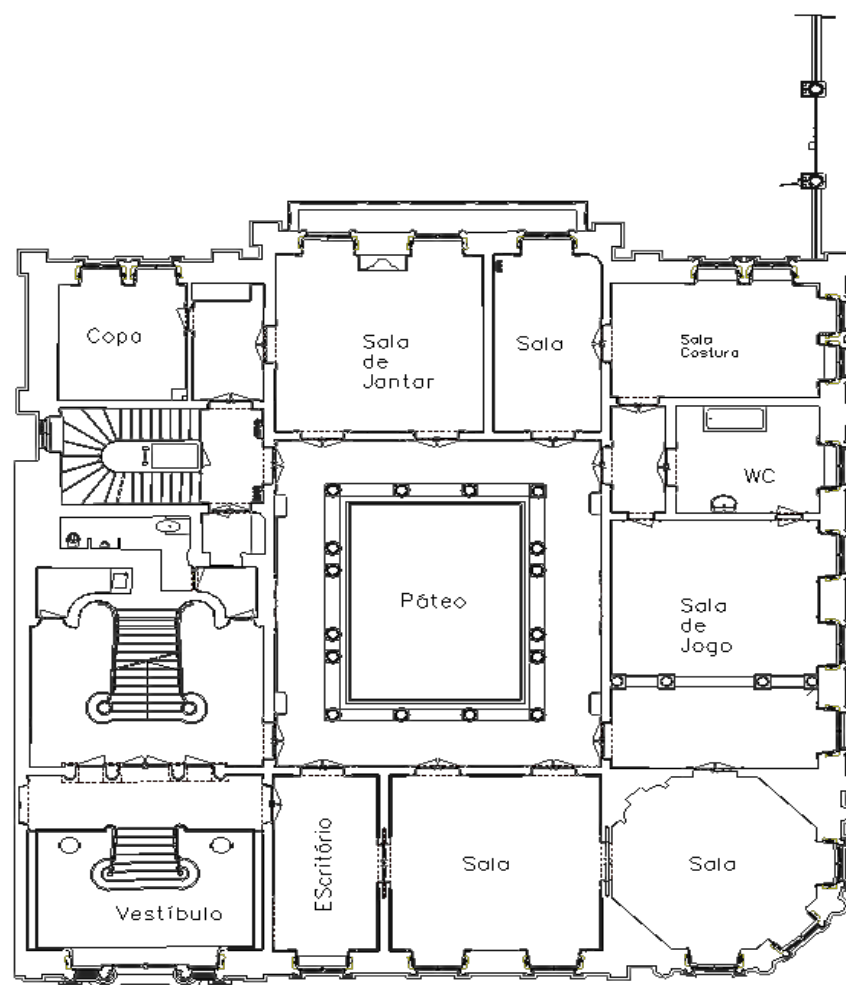
Um piso já mais compartimentado, encontram-se os serviços de cozinha e copa destinada aos criados, zonas de arrumos, uma sala de costura muito comum à época e os quartos dos criados homens (Fot. 158).



Fotografia 158 - P R C -Planta Piso -1.

Piso 0

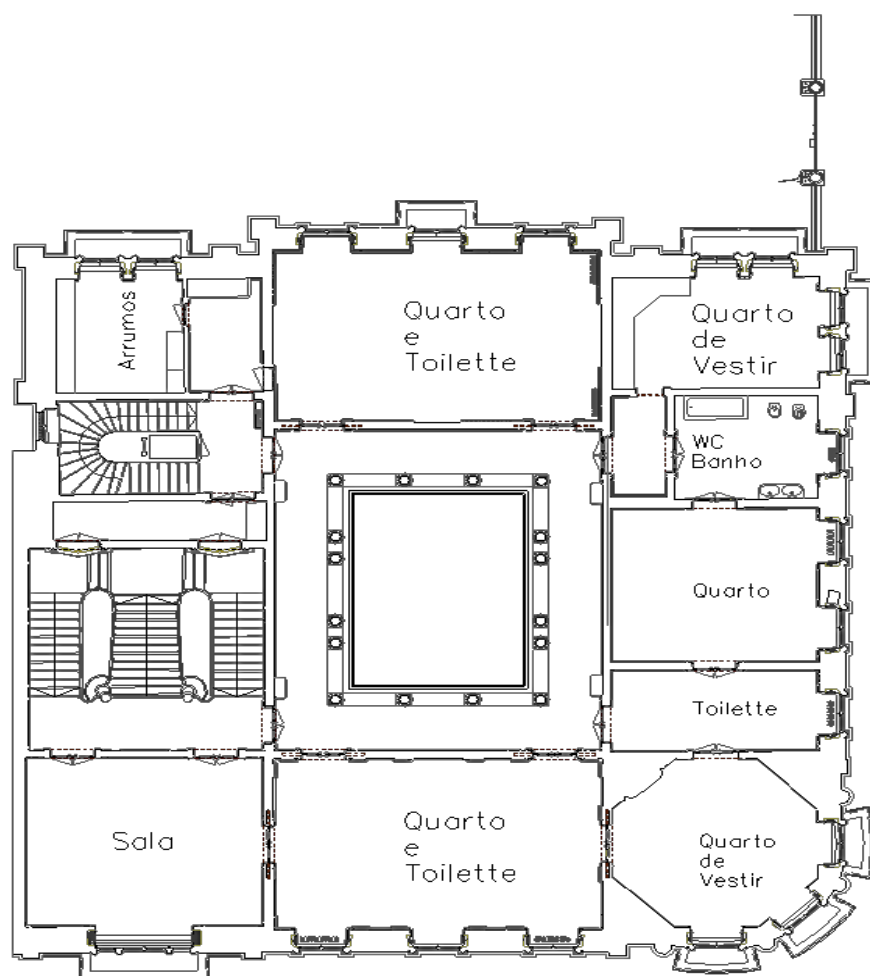
O chamado piso Nobre, incluía o escritório de José Ribeiro da Cunha, sendo o primeiro espaço ligado ao vestíbulo, uma vez que dada à sua actividade (empréstimo a crédito de dinheiro), receberia frequentemente pessoa no seu escritório. Contudo, a vivência deste piso centra-se na vida social, com Salas, destinadas umas a homens (Sala de Jogo) e outras a Senhoras (Salas de estar e de Costura), bem com uma instalação sanitária e uma copa de apoio à Sala de Jantar, (Fot. 159). Todos estes espaços se desenvolvem em torno do Pátio central que se liga às referidas Salas, ampliando-as nos dias de festa.



Fotografia159 – Planta Piso 0

Piso 1

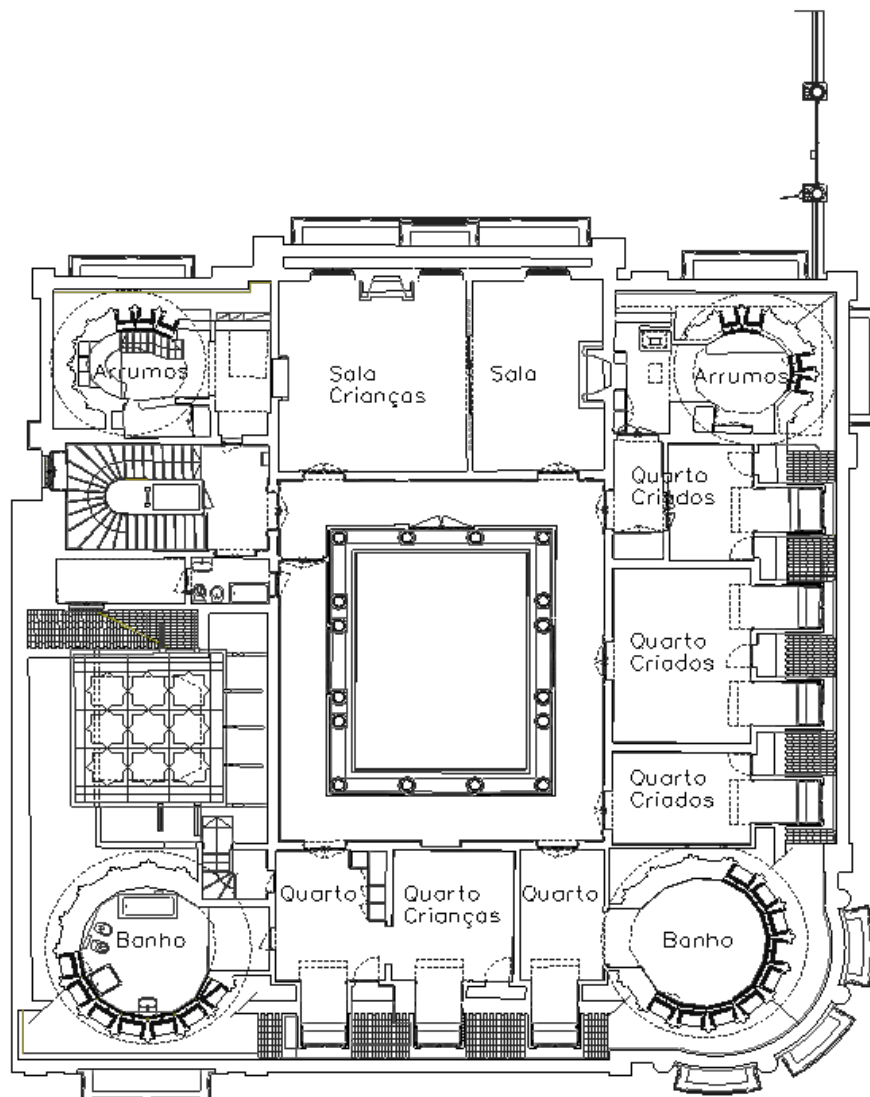
Apresenta uma planta que se desenvolve em torno do varandim do pátio interior. Destinado à zona privada este piso é dividido pelos vários quartos de dormir, toilette e de vestir e pequenos arrumos. O primeiro espaço junto à escadaria, destinava-se a uma sala para receber visitas em situações especiais, (Fot. 160).



Fotografia 160 - P R C - Planta Piso 1.

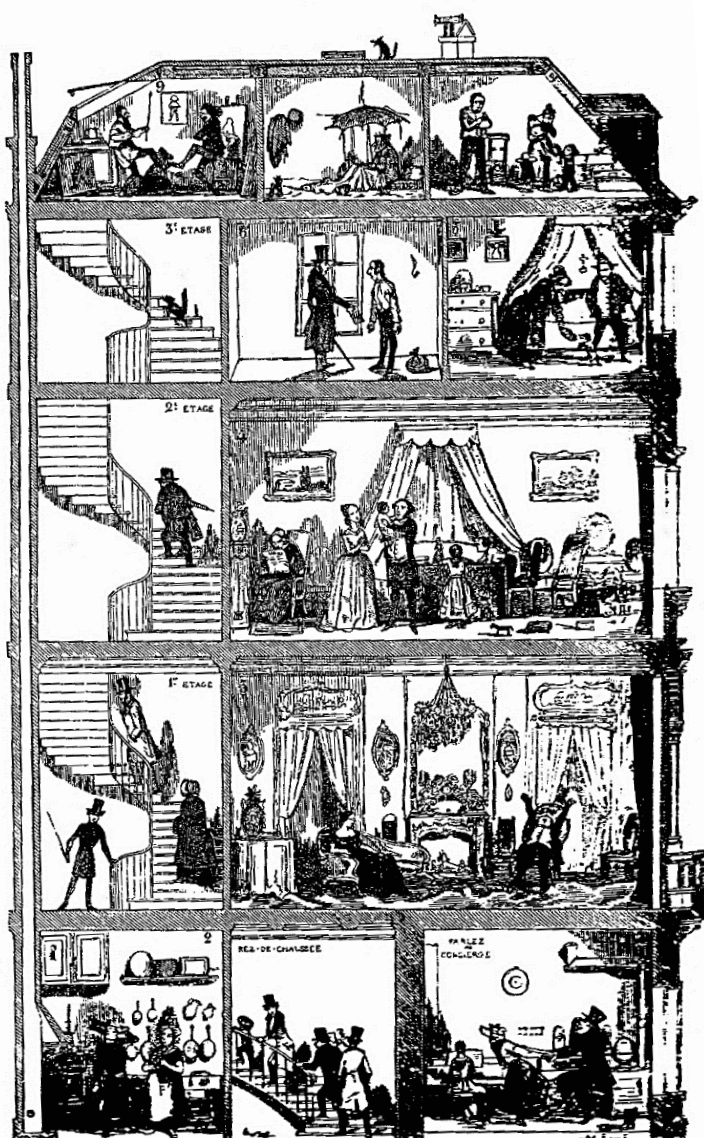
Piso 2

Destinado às crianças e às criadas, quartos, instalações sanitárias, salas para brincar e pequenos arrumos, (Fot. 161).



Fotografia 161 - P R C - Planta Piso 2.

Podemos pois concluir que na época a divisão espacial dos Palacetes não só se fazia por vivências domésticas, mas também por classes sociais como podemos ver na sátira na (Fot.162).



Fotografia 162 - Sátira à divisão espacial por Classes dos Palacetes no século XIX.

II. Proposta de Intervenção

1. Proposta Interventiva

1.1. Temáticas e problemáticas

Lisboa tem-se afirmado, nos últimos anos, como um dos melhores destinos turísticos do mundo. Tem sido classificada como uma das melhores cidades europeias a ser visitada, em estadias de curta duração (2 ou 3 dias). No entanto, se muitos são os que passam por Lisboa e aqui permanecem poucos dias, outros elegem-na para nela trabalharem, em períodos de maior ou menor duração, estudarem ou simplesmente usufruírem de uma estadia de permanência mais prolongada, privilegiando espaços com história, envolvidos por jardins, bem situados no coração de Lisboa, nos quais possam experimentar vivências de uma cidade de outra época, em ambiente doméstico e revestido de um certo *glamour*.

O Palacete Ribeiro da Cunha é um edifício de arquitectura neo-árabe que, pela sua beleza tanto exterior como interior, reclama um projecto de reabilitação que possa vir a devolver-lhe a sua função inicial de habitação. A proposta para o espaço é assim, uma “Unidade Turística Habitacional”, que possa disponibilizar um tipo de turismo específico e ainda pouco usual em Lisboa. Um turismo habitacional que poderá ser de permanência mais prolongada, num espaço de ambiência doméstica, alargado a mais do que uma família, no conceito do que chamámos – Turismo habitacional de permanência prolongada, com tipologias que permitem eventos e/ou espaços com carácter laboral.

A problemática em questão centra-se na apresentação de um projecto de design de interiores com vista a reabilitar um edifício histórico que outrora serviu como residência familiar, num espaço de dimensão pública, através do tratamento plástico e espacial dos espaços interiores.

A criação de uma unidade turística de permanência prolongada salvaguardará, antes de mais, a integridade do espaço físico e vivencial e abrirá as suas portas aos que hoje dele quiserem fruir.

1.2.Objectivos

Habitar hoje o Palacete Ribeiro da Cunha é, pois, permitir ao visitante reviver um modo de vida burguês na Lisboa de oitocentos. Assim sendo, o projecto de reabilitação tem como objectivo responder às necessidades do público - alvo que procura o espaço, em trabalho e/ou lazer.

Para tal serão tidas em conta algumas alterações de modo a obter níveis de desempenho superiores aos existentes e adquirir e/ou repor condições de uso diário de acordo com determinados padrões, nomeadamente no que se refere à legislação em vigor, sem alterar a estrutura arquitectónica essencial, preservando o valor histórico do edifício, tais como:

- Os espaços, a relação entre eles e a sua hierarquia;
- Existência de dois tipos de circulação no edifício que serão mantidos: circulação de serviço e circulação de “proprietários”;
- Criação de células (suites) habitacionais, de vivência prolongada;
- Criação de espaços para diferentes actividades, tais como exposições, jantares de negócios, pequenas reuniões e palestras;
- Introdução de diferentes actividades, tais como exposições, jantares de negócios, pequenas reuniões e palestras;
- Implantação de uma zona de relaxamento com ligação aos jardins.

Todos os objectivos mencionados têm como base de trabalho não só criar uma unidade turística de permanência prolongada numa zona histórica privilegiada de Lisboa, mas também assegurar com a mesma a rentabilidade económica de uma forma sustentada.

1.3.Tipo de programa

1.3.1. A pertinência do programa do Palacete Ribeiro da Cunha

O programa apresentado para o Palacete Ribeiro da Cunha teve como ponto de partida a arquitectura neo-árabe do edifício, a estreita compatibilidade entre as funcionalidades espaciais que o objecto ostenta e o projecto de design de interiores, de carácter contemporâneo.

O projecto de design de interiores de um objecto pode adoptar posições opostas na sua relação com o espaço, apresentando-se por um lado como um projecto integrado, ou por outro, criando ambientes de contraste reclamando a nossa atenção.

Ao definir-se a intenção projectual não existem dúvidas de que ela recai sobre o objecto (a sua estrutura construtiva, a sua organização espacial e a relação com tudo o que o rodeia), a chamada identidade formal. Deste modo, o projecto de design de interiores desenvolvido para o Palacete Ribeiro da Cunha centra-se numa solução integrada que terá como prioritário o respeito pelo objecto e particularmente pela sua estrutura e interiores, mas também uma intervenção ao nível do layout e tratamento plástico, criando, qualidade estética com contraste reciado pelo efeito cénico com formas geométricas simples, estruturas estáticas, móveis e novas texturas conseguidas com a utilização de novos materiais.

1.3.2. Pré-existência – Leitura do espaço

O Palácio Ribeiro da Cunha é um edifício do fim do século XIX, com projeto do Arquitecto Henrique Carlos Afonso, numa arquitectura residencial neo-árabe que o caracteriza, o qual faz parte de um conjunto de edifícios na Lisboa de oitocentos que marcam uma consciência de valores à época. A sua localização, numa das sete colinas de Lisboa, tem como vizinho principal a natureza. Se por um lado o alçado principal do edifício mantém uma relação com a cidade e o meio urbano, através do Jardim França Borges (também conhecido por jardim do Príncipe Real), de traçado romântico e construído em meados do séc. XIX, por outro, o alçado posterior abre portas para o seu próprio jardim, embora de carácter privado, revelando uma ligação de vizinhança com o jardim Botânico e uma ligação cultural ao Parque Mayer.

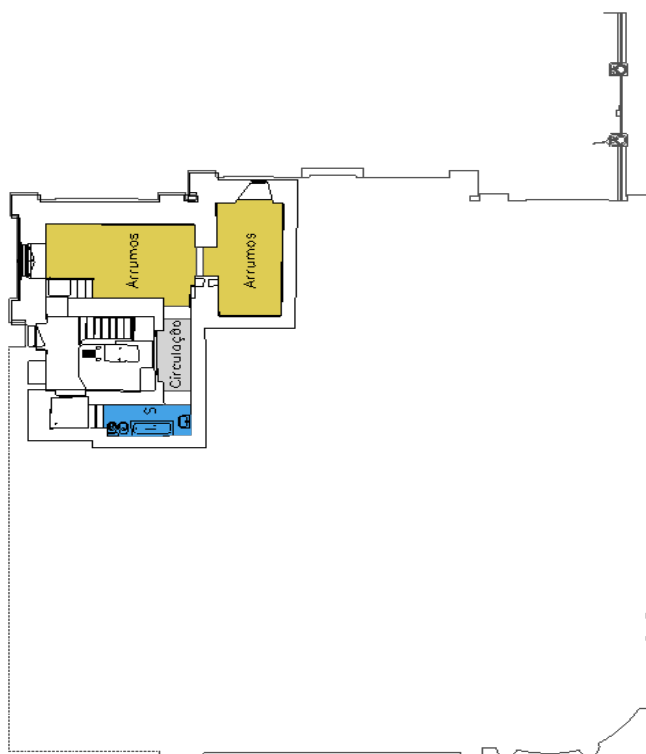
O edifício de geometria simples, apresenta-se com uma forma rectângular e uma volumetria de três pisos, sendo que o primeiro se encontra parcialmente enterrado (apenas visível no alçado posterior).

Os alçados apresentam uma repetição de vãos, que terminam em arco de ferradura, emoldurando portas e janelas, o que confere ao edifício uma construção com formas orientais, característica da arquitectura neo-árabe. Os quatro cantos do edifício são rematados por quatro cúpulas bolbosas. No interior, ao contrário do que se vê no exterior, a sua volumetria é outra, passando a quatro pisos (uma vez que o sótão tem funções de habitação), que se desenvolvem em torno de um pátio central.

Os espaços de circulação e serviços destacam-se pela escolha de pavimentos (em lajes de pedra ou mosaico hidráulico), ambos criando formas geométricas que se destacam pela cor e forma dos respectivos materiais.

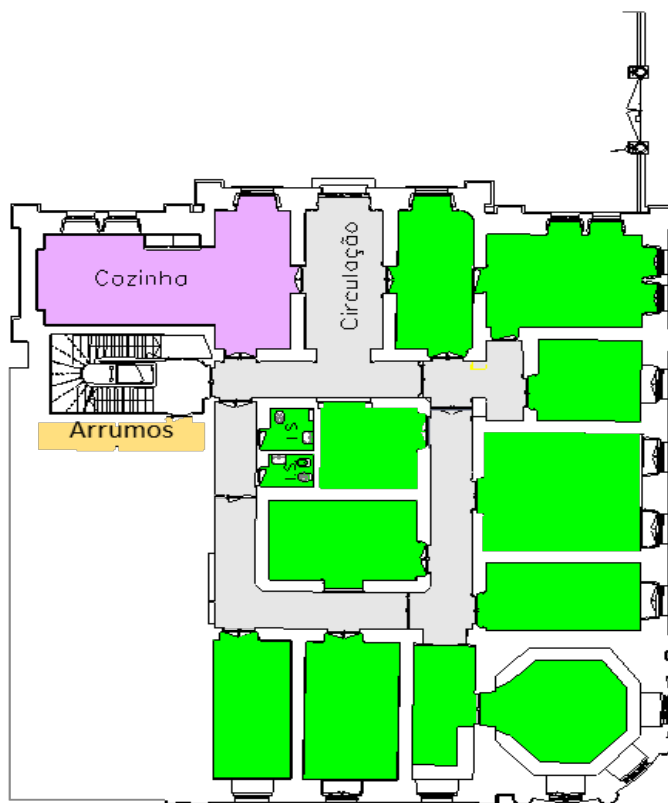
No que diz respeito ao layout existente, como já foi referido anteriormente não temos qualquer informação. No entanto pelos estudos apresentados de palacetes da mesma época é possível fazer uma viagem pelo seu interior e rapidamente nos apercebermos da forma como o objecto foi pensado:

Piso -2, o piso de infra-estruturas, instalação sanitária e zona de arrumos. Este piso apresenta uma zona de circulação pela escada de serviço.



Fotografia 163 - Planta Piso -2 - Levantamento.

Piso -1, o piso de serviços, cozinha, copa e zona de arrumos. Este piso apresenta duas zonas de circulação, uma pela escada, outra pelo elevador.



Fotografia 164 - P R C - Planta Piso -1 - Levantamento.

Piso 0, o chamado piso Nobre ou Social, inclui o escritório de José Ribeiro da Cunha, salas de jogos e ou reuniões (destinadas a homens), salas de estar e ou costura (destinadas a senhoras), a sala de jantar, uma instalação sanitária e uma copa de apoio. Estes espaços mantêm uma relação directa com o pátio central que em dias de festa fazia a ligação com todos estes espaços ampliando assim as zonas de convívio.

O pátio central bem como a escadaria principal apresentam claraboias trabalhadas em vidro e ferro que permitem a entrada de luz natural, criando um efeito cénico.

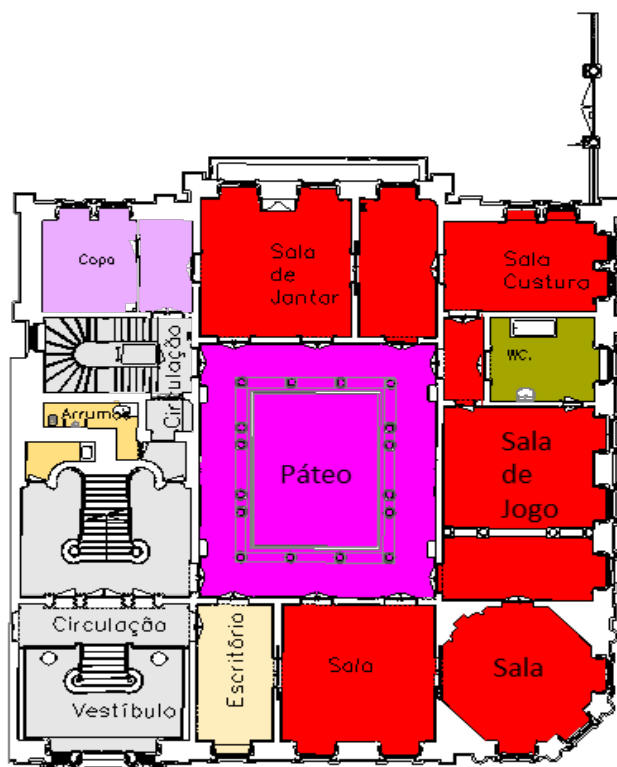
A relação entre espaços oferece a possibilidade de duas circulações, uma de funcionários e outra para os proprietários.

Os espaços que se encontram no alçado principal apresentam uma simetria de vãos, quer exteriores quer interiores, com os espaços do alçado posterior.

Existe, ainda, uma relação estreita da altura com a largura dos mesmos.

Todos os espaços apresentam uma boa iluminação natural proveniente do grande número de vãos em cada espaço.

Podemos também observar que as funcionalidades se encontram não só à vista, mas também integradas no espaço, é o caso dos aquecedores (ventilação de ar quente) escondidos por grelhas em metal trabalhado com forma geométricas.

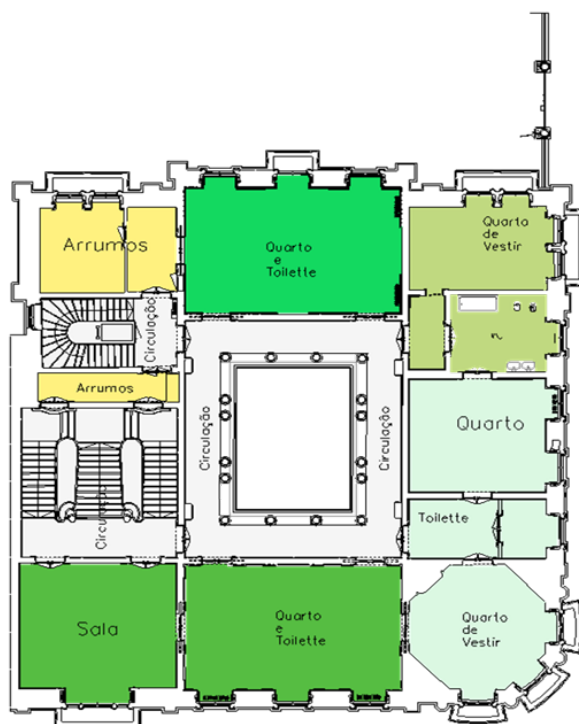


Fotografia 165 - P R C - Planta piso 0 - Levantamento.

O piso 1, destinado à zona privada (composto por quartos de dormir, toilette e quarto de vestir), apresenta uma planta que se desenvolve em torno de um varandim em ferro forjado e arcadas em arcos de ferradura, acompanhadas de capitéis decorados com estuque rendilhado.

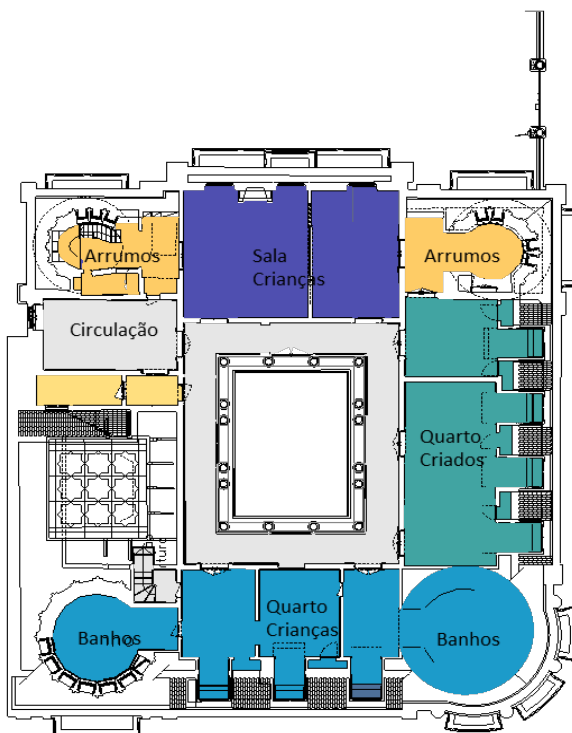
Os espaços apresentam uma simetria de vãos, tanto nos interiores como nos exteriores.

Os pavimentos em “parquet” exibem composições geométricas (formas em espinha e desenhos semelhantes aos do mosaico hidráulico do pátio central) com madeiras de varias cores. Os tectos trabalhados quer a estuques, pinturas ou caixotões (tectos de vigamento à vista) proporcionam um ambiente acolhedor.



Fotografia 166 - P R C - Planta Piso 1 - Levantamento.

O piso 2, à semelhança do piso 1, apresenta uma planta que se desenvolve em torno de um corredor (dão acesso visual ao pátio central). Os espaços são destinados aos quartos e salas (de brincar) das crianças e criadas.



Fotografia 167 - P R C - Planta Piso 2 - Levantamento.

Este edifício foi pensado não só tendo em conta as necessidades da época, mas também as características bases de um espaço arquitetónico. Este revela harmonia, não só no tamanho, mas também na forma, na cor e textura, na beleza e nos elementos que formam um todo. No que se refere ao tamanho, pode-se dizer que há uma relação directa entre comprimento, largura e altura, bem patente nos espaços principais, tanto no piso 0 como no piso 1.

No que diz respeito à forma, é possível afirmar que esta é a variável mais marcante, pois tudo se desenvolve através da forma geométrica o quadrado. Encontramos essa forma nos pavimentos em pedra, em madeira ou no mosaico hidráulico. Todos os desenhos partem do quadrado criando outras formas através de cores, acabamentos ou sobreposições de formas geométricas.

Em relação à cor e textura, observam-se não só as cores escolhidas para a pintura, quer das paredes, portas e vitrais, quer dos relevos criados pelos estuques. Não podemos esquecer o papel tão importante da cor como resultado da incidência da luz natural que atravessa os vãos e se espalha sobre os espaços.

O uso do espaço é também muito importante, mantendo uma relação directa com as aberturas, possibilitando acesso aos espaços, tendo em conta as suas necessidades e possibilitando ainda sentimentos diferentes, dependendo desta abertura. A simetria dos vãos gera sensações diferentes, o que não aconteceria se não existisse essa simetria. A conjugação de todos estes elementos possibilita a criação de um objecto onde se respira harmonia, contraste e funcionalidade.

1.3.3. Novo programa

1.3.3.1. Criação de tipologias autónomas e independentes

A intervenção num edifício tem como objectivo a alteração de uma realidade existente. Esta pode poder ser de várias dimensões tais como: conservar, restaurar, reconstruir, reabilitar, requalificar, entre outras.

No caso do Palacete Ribeiro da Cunha, pode-se falar em conservar, pois é a forma que temos de possibilitar o prolongamento da vida útil deste objecto e em reabilitar, pois seria a resposta para repor os níveis da sua eficiência e funcionamento.

O programa visa manter a utilização de todos os pisos, bem como manter as suas funções e/ou adicionar funções complementares de forma a rentabilizar todos os espaços, sem que se destrua a configuração espacial original.

No piso -1, a implantação de um spa de banho turco (um tipo de banho que remonta à Grécia antiga e que vem posteriormente a ser adoptado por árabes, turcos e outros povos islâmicos) foi o escolhido como mais uma valência oferecida aos hóspedes. Esta escolha recai na relação directa entre a arquitectura neo-árabe do edifício, a arquitectura que normalmente encontramos num spa de banho turco e os povos que o fizeram chegar até nós, assumindo-se na sociedade dos nossos dias, como uma ajuda no combate ao *stress* e contribuindo para uma vida saudável.

Os espaços foram adaptados para as várias funções e oferecem uma atmosfera ímpar, uma vez que esta é acompanhada pela iluminação natural já existente (uma luz ténue) proveniente de pequenos rasgos, junto ao piso térreo do edifício. Contudo, este spa não foi criado só a pensar nos hóspedes, mas também nos clientes não residentes, uma vez que a sua localização no edifício o torna autónomo e independente, possibilitando o seu acesso tanto pelo interior, como pelo exterior, através do jardim do Palacete.

A intervenção ao nível do *layout*, de certa forma, manteve a organização funcional do objecto.

O piso -2, -1 e o piso 0 são destinados às infraestruturas e áreas comuns do Hotel e os pisos 1 e 2 destinam-se a 10 espaços habitacionais, pelo que os pisos foram organizados tendo em conta a relação: **Espaço / Função.**

Piso - 2 - Armazém / Manutenção

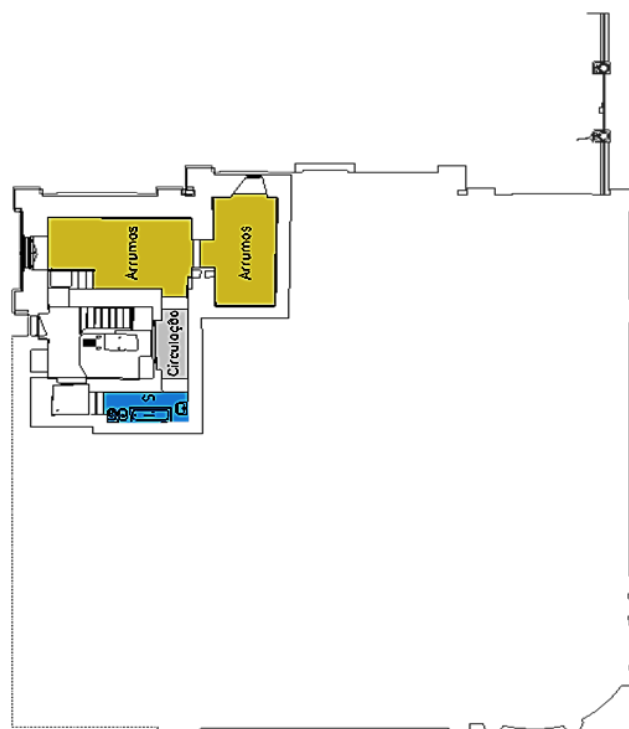
Arrumos ----- 29,88 m²

Instalações Sanitárias ----- 4,92 m²

Total - 34,80 m²

Arrumos - Produtos de limpeza e têxteis

Instalações Sanitárias - Limpeza de equipamentos



Fotografia 168 - P R C - Planta Piso -2 - Proposta - Zonamentos.

Piso - 1 - Serviços

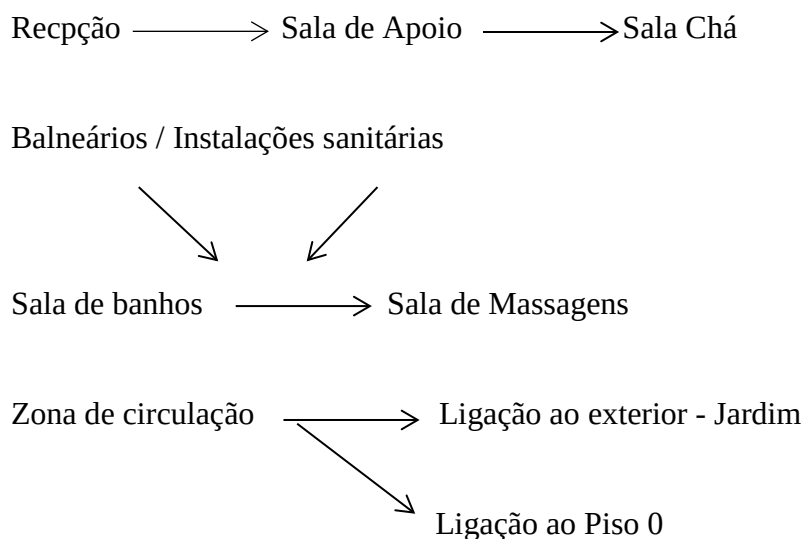
Cozinha ----- 26,08 m²

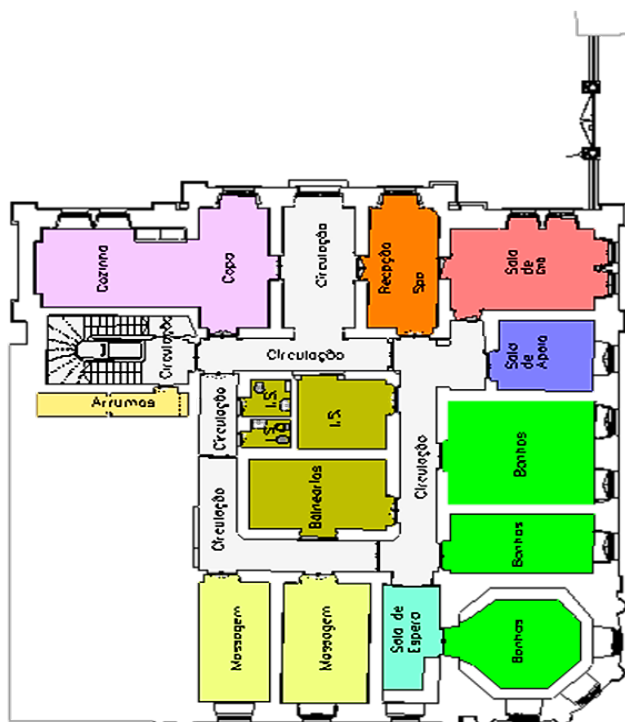
Copa ----- 17,97 m²

Total - 44,05 m²

Copa Limpa - Fornos, pequena despensa, frio e congelação

Recepção Spa -----	18,15m2
Sala de Chá -----	26,05m2
Sala de Apoio -----	13,62m2
Salas Banhos -----	64,24m2
Sala de espera -----	10,68m2
Massagem -----	38,10m2
Balneários -----	19,36m2
Inst. Sanitárias -----	24,81m2
Arrumos -----	7,00m2
Circulação -----	108,86m2





Fotografia 169 - Piso -1 – Planta de Zonamentos

Piso 0 - Zona social - Conhecer, Ler, Conviver, Comer

No piso 0, a tipologia desenvolvida contempla além dos serviços de apoio à unidade hoteleira, uma sala destinada a exposições, um bar no *lounge* e uma zona de restauração que tanto se destina aos hóspedes como ao público em geral. No entanto, este piso e nomeadamente o *lounge* permite um *layout* diferenciado em função das actividades (festas) embora disponha de uma disposição fixa dos tapetes desenhados pelo mosaico hidráulico. Neste sentido podemos dizer que estas zonas podem ser autónomas e independentes, ainda que por pequenas temporadas.

Recepção

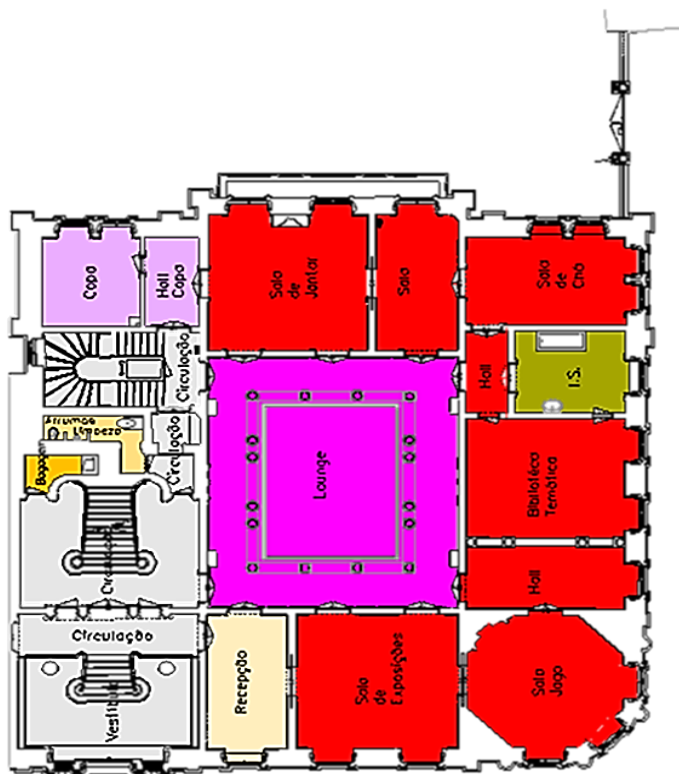
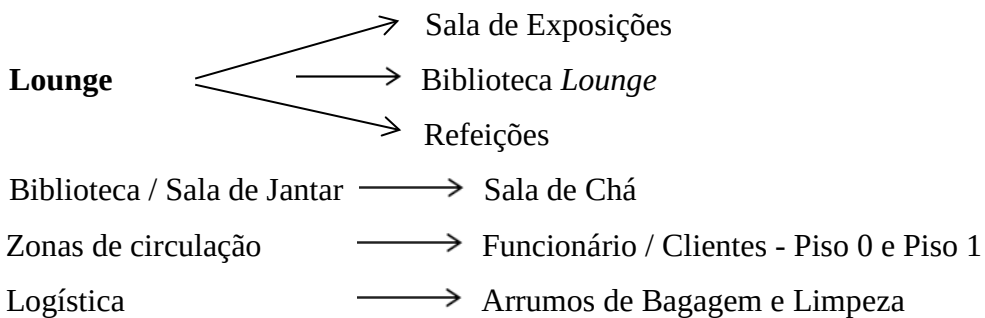
Vestíbulo -----	40,62m ²
Hall -----	32,17m ²
Recepção -----	19,00m ²
Sala de Exposições -----	38,85m ²
Sala de Jogo -----	31,31m ²

Total 161,95 m²

Serviços do Lounge

Hall /Biblioteca Temática -----	51,22m2
Hall /Inst. Sanitária -----	22,77m2
Sala Chá -----	26,81m2
Sala / Sala de Peq. Almoço/Jantar ---	60,00m2
Hall / Copa -----	24,37m2
Circulação escada serviço -----	19,25m2
Circulação Serviço -----	5,28m2
Arrumos Limpeza -----	5,46m2
Arrumos bagagem -----	2,81m2

Total 217,97 m2



Fotografia 170 - P R C - Piso 0 - Planta - Zonamentos.

Piso 1 - Zona privada - Dormir, Estar e Trabalhar

Ao nível dos pisos 1 e 2 foram criadas tipologias habitacionais autónomas e independentes, mantendo a organização funcional existente, e ao mesmo tempo criando um diálogo entre os elementos existentes e a introdução de elementos contemporâneos.

As suites e os quartos criados destinam-se a habitação permanente e ou a estadias prolongadas, como tal e sempre que possível (no que diz respeito à área) criou-se um *layout* que disponibiliza dois espaços totalmente diferenciados, sala e quarto de dormir.

Estes dois espaços possibilitam funções distintas e variadas pois a sala possibilita uma zona de trabalho e simultaneamente receber tanto no trabalho com na relação social, e o quarto de dormir apresenta-se como um espaço mais íntimo, o que permite uma estadia mais prolongada.

As suites mantêm um diálogo interno, entre espaços (sala/quarto de dormir e instalação sanitária), mas também se mantém esse diálogo com o exterior, uma vez que tanto sala como o quarto se relacionam directamente com os espaços comuns. Desta forma podemos dizer que estas suites constituem unidades autónomas, distintas e com acesso próprio, sendo auto-suficientes no que diz respeito ao fim a que se destinam, com os seus limites claramente definidos, garantindo-se assim a privacidade pretendida.

Suíte A

Sala ----- 42,50m²

Quarto e Inst. Sanitária ----- 60,00m²

Total 102,50 m²

Suíte B

Hall ----- 11,18m²

Inst. Sanitária ----- 6,50m²

Sala ----- 31,31m²

Quarto ----- 33,54m²

Total 82,53 m²

Suíte C

Hall----- 6,11m2

Inst. Sanitária ----- 16,66m2

Quarto ----- 26,81m2

Total 49,58 m2

Suíte D

Hall ----- 8,47m2

Inst. Sanitária ----- 16,20m2

Quarto / Sala ----- 60,00m2

Total 84,67 m2

Circulações

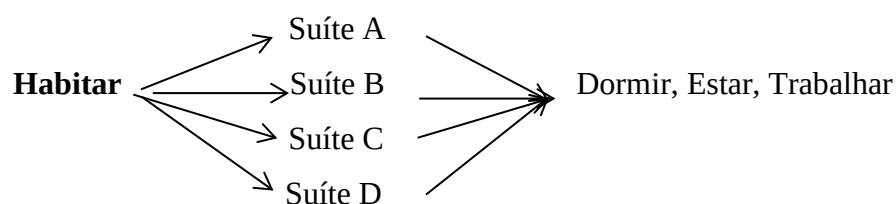
Circulação (Escadaria)----- 47,84m2

Circulação (Varanda) ----- 66,95m2

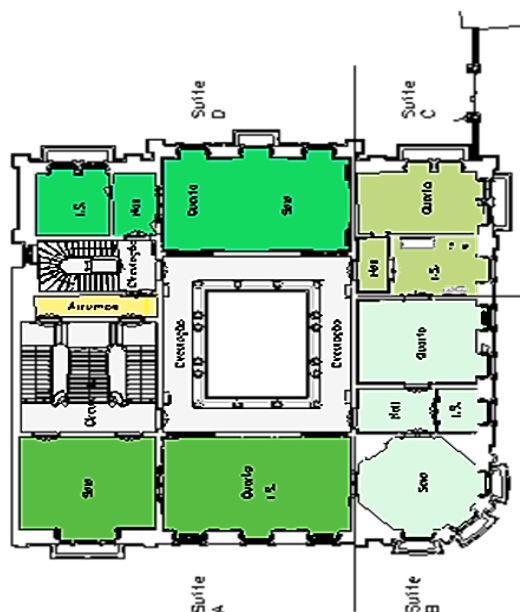
Circulação de serviço ----- 19,25m2

Arrumos ----- 8,61m2

Total 142,65 m2



Zonas de circulação → Funcionários e Clientes-Piso 0 e 1



Fotografia 171 – P R C - Piso 1- Planta – Zonamentos.

Piso 2 - Zona privada - Dormir, Estar e Trabalhar

Nos quartos (de dimensões mais reduzidas), o *layout* desenvolve-se em zonas distintas, mas todas integradas no mesmo espaço. Contudo, também são autónomas e há casos em que pode existir uma ligação interna com suítes criando espaços maiores como uma suíte familiar.

Suíte E

Sala -----	15,65m2
Quarto-----	15,70m2
Inst.Sanitária -----	10,00m2
Total 41,35 m2	

Suíte F

Sala -----	12,70m2
Quarto -----	15,70m2
Inst. Sanitária -----	6,50m2
Total 34,90 m2	

Suíte G

Hall-----	4,27m2
Inst. Sanitária -----	9,61m2
Quarto / Sala -----	27,54m2
Total 41,42 m2	

Suíte H

Sala -----	23,00m2
Quarto -----	17,73m2
Closet -----	5,71m2
Inst. Sanitária -----	7,20m2
Total 53,64 m2	

Suíte I

Quarto / Sala -----	31,32m2
Hall Closet -----	5,90m2
Inst.Sanitária-----	7,46m2
Total 44,68 m2	

Suíte J

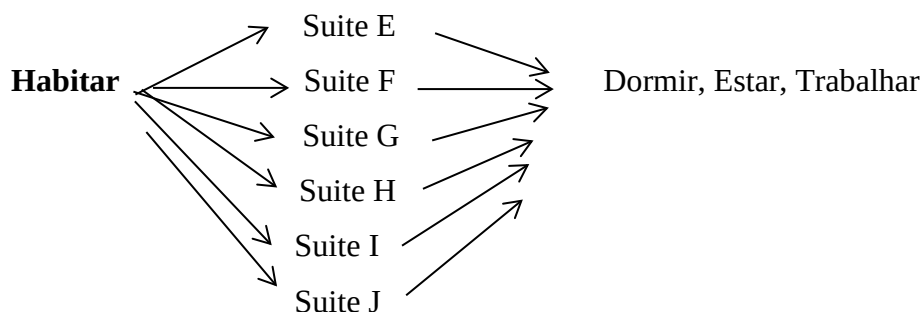
Quarto -----	4,94m2
Hall / Sala -----	5,40m2
Inst. Sanitária -----	2,52m2

Total - 12,86 m2

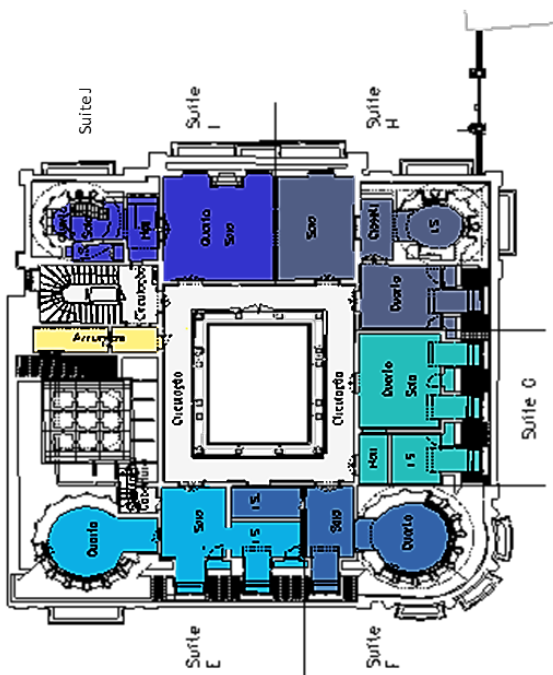
Circulações

Circulação (Serviço / elevador) -----	19,25m2
Circulação (Cobertura)-----	3,82m2
Circulação (Varanda) -----	49,61m2
Arrumos -----	8,61m2

Total - 81,29 m2



Zonas de circulação	→ Funcionários /Clientes - Piso 0 e Piso 2
Logística	→ Arrumos e Limpeza



Fotografia 172 - Piso 2 - Planta - Zonamentos.

Síntese

A intervenção abordada neste edifício manifesta uma aproximação à sua pré-existência, possibilitando a vivência dos ambientes vividos no edifício no século XIX. No que diz respeito à circulação, dividida em circulação de serviço e circulação de “proprietários”, será mantida, dando lugar à circulação de serviço do hotel e dos clientes respectivamente. Contudo, criou-se um diálogo e uma autonomia de espaços quer na zona de relaxamento (Spa) com ligações ao Jardim, quer na zona social com a possibilidade de criação de diferentes actividades, tais como exposições, jantares de negócios, pequenas reuniões e palestras e, por fim na criação de suites e quartos habitacionais de estadia temporária e/ou permanente que pretendem responder a questões como: privacidade, autonomia, funcionalidade e conforto.

1.3.4. Especificidades

O programa desenvolvido para o Palacete Ribeiro da Cunha, uma unidade turística de permanência prolongada, visa criar novos espaços, possibilitando uma relação do Homem (cliente) com o meio que o circunda. Quando refletimos sobre as questões do “habitar” percebemos rapidamente que há diferenças fundamentais na noção desta questão.

Neste pensamento projectual pretendeu-se dar respostas à questão do habitar um palacete do século XIX, no século XXI, de forma a dar o maior destaque às especificidades do objecto.

A pré-existência, um espaço vazio desprovido de vida, melhor, de vivência humana, reclamava uma organização espacial, criando um lugar que tivesse como objectivo o habitar (possibilitando uma ligação directa entre o espaço e o homem).

Quando analisamos um espaço, o importante é perceber-lo, respeitá-lo, e, se há uma intervenção, esta deve trabalhar corretamente os seus elementos em função dos objetivos que se pretendem atingir, mantendo sempre que possível os traços históricos. Devemos ter em conta as suas características específicas, no que respeita à relação interior /exterior, forma /volume e

escala, bem como a sua orientação solar, dando destaque à luminosidade natural que trespassa os vãos abertos, mas de uma forma geral dando prioridade aos nossos sentidos (o que nos transmite o lugar), aos ritmos, às vibrações às texturas e cheiros, etc.

À semelhança do pensamento de Peter Zumthor,⁴⁹ a criação arquitectónica nasce de uma emoção provocada por um momento e/ou por um lugar. No seu livro “Atmosferas” ele fala da poética de sua arquitectura e de suas fontes de inspiração. Imagens de espaços e edifícios que o afectam são tão importantes como determinados trechos de música ou livros que o inspiraram.

Se pensarmos que o ambiente pode influenciar positivamente ou negativamente as pessoas, então quando estamos a criar um interior pretendemos que ele nos transmita uma atmosfera (pois é algo que sentimos, não pensamos, algo que recebemos através da sensibilidade emocional), a sensibilidade arquitectónica. Desta forma, o nosso corpo é um instrumento para medir uma determinada qualidade arquitectónica, que nenhum outro dispositivo pode determinar.

Com já foi referido, o projecto desenvolvido visa criar novos espaços que têm como característica particular o mobiliário integrado. O mobiliário foi desenhado para o espaço, nomeadamente para os quartos e suites, de forma a fazer parte integrante deste. Embora sem a existência de uma intrusão directa com as delimitações espaciais, o mobiliário reflecte a ideia do embutido (tanto nos painéis existentes nas paredes e delimitados pelas cancelas, na utilização de espelhos já existentes nas paredes, embutidos, bem como na estrutura de ferro que suporta os cortinados, sempre que esta existe).

⁴⁹ Peter Zumthor – Arquitecto, nasceu a 26 de Abril de 1943 em Basileia. Filho de marceneiro, começou a sua vida profissional como carpinteiro em 1958. Nos anos 60 estudou arquitectura e Design em Nova Iorque no Pratt Institute. Em 68 tornou-se Arquitecto do Departamento de Preservação de Monumentos em Graubünden, na Suíça. Trabalhou em vários projectos de conservação, adquirindo neste contexto uma maior compreensão da construção e das qualidades de diferentes materiais de construção tradicional. Com uma vasta actividade académica, deu aulas em diversas instituições, como, a Universidade de Zurique, 1978; no Southern California Institute of Architecture - Los Angeles, em 1988; na Technische Universität de Munique, em 1989; na Tulane University, Nova Orleães, em 1992; e na Academia de Arquitectura de Mendrisio da Università della Svizzera Italiana, em 1996. No ano de 1979, iniciou a sua actividade profissional independente, tendo projectando o seu próprio Atelier em Haldenstein, Graubünden, em 1985.

As peças criadas apresentam um dimensionado de acordo com as necessidades, de superfícies lisas, embora com componentes em baixo e alto-relevo, criando assim texturas e alguns apontamentos em que a beleza da madeira é visível, uma simplicidade pela pureza das formas, mas um estilo estritamente funcional. Os materiais escolhidos foram: madeira de nogueira, vidro, lacados na cor branco e ferro.

A integração do mobiliário (embora com um estilo contemporâneo) pretende proporcionar conforto, quando integrado no espaço. Provoca uma ligação entre ele (peças integrantes e independentes) e o espaço arquitectónico existente, formando um todo e desta forma correspondendo à função e ao objectivo. Assim sendo, garante-se uma compatibilidade e uma reversibilidade criando um factor de qualidade (revertendo um processo inerte com vista a obter um rendimento do espaço) que é o ponto-chave da organização espacial pretendida.

2. Uma residência turística de carácter permanente

2.1.Suites habitacionais

2.1.1. Público-alvo

O turismo hoteleiro faz parte de um sector em expansão em Portugal. Contudo, pretende-se o seu reconhecimento no mercado através da inovação e de diferenciação, nomeadamente nos mercados externos. Com este projecto pretende-se criar outras formas de atrair clientes especialmente estrangeiros, de passagem por Lisboa, Portugal. A aposta neste conceito de hotel prende-se com a possibilidade de uma estadia de longa duração, num edifício com história, cultura e tradição. Este projecto tem como público – alvo, clientes ligados ao mundo empresarial dos negócios, da finança, da cultura e das artes que precisam morar por tempo determinado noutra cidade, e ainda o turismo de lazer.

Oferta ao cliente:

Edifício Século XIX	Viver num hotel	Interesse histórico e arquitectónico Cultura e tradição de um País
Localização	Descanso na cidade	Proximidade da natureza – Jardins
Capacidade	10 Suites	5 - Júnior / 5 - Maxter
Serviços	Recepção, <i>Lobby</i> , Restauração, Spa, Áreas de Eventos	Serviço de hotel - Estacionamento Serviços Opcionais – Táxi privado
<i>Lobby</i>	Momentos de lazer	Clientes / Público
Restauração	Gastronomia	Clientes / Público
Spa	Lazer	Clientes / Público
Eventos	Lançamentos Privados, Exposições, Jantares,...etc	Clientes / Público

Quadro 7 - Serviços.

As Suites projectadas possibilitam uma estadia agradável, personalizada, de longa duração, com autonomia, privacidade, conforto e flexibilidade (na possibilidade de escolha do modelo da suite e área, com a junção de duas suites para acolher uma família).

Os vários tipos de Suites:

Habitação	Capacidade	Tipologia	Sala	Quarto	Instalação Sanitária	Serviços	Localização
Suites	Júnior Área 2 pessoas	Sala Quarto Inst. Sanitária	Mesa de Trabalho Telefone Televisão LCD Mini Bar Wi-Fi Gratuito	Duas camas solteiro (90x200cm) Serviço de Despertar	Artigos de higiene Ar Condicionado Duche ou Banheira Secador de cabelo Toalhas 100% Algodão	Serviço de Quartos	Vista Cidade Jardim
	Maxter 2 pessoas	Sala Escritório	Mesa de Trabalho Telefone Televisão LCD Varanda	Cama Casal (180x200cm)		Serviço de Quartos	Jardim Cidade /privado
		Quarto Inst. Sanitária		Mesa de Trabalho Televisão LCD	Artigos de higiene Duche ou Banheira Secador de cabelo Toalhas 100% Algodão	Possibilidade de servir um jantar a clientes e convidados Entrada Individual	Acesso ao Spa pelo interior

Quadro 8 - Tipologia das Suites.

Objectivos: Acrescentar algo com êxito ao turismo em Portugal e ao mesmo tempo entrar na competição em mercados alvo.

2.2. Estudo de programas semelhantes contemporâneo

2.2.1. Altis Prime – Apartamentos em Lisboa, Portugal



Fotografia 173 - Altis Prime - Hall do Hotel.

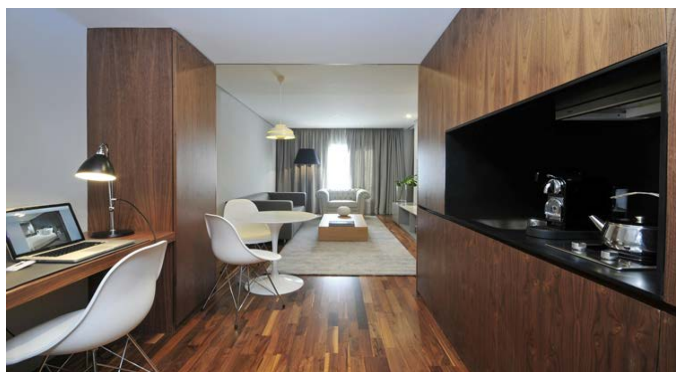
O Altis Prime é um hotel de apartamentos de luxo com localização no centro de Lisboa, junto à Avenida da Liberdade. O hotel combina elegância, conforto e design com um serviço de luxo para que se possa sentir em casa durante a sua estadia.

No piso 0 encontra-se a receção, o *lobby* com bar e outras zonas que têm a função de sala de reuniões ou de salas de jantar privados.

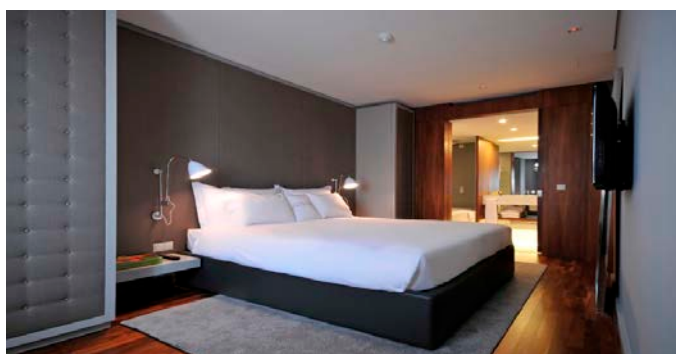


Fotografia 174 - Altis Prime - *Lobby* do Hotel

As 78 suites, são compostas por diferentes tipologias, como suites studio (T0 com 36 m²), suites deluxe (apart. T1 desde 50 m² a 74 m²), suites premium (apart. T2), e uma penthouse (apart. T3). São distribuídas por 9 pisos. Estes apartamentos apresentam áreas generosas de kitchenette, amplas salas de estar, confortáveis zonas de dormir e funcionais instalações sanitárias com banheira.

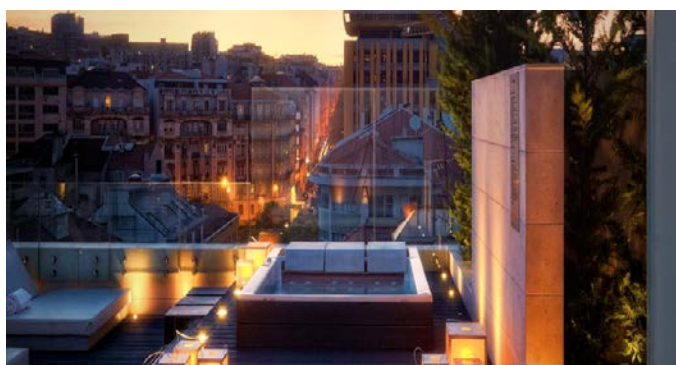


Fotografia 175 - Altis Prime - Suíte Deluxe - Kitchenette e Sala de Estar.



Fotografia 176 - Altis Prime - Suíte Deluxe – Quarto e Instalação Sanitária.

No último piso, o terraço oferece um jacuzzi com vista sobre a cidade.



Fotografia 177 - Altis Prime - Terraço.

Os apartamentos têm à disposição serviços de recepção, mordomo e de quarto, disponíveis 24 horas, serviços de lavanderia e limpeza a seco. Poderá ainda usufruir dos serviços do Hotel Altis, que se encontra imediatamente ao lado. Além disso, usufruem de acesso gratuito à piscina, à sala de fitness, ao centro de negócios, às salas de reuniões (com maiores dimensões), ao Health Club (sauna, banho turco) e à garagem.

2.2.2. Hotel Pestana Palace Valle Flôr, Lisboa



Fotografia178 - Hotel Pestana Palace Valle Flôr, Lisboa.

O Palácio Valle Flôr foi mandado construir por José Luís Constantino Dias, nos finais do século XIX, no Alto de Santo Amaro em Lisboa. O facto de ter fortes laços com França influenciou as opções decorativas, que podemos observar no mobiliário e nos estilos que remetem para o período de Luís XIV, Regência, Luís XV e Luís XVI. Responsáveis pela sua construção foram os arquitectos Nicola Bigaglia, entre 1905 e 1906, José Ferreira da Costa,⁵⁰ em 1910, e ainda Miguel Ventura Terra.

O Palácio foi adquirido em 1992 pelo Grupo Pestana, e deu-se o início das obras de restauro, adaptação e requalificação para unidade hoteleira, projecto que ficou a cargo do arquitecto Manuel Tainha.⁵¹

Este Hotel de Luxo proporciona hoje uma estadia sofisticada e original, conjugando o charme de tempos idos com o conforto dos nossos dias. Com 109 quartos, divididos por 12 Suites Deluxe, sete Suites e uma Suíte Presidencial, permite-nos visualizar o estilo francês, evocando Versailles e o Petit Trianon, de 177 Quartos, 13 Suites e 4 Suites Royal.

⁵⁰ “José Cristiano de Paula Ferreira da Costa (Lisboa c. 1850- Lisboa, c. 1919), foi um arquitecto português de formação portuguesa e francesa. Inserindo-se dentro do estilo ecléctico Português, dotado também para pintura, preocupava-se para além do desenho decorativo e a relação entre os encaixes dos vários estilos de forma sublimar, a funcionalidade dos edifícios e a relação entre os espaços.” Destacam-se entre outras obras em Portugal, Hotel Vidago, 1908-1910, e o Palacio Valle Flor.

⁵¹ Manuel Tainha (Paço de Arcos, 1922 — Lisboa, 18 de junho de 2012) foi um arquitecto e professor, É uma figura de referência no panorama português da segunda metade do século XX, fez parte da geração que, em Portugal, reconheceu o Movimento Moderno, procurando sintonizar a arquitetura com o espírito contemporâneo. De entre a sua vasta obra destacamos a Pousada de Santa Bárbara, Oliveira do Hospital e Hotel Pestana Palace.

A escadaria em mármore faz a distribuição para as várias salas, ricamente decoradas com inspiração nos bustos de Luís XVI e Maria Antonieta.



Fotografia 179 - Hotel Pestana Palace Valle Flôr - Escadaria principal.

A Sala Azul, marcada pelo estilo rocaille, evidencia uma explosão de luz, projectada pelos painéis e multiplicada pelos espelhos, criando um ambiente cenográfico.



Fotografia 180 - Hotel Pestana Palace Valle Flôr - Sala azul.

Destacamos ainda o mobiliário que ornamenta todos estes espaços.



Fotografia 181 - Hotel Pestana Palace Valle Flôr - Pormenor do mobiliário Luís XV.

Também a Sala da Música está à disposição dos hóspedes.



Fotografia 182 - Hotel Pestana Palace Valle Flôr - Sala da Música.

Os magníficos jantares são agora servidos nos antigos salões como a Sala Renascença, revestida a painéis de madeira trabalhados a baixo – relevo, que ganham vida com a luz filtrada pelos vitrais.



Fotografia 183 - Hotel Pestana Palace Valle Flôr - Sala Renascença destinada a jantares privados.

O restaurante Cozinha Velha e a Sala principal.



Fotografia 184 - Hotel Pestana Palace Valle Flôr - Restaurante Cozinha Velha.



Fotografia 185 - Hotel Pestana Palace Valle Flôr - Sala de jantar.



Fotografia 186 - Hotel Pestana Palace Valle Flôr - Sala de Jantar.

A Sala Japonesa representa o gosto pelo oriental, (que se vivia na época) com os seus painéis encarnados, ombreiras lacadas e as representações típicas da pintura japonesa.⁵²



Fotografia 187 - Hotel Pestana Palace Valle Flôr - Sala Japonesa.

O acesso ao primeiro piso feito pela magnífica escadaria de madeira leva-nos ao antigo *boudoir* da marquesa, com uma pintura de Carlos Reis, que representa o céu, numa antevisão muito acertada da sua chegada ao paraíso.



Fotografia 188 - Hotel Pestana Palace Valle Flôr - Escadaria de acesso ao 1º Piso.

As quatro suites, têm nomes de membros da última família real portuguesa: D. Carlos, D. Amélia, D. Luiz Felipe e D. Manuel II, prestando desta forma homenagem ao rei que concedeu o título ao Marquês.

⁵² Pintura japonesa representada: o Fujiyama, a ponte de Quioto, o grou, a flor de cerejeira, os lírios, as peónias e as amendoeirais que nos transportam para outro mundo, o mundo do gosto burguês do início do século XX.



Fotografia 189 - Hotel Pestana Palace Valle Flôr - **Suíte** D. Manuel.



Fotografia 190 - Hotel Pestana Palace Valle Flôr - Suíte D. Manuel – Sala de Estar.



Fotografia 191 - Hotel Pestana Palace Valle Flôr - Suíte D. Manuel - Instalação Sanitária.



Fotografia 192 - Hotel Pestana Palace Valle Flôr - Suíte D. Carlos.



Fotografia 193 - Hotel Pestana Palace Valle Flôr - Suíte D. Carlos - Sala de Trabalho.



Fotografia 194 - Hotel Pestana Palace Valle Flôr - Suíte D. Carlos - Sala de Estar.

Destaca-se ainda a belíssima capela dedicada à Imaculada Conceição, considerada Rainha e Padroeira de Portugal, e o magnífico jardim, com um design paisagista, composto por plantas subtropicais que combina simetria e fantasia, num gosto simultaneamente francês e pitoresco. Desenvolve-se em desníveis, pavilhões e grutas, até à piscina. E por fim o “Magic Spa”, vencedor do prémio de melhor World Luxury Spa em 2014, encontra-se num edifício perfeitamente integrado nos jardins e a piscina interior que permite contemplar o jardim. No verão pode ainda usufruir- do “Bar Allegro” e da “Casa do lago”.



Fotografia 195 - Hotel Pestana Palace Valle Flôr - Edifício do Spa.

Todos os serviços vão ao encontro dos pedidos e ou desejos dos clientes para que a estadia crie um efeito cenográfico (ilusão no sentido de proprietário do palacete).

Várias celebridades escolheram este hotel para a vivência dos dias que permaneceram em Lisboa: Os reis da Suécia; Bill Clinton; Bryan Adams; Diana Krall; Madonna; Prince e Pearl Jam.

2.2.3. Hotel Olissippo Lapa Palace, Lisboa



Fotografia 196 - Hotel Olissippo Lapa Palace.

O Hotel Olissippo Lapa Palace, com actividade no Palácio do Conde de Valenças, do século XIX, encontra-se localizado numa das sete colinas de Lisboa. A construção do Palácio iniciou-se em 1870, como casa de família, tendo sido posteriormente vendido ao conde de Valenças, cujo nome era Luís Leite Pereira Jardim.⁵³ Em 1887, este último consegue a licença para a reabilitação e transformação em Palácio e na companhia dos melhores artistas da época, como Rafael Bordalo Pinheiro e o seu irmão Columbano,⁵⁴ inicia varias alterações como a construção de uma torre para apreciar melhor a vista.

Rafael Bordalo Pinheiro foi responsável por alguns móveis e azulejos da época e Columbano pintou as paredes e tectos o salão de baile (hoje “Sala Columbano”) com o tema “Dançando pelo tempo”.

Vendido em 1988 à família Simões de Almeida, foi transformado num hotel, então designado Hotel da Lapa. A reconstrução que durou até 1992, ficou a cargo do arquitecto Alberto Cruz e após a sua morte, pelo seu filho Manuel Cruz que tinham como objectivo preservar ao máximo o Palácio original.

⁵³ Nascido em Coimbra, em 1844, frequentou a faculdade de Direito e concluiu a licenciatura, tendo publicado inúmeros artigos em revistas da especialidade. Em 1877 mudou-se para Lisboa e foi eleito vereador da Câmara de Lisboa, tendo ajudado a melhorar as escolas e alcançado a realização de todos os projectos propostos.

⁵⁴ Rafael Bordalo Pinheiro foi um grande ceramista português do século XIX. Columbano um grande pintor daquela época, mais conhecido como o pintor das almas quebradas.

O Hotel possui hoje três alas distintas:

A ala do Palácio; a ala do Jardim; e a Villa Lapa com um total de 109 quartos de várias tipologias, que permitem uma estadia de longa duração.

No que diz respeito à tipologia destacamos:

A antiga sala de armas, hoje a Sala Belém, uma magnífica Sala de Jantar que ainda conserva o estilo original, com painéis trabalhados em talha de madeira.



Fotografia 197 - Hotel Olissippo Lapa Palace - Sala Belém.

O antigo *boudoir* das senhoras, a Sala Luís XV é hoje uma pequena sala de jantar muitas vezes utilizada em conjunto com Sala Columbano.



Fotografia 198 - Hotel Olissippo Lapa Palace - Sala Luís XV.



Fotografia 199 - Hotel Olissippo Lapa Palace - Sala Columbano.

Nesta sala, a beleza do tecto é magnífica com o fresco original de Columbano Bordalo Pinheiro.

No primeiro piso do Palácio, hoje o piso nobre do Hotel, encontra-se entre outras a Suíte Conde de Valenças e a sala de jantar.

Destacam-se duas das suites com sala e zona de trabalho integrado, acompanhadas de uma decoração clássica. As suites mais espaçosas estão situadas em pisos superiores do Palácio original e são caracterizadas por oferecerem uma magnífica vista sobre a cidade de Lisboa.



Fotografia 200 - Hotel Olissippo Lapa Palace - Suíte com Quarto de dormir / Sala e zona de trabalho.



Fotografia 201 - Hotel Olissippo Lapa Palace - Suíte com Quarto de dormir / Sala e zona de trabalho.



Fotografia 202 - Hotel Olissippo Lapa Palace - Instalação sanitária de uma das Suites (decoreação com mármore e azulejos pintados à mão).

O hotel proporciona através dos seus Restaurantes, Bares, Spa (com piscina interior aquecida) e ginásio (totalmente equipado, com sauna e banho turco), ambientes elegantes, tranquilos e relaxantes, alguns com vista para o rio. É hoje escolhido por clientes vip como: O Príncipe Carlos de Inglaterra com sua a comitiva; Catherine Deneuve; Robert De Niro; Colin Farrell; John Malkovich; Monica Bellucci; Tina Turner; Heidi Klum; Robin Williams; U2; The Queen; Sting; Paul McCartney; os Bon Jovi, entre muitos outros.⁵⁵

⁵⁵ Segundo declarações do Hotel Olissippo Lapa Palace - <http://www.lapapalace.com>

2.2.4. Palacete Chafariz D'El Rei



Fotografia 203 - Palacete Chafariz D'El Rei, Alçado Principal.

O Palacete Chafariz d'El Rei, com localização no bairro de Alfama, em Lisboa, encontra-se de frente para o rio Tejo. Mandado construir no fim do século XIX por José Antonio Santos,⁵⁶ foi edificado sobre as ruínas do Palácio do Marquês de Angeja. Com uma arquitectura que toca vários estilos, Romântico, Oriental, Árabe, Clássico ou Barroco, contudo, a inspiração mourisca é bastante evidente no palacete.



Fotografia 204 - Palacete Chafariz D'El Rei - Corredor com pavimento em mosaico hidráulico e tecto com vitrais.

⁵⁶ José Antonio Santos, um português que emigrou para o Brasil onde fez fortuna.



Fotografia 205 - Palacete Chafariz D'El Rei - Portas e janelas com vitrais.



Fotografia 206 - Palacete Chafariz D'El Rei - Sala dos espelhos hoje o Salão de Chá.



Fotografia 207 - Palacete Chafariz D'El Rei - Sala de pequeno-almoço (pavimento em madeira com desenho Pá de Moinho).



Fotografia 208 - Palacete Chafariz D'El Rei - Porta emoldurada em arco de ferradura ao Estilo Romântico.



Fotografia 209 - Palacete Chafariz D'El Rei - Uma das Suites.



Fotografia 210 - Palacete Chafariz D'El Rei - Zona de estar e Instalação Sanitária da Suíte da fotografia anterior.

2.2.5. Hotel Aman Venice



Fotografia 211 - Hotel Aman Venice - Entrada pelo cais privado.

Decorria o Século XVI e a família Coccina de Bergamo encomendava a construção de um Palácio em Veneza, mais propriamente em San Polo, uma das zonas mais antigas de Veneza e hoje conhecida pelos seus belos Palácios. Com localização no Grande Canal, o Palácio Papadopoli foi mudando de proprietários e é em 1864 que recebe os irmãos Conde Nicholas e Angel Papadopoli aos quais se deve o seu nome. Pelo Palácio vão passando os seus herdeiros e é em 1922 que este recebe a família Arrivabene Valenti Gonzaga que ainda hoje vive no último andar. O restante Palácio foi arrendado à empresa Aman Resorts que explora o denominado Hotel de 7 estrelas “Aman Canal Grande”.

Ao Palácio é chamado Jean Michel Gathy um arquitecto com quem a Aman Resorts já trabalha há bastante tempo e a quem confere a tarefa de restaurar e transformar este edifício de estilo neo-renascentista e rococó num retiro contemporâneo sem desprezar toda uma herança tão marcante. Surge então uma combinação de texturas delicadas como: revestimentos de parede e cortinas em seda, paredes e tectos ornamentados com frescos e estuques dourados e ainda grandes janelas que proporcionam uma vista deslumbrante sobre o Grande Canal e os edifícios históricos que o ladeiam.

Com apenas 24 suites, divididas em quatro categorias: “Palazzo”, as suites mais pequenas; “Palazzo chamber” e “Palazzo stanza” de maiores dimensões e “signature”, um conjunto de 5 suites distintas em que destacamos a “Papadopoli stanza”, pelos frescos que se apresentam tanto no dormitório com na instalação sanitária e pela vista deslumbrante do jardim e do Grande Canal; e a “Alcova Tiepolo”, com a sua sala decorada com pinturas chinesas e frescos de Giovanni Battista Tiepolo, pintor do século XVIII, um dos mestres em pintura decorativa. Podemos chegar a pé mas geralmente chegasse de barco (não estivéssemos em Veneza), atracando no cais privado.



Fotografia 212 – Hotel Aman Venice - Cais privado do Hotel Aman.

O espaço que nos recebe é a recepção, contudo, não vimos este espaço como recepção, mas sim, como o vestíbulo do Palácio que por uns dias vai ser a nossa casa, uma vez que não temos qualquer indicação de check-in.



Fotografia 213 - Hotel Aman Venice - Recepção.

A escadaria de acesso às salas de jantar apresenta-nos várias artes decorativas como: tectos altos, trabalhados a estuque, pinturas murais, vitrais e pisos trabalhados em pedra, de dimensões e cores várias.



Fotografia 214 - Hotel Aman Venice - Escadaria de acesso ao piso superior.

As salas de jantar, com tectos ricamente trabalhados a estuques, branco e dourado, os frescos, e as paredes forradas a seda na cor amarelo e vermelho às quais se deve a denominação de cada uma das salas. A contrastar o mobiliário num estilo depurado, funcional e sereno de Philippe Starck.



Fotografia 215 - Hotel Aman Venice -Sala de jantar Amarela.



Fotografia 216 - Hotel Aman Venice -Sala de jantar Amarela - Tecto trabalhado a estuques dourados e fresco de Cesare Rotta.



Fotografia 217 - Hotel Aman Venice -Sala de Jantar Vermelha.

No quarto piso podemos encontrar mais duas salas: a Stanza del Tiepolo e Stanza del Guarana, que estão disponíveis para refeições privadas e reuniões. Mas, é o Salão do Palácio que nos transporta no tempo com a sua luminosidade, tectos e paredes ornamentadas a espelhos dourados, frescos e lustres de Murano, contrastando mais uma vez com mobiliário de linhas simples e depuradas.



Fotografia 218 - Hotel Aman Venice - Piano Nobile Lounge



Fotografia 219 - Hotel Aman Venice - Piano Nobile Lounge – Pormenor de estuques, frescos, espelhos e lustres de Murano.



Fotografia 220 - Hotel Aman Venice - Salão Piano Nobile - Pequena Sala de Jantar.

Várias são as salas que se seguem e destacamos a sala de jogos e a biblioteca, pequenos rescantos que podemos usufruir neste Palácio.



Fotografia 221 - Hotel Aman Venice -Sala de jogos



Fotografia 222- Hotel Aman Venice – Biblioteca.

As 24 suites na sua maioria apresentam um *layout* único, confortável e espaçoso, oferecem salas de estar, quartos de dormir, áreas de vestir e instalações sanitárias complementares, que acolhem mobiliário na sua maioria contemporâneo, criando um ambiente acolhedor e de grande simplicidade. A Suíte Sansovino Stanza, com 75 m², é caracterizada por uma lareira em pedra, desenhada por Sansovino, pelos painéis de madeira e pelos frisos pintados e esculpidos no tecto como podemos ver nas fotografias 223 e 224. Neste caso, a sala de estar encontra-se no mesmo espaço do quarto de dormir, só a instalação sanitária é totalmente individualizada.

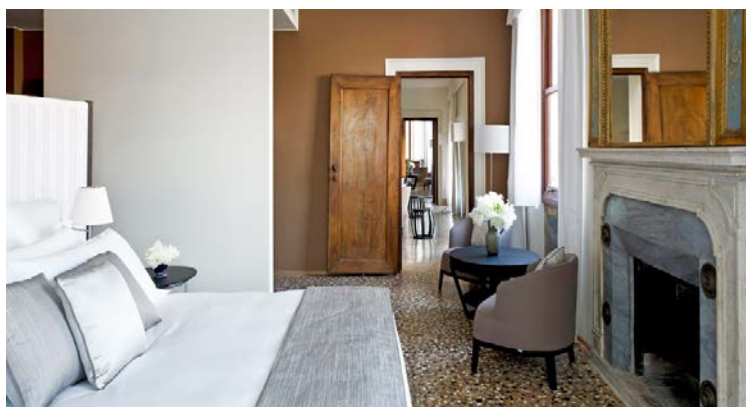


Fotografia 223 – Hotel Aman Venice -**Suíte** Sansovino Stanza



Fotografia 224 - Hotel Aman Venice -Suíte Sansovino Stanza

A Suíte Grand Canal, com 97 m², desenvolve-se por três espaços totalmente separados. Destaca-se a sala de estar, com uma vista magnífica sob o Grande Canal, e ainda com a possibilidade de ser transformada num outro quarto, no caso de os hóspedes se fazerem acompanhar de familiares.



Fotografia 225 – Hotel Aman Venice - Suíte Grand Canal



Fotografia 226 – Hotel Aman Venice - Suíte Grand Canal – Sala de estar.



Fotografia 227 - Hotel Aman Venice - Suíte Grand Canal - Instalação sanitária.

A Suíte Alcova Tiepolo, de dimensões semelhantes a um apartamento, com os seus 103 m², é composta por sala de estar, quarto de dormir e instalação sanitária, sendo todos os espaços totalmente individualizados. Destacamos ainda o tecto ricamente trabalhado com frescos de Giovanni Battista Tiepolo e a magnífica vista para o terraço e jardim.



Fotografia 228 – Hotel Aman Venice -Suíte Alcova Tiepolo.



Fotografia 229 – Hotel Aman Venice - Suíte Alcova Tiepolo - Tecto de Giovanni Battista Tiepolo



Fotografia 230 - Hotel Aman Venice - Suíte Alcova Tiepolo - Sala de estar.

Por último, destacamos ainda mais dois pisos, o terceiro, onde encontramos um Spa íntimo, de inspiração asiática, que possibilita vários tratamentos de beleza e ainda um pequeno ginásio, e o quinto piso, onde encontramos o “Roof Terrace”, com vistas magníficas sobre os términos de vários edifícios, nomeadamente as silhuetas das várias chaminés de terracota e campanários.

Conclusão

O estudo apresentado teve em conta uma pesquisa exaustiva de várias unidades turísticas que apresentam características semelhantes ao edifício escolhido para a implantação do projecto que se pretende desenvolver.

Nem todas as escolhas recaem em edifícios construídos no século XIX, mas a maioria apresenta características dessa época (ou porque foram transformados por essa altura, ou pelos materiais utilizados a nível de

acabamentos, como estuques ou pavimentos), e estes sofreram transformações para dar lugar a unidades turísticas, exceção feita do Altis Prime, um exemplo de resposta de vivência dos nossos dias. Os vários exemplos aqui apresentados remetem-nos para características muito particulares, uma vez que os edifícios apresentam-se bastante diferenciados, no entanto todos manifestam uma característica comum, a possível resposta a dar ao cliente que procura uma unidade turística em que possa viver algum tempo como se em sua casa se encontrasse e sempre que possível viver uma experiência palaciana. Todos estes edifícios tiveram que sofrer transformações, nomeadamente a transformação de um espaço doméstico, função que ainda tinham no século XIX, num espaço designado por “Unidade Turística Habitacional” dos séculos XX e XXI, respeitando a estrutura existente. Quando balizamos estes séculos, no que diz respeito à transformação do Palácio Ribeiro da Cunha, temos de ter em conta a estrutura e *Layout* no que se refere à linguagem entre o privado e o público.

A recuperação do tecido urbano é bastante importante nos nossos dias, assim como a compreensão do património e o seu enquadramento histórico.

As várias intervenções que cada um destes edifícios sofreram, nomeadamente, a conservação, o restauro e a reabilitação, permitiram salvar este património, preservando a sua identidade e ao mesmo tempo criando um grande potencial de adaptação às novas formas de vivência.

O que se pretende no que respeita ao Palácio Ribeiro da Cunha tem em conta essas realidades, ao mesmo tempo que se pretende fazer uma intervenção especializada que permita devolver ao edifício a sua aparência inicial, aumentar os níveis de qualidade, possibilitando uma vivência com as funcionalidades necessárias aos dias de hoje.

O enquadramento e o tratamento de toda a informação permitiu-nos dar respostas aos seguintes temas: - necessidades dos clientes ao nível funcional; - vivência em espaços que se querem serenos; - manter a simplicidade do espaço existente que manifesta o seu carácter bem marcante no espaço urbano; - a vivência duma experiência palaciana datada pela estrutura do edifício; - a relação espaço geográfico urbano e a sua relação com a cidade de Lisboa.

Com este projecto podemos competir com outras cidades europeias, sem descurar as vantagens económicas deste investimento mantendo a sua forma e indubitavelmente a sua função.

2.3. Legislação

2.3.1. Legislação vigente (turismo / habitação)

À semelhança das cidades europeias, Portugal segue a tendência histórica e urbanista no que diz respeito à utilização de edifícios antigos e muitas vezes devolutos para a instalação de Hotéis de charme. Contudo, a maioria apresenta dificuldades no que diz respeito às exigências legais, para os programas desenvolvidos. Nos termos da legislação em vigor há que considerar, no que aos estabelecimentos hoteleiros diz respeito, os diplomas em vigor, sem prejuízo de haver uma eventual necessidades de esses diplomas poderem ser melhorados, ou alterados, de forma a que o conceito que se defende tenha um melhor enquadramento global. Com efeito, o hotel está definido na lei “como um estabelecimento turístico destinado a proporcionar alojamento temporário e outros serviços acessórios ou de apoio, com ou sem fornecimento de refeições, e vocacionados a uma locação diária, devendo dispor no mínimo de 10 unidades de alojamento”.⁵⁷

Os estabelecimentos hoteleiros são classificados nas respectivas categorias, em conformidade com a legislação em vigor e de acordo com o preenchimento de determinados requisitos a que as instalações devem obedecer.⁵⁸ Neste trabalho foram tidos em conta estes diplomas, em geral, e em particular a regulamentação prevista na Portaria n.º 327/2008 de 28 de Abril, com as alterações da Portaria n.º 309/2015 de 25 de Setembro, no que respeita a arquitectura interior.

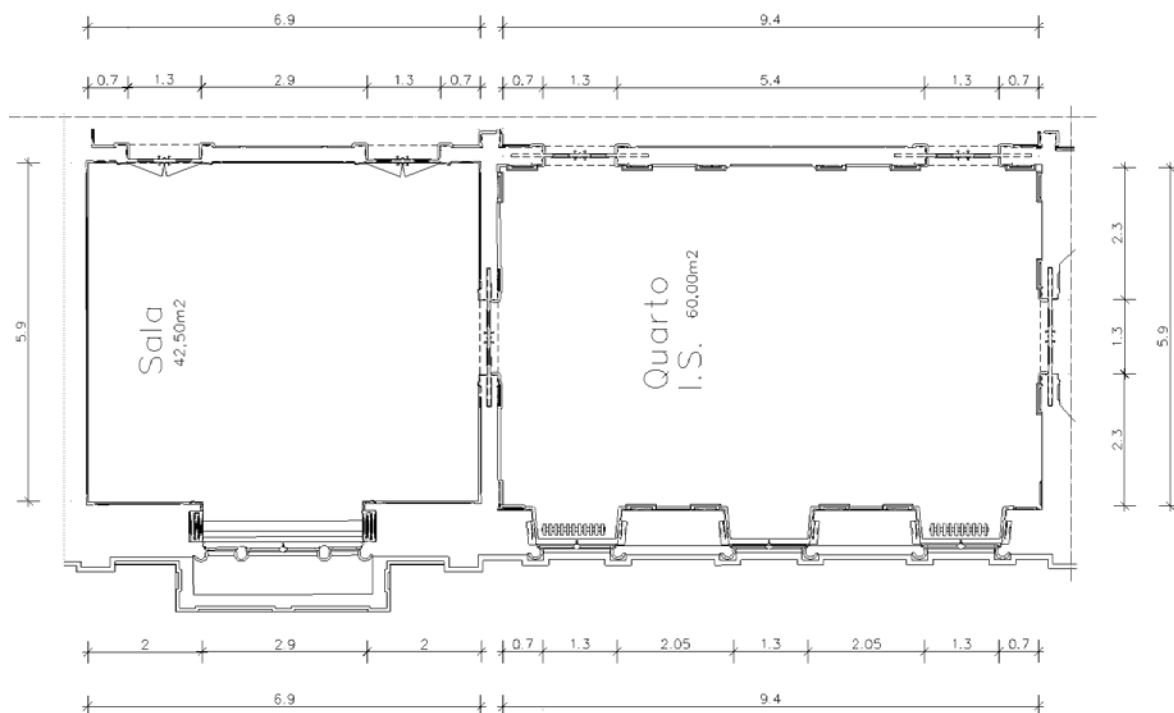
⁵⁷ Artigo 11.º e 12.º do Decreto-Lei n.º 39/2008, de 7 de Março, com as alterações do Decreto-Lei n.º 228/2009, de 14 de Setembro e do Decreto-Lei 15/2014 de 23 de Janeiro rectificada pela Declaração de Rectificação n.º 19/2014, de 24 de Março e pelo Decreto-Lei n.º 128/2014 de 27 de Agosto, que consagra o actual Regime Jurídico da Instalação, Exploração e Funcionamento dos Empreendimentos Turísticos.

⁵⁸ Portaria n.º 327/2008 de 28 de Abril, com as alterações da Portaria n.º 309/2015 de 25 de Setembro e respectivos anexos.

3. Suíte habitacional desenvolvida - Suíte A

3.1. Leitura da unidade existente

A suíte A é composta por dois espaços completamente autónomos como vemos na figura 227.



Fotografia 231 - Suíte A - Planta proposta.

O primeiro espaço, destinado à sala/escritório, de planta aproximadamente quadrada é composto:

- Pé direito com uma altura de 5,00m.
- Uma parede interior com dois vãos de abrir (porta de entrada no espaço com 1,30m x 3,54m cada), com afastamento às paredes laterais de 0,70m que na sua totalidade perfaz 2,00m e uma parede entre vãos com 2,90m, que na sua totalidade constrói um plano de simetria com a parede exterior respectivamente.
- Uma parede exterior com um só vão, uma janela de sacada (com 2,90m x 4,00m) que faz simetria com a parede entre vãos (parede interior). As duas paredes interiores laterais também são simétricas. Uma apresenta um vão (central de

correr com 1,30mX3,54m com afastamentos laterais de 2,30m) que faz ligação ao espaço contíguo.

- As paredes apresentam molduras em gesso (forma geométrica – retangular), segue-se roda-tecto trabalhado a gesso (com 0,46m) e termina com tecto pintado com cena alegórica de Carlos Reis, (Fotografia 230).
- Portas e Janelas trabalhadas com almofadas moldadas em bites, de formas geométricas semelhantes ao hexágono (vários tamanhos) e bandeira trabalhada a baixo-relevo com peanhas (criando ilusão de suporte do roda-tecto) e brasão com armas. A já referida janela de sacada apresenta bandeira tripla em arco de ferradura e vão central de maior pé direito.
- Pavimento em madeira com tábua corrida.

O segundo espaço, de planta rectangular, dará lugar ao quarto de dormir/instalação sanitária e sala de estar, composto por:

- Pé direito com uma altura de 5,00.
- Uma parede interior com dois vãos de abrir (porta de entrada no espaço com 1,30m x 3,54m cada) com afastamento às paredes laterais de 0,70m, e uma parede entre vãos com 5,40m que alberga um espelho embutido.
- Uma parede exterior com três vãos (3 janelas de peito com 1,30m x 4,54m). Os dois vãos das laterais fazem simetria com os vãos da parede interior e o do meio encontra-se centrado com o pano entre os vãos da referida parede interior.
- Duas paredes interiores laterais, também simétricas, apresentam vãos centrais (com 1,30m x 3,54m, e paredes de afastamento lateral com 2,30mx4,50m) que fazem ligação aos espaços contíguos.
- Portas de entrada com trabalho de almofadas moldadas em bites com formas geométricas semelhantes ao hexágono à semelhança das referidas já anteriormente na primeira sala.
- Tecto e roda-tecto, emoldurado a gesso baixo-relevo com formas geométricas (quadrados e rectângulos) e ornamentos vegetalistas.
- Portas interiores iguais à da sala/escritório almofadas
- Janelas de peito com bandeira em arco de ferradura.
- Pavimento também em madeira tábua corrida.

Em suma, estes dois espaços apresentam características específicas em que destaque:

- Verticalidade do espaço.
- Simetria de vãos e paredes (portas, janelas, cartelas nas paredes).
- Formas geométricas como: rectângulos e hexágonos.
- Gramática decorativa.

E o espaço destinado ao quarto de dormir é marcado pela repetição de vãos (simétricos) e por uma luz natural que lhe confere um ritmo muito próprio.

Podemos ver alguma desta informação nas figuras que seguem.



Fotografia 232 - Espaço destinado à Sala / Escritório.



Fotografia 233 – Sala / Escritório - Pormenor de paredes, portas e roda-tectos.



Fotografia 234 - Sala / Escritório - Pormenor do tecto cena alegórica de Carlos Reis.

Quarto de dormir /instalação sanitária.



Fotografia 235 - Quarto de dormir/Instalação sanitária - Pormenor parede e tecto.

3.1.1. Objectivos gerais

- Embate clínico e pontual na estrutura existente.
 - Introdução de novos materiais.
 - Sistematização do próprio programa (criar, desenvolver e resumir).
 - Espaço: dormir, trabalho e estar, bem definido de forma a possibilitar uma permanência mais prolongada como se de uma habitação se tratasse.
- A opção tomada para o projecto advém da pesquisa e estudo do espaço antigo, e da criatividade do novo.

3.1.2. **Intenção projectual**

O projecto desenvolvido para o edifício em estudo propõe um diálogo entre o passado e o presente.

À parte de todos os serviços de apoio, este projecto pretende oferecer infraestruturas específicas, no que se refere às suites habitacionais. Estas, desenvolvem-se em suites que possibilitam uma estadia de carácter temporário e/ou permanente (com equilíbrio, mas todas são diferentes), permitindo uma permanência mais alargada e com maior intrusão no modo de vida Lisboaeta que o turista normalmente não tem.

A intervenção nas suites passa por criar uma arquitectura dentro de outra arquitectura, a forma dentro do vazio, como parte integrante do ambiente desenvolvido. Desta forma, pretende-se responder à questão do conforto no ambiente residencial que reclama segurança, privacidade, conforto, bem-estar, eficiência e funcionalidade (criação de lar). Tudo isto só será possível se criarmos uma relação de reciprocidade entre o Homem, a obra e o lugar, pensamento provavelmente influenciado pelas obras de Peter Zumthor.

Na sua arquitetura, Peter Zumthor apela a todos os sentidos humanos, eleva a robustez dos materiais que permitem o aconchego do ser humano, proporcionam-lhe experiências fantásticas numa viagem pela sua memória. Se pensarmos na forma como trabalha a sua arquitetura, três são as premissas como base: a matéria, luz e espaço. Sem qualquer pretensão, o projecto desenvolvido para as suites (embora não com a robustez dos materiais, mas com a arquitetura criada dentro da arquitetura existente) pretende apelar aos sentidos, de forma a proporcionar vivências em ambientes cénicos com experiências diversificadas.

Voltando às suites, a nova arquitetura é desenvolvida pelo mobiliário, cabines na instalação sanitária e uma estrutura para cortinados e iluminação que respondem à delimitação da zona de dormir (criando um efeito cénico), com diferentes intensidades conferindo maior ou menor opacidade à forma, permitindo assim a iluminação e a transparência do volume.

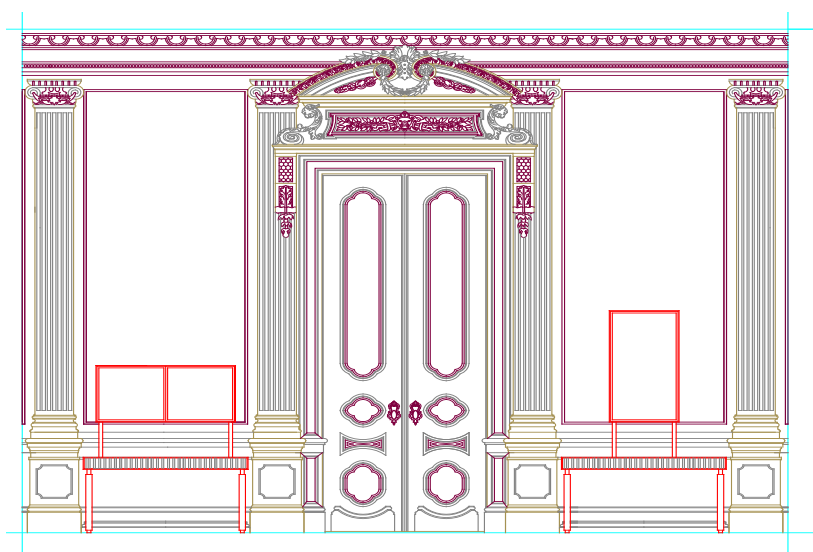
Uma arquitetura limpa com o uso de uma forma geométrica primária, o quadrado.

A inspiração reporta-se à identificação das intenções estéticas existentes no palacete, nomeadamente o pavimento em mosaico hidráulico existente no pátio central. Este mosaico constitui vários desenhos, mas a sua base é o pequeno quadrado que conjugado com varias cores e posições desenvolve um novo desenho, e outro e outro...

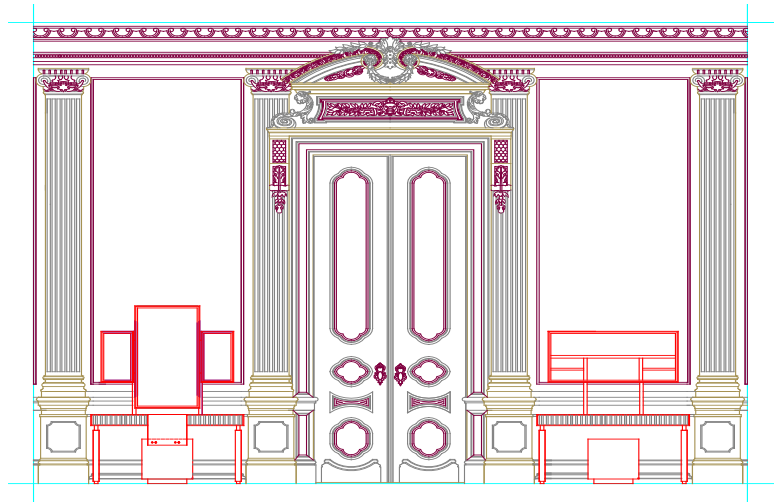
O mobiliário integrado, embora de linhas e formas simples, destaca a qualidade da pré-existência (que já tem uma presença forte), e coabitam na perfeição tornando o espaço intemporal. Contudo, a repetição das peças não constitui ritmos, mas sim vibrações, ainda que com uma distribuição repetitiva e até simétrica, com intervalos provocados por vãos (pausas necessárias e silenciosas e sem criar qualquer bloqueio na circulação). Tudo se conjuga de uma forma agradável e harmoniosa criando movimento.

A vibração também se faz sentir pela escolha dos materiais como a nogueira, o metal e os lacados e pelo desenho e o tamanho das peças que foram pensadas de forma a fazerem parte integrante do espaço.

As quatro peças de mobiliário como o bengaleiro, o mini-bar, a secretária, e o *toilette*, podem ser divididas em duas: a inferior, uma consola, peça que se repete em todas, encontra-se à altura do lambrim (integrando-se assim no painel que se apresenta a tardoz). O alçado superior, embora com quatro formas diferentes tendo em conta a função a que se destina, mantém uma linguagem recta, linear e múltipla nas dimensões de um quadrado (Fot.236-237).



Fotografia 236 - P R C - Vista do Bengaleiro e Mini-bar.



Fotografia 237- P R C - Vista da Secretária e Toilette.

O móvel estante/roupeiro, se considerarmos que se encontra no hall (em frente à porta da sala), impõe-se com uma lógica visual de receber, móvel de aparato. Uma peça com dupla funcionalidade desenvolve uma simetria quer no desenho, quer no seu posicionamento e este ajuda na privacidade do espaço de dormir. A zona destinada ao roupeiro é um espaço aberto, sem portas em que as peças de roupa se encontram à vista como se de uma loja se tratasse, criando mais uma vez um efeito cénico e efémero.

É uma arquitectura criada pelo mobiliário, que vive de uma imagem de funcionalidade (ainda que por vezes não directamente), mas integrada no espaço. Destaco o móvel mini-bar que à primeira vista é um móvel contador, (aparentemente decorativo), mas quando se abrem as portas é que temos a noção da existência do min-bar e utensílios de apoio como copos e outros. Igualmente na sala/escritório, as quatro peças embora com desenho bastante semelhante têm funcionalidades completamente distintas. O livreiro, o lousceiro, o bar e o móvel de televisão, pretendem criar zonas de proximidade / afastamento, quer em relações interpessoais ou momentos de lazer.

O projecto deste mobiliário teve como referência o estilo Art Déco, o último dos grandes estilos franceses, um estilo elegante, funcional e na altura visto como ultramoderno. Faz referência à pureza das formas, de superfícies lisas e polidas, em que o ornamento quase não existe, e a sua riqueza provém do material utilizado, seja ele madeiras maciças ou folheadas. Contudo, são os detalhes construtivos (as juntas), os materiais e as cores dos lacados que dão

textura e forma à peça, a par da elegância e sofisticação caracterizadas pela forte geometrização. Destacamos ainda o móvel de *toilette* com influência de Luís XV, a utilização de Sabos (de tradição francesa, nos pés dos móveis) e o espaldar alto da cama que transmite romantismo e nostalgia, produzindo um efeito cénico.

Se pensarmos que as mensagens silenciosas são de tal forma importantes (a par com todas as outras já referidas), para a obtenção de respostas às questões levantadas para a elaboração deste projecto, também deveremos pensar que essas mensagens serviram para se fazer o estudo de iluminação dos espaços. Assim sendo, no que diz respeito à luz natural, também este espaço é bastante diversificado. Dependendo da hora do dia, esta atravessa paredes, pelos vãos (janelas e portas), desenhando sombras e opacidades sobre os cortinados de linho e promovendo um efeito cénico e quase espiritual. Esta simbiose destaca o que de mais importante há no espaço (questões funcionais, plásticas e formais), sendo determinante para a orientação deste projecto.

A luz também ajuda a criar volume e pode definir o projecto como “o nada construído”. Falo da zona destinada ao quarto de dormir, um projecto sem a existência de paredes em que foram criados espaços totalmente distintos, com privacidade e elegância.

Na suíte A, a centralidade da peça desenvolvida em ferro para as cortinas e iluminação tem uma relação directa com a captação da luz natural e com o *layout* pretendido de forma a integrar a instalação sanitária neste espaço. Esta peça pretende criar além da privacidade do espaço, também um efeito cénico com uma ligação visual, em que do lado de dentro se visualize um espaço dentro do espaço, formal e intimista sendo que essa intimidade é muitas vezes criada com a luz e a sombra seja ela natural ou artificial. A opção pelas cortinas em linho (tipo caça) recai na necessidade de um material que possibilite a criação de paredes visuais, provocando uma troca de luz, transparências, sombras, silhuetas e opacidades, desenvolvendo diversos ambientes em que o espectador ou o actor possa flutuar.

As sensações de ambiência também não foram esquecidas pois, através da expressão visual, podemos manter relação com o exterior, através da

emoldurada vista do jardim e tanto quanto possível com outro dos receptores à distância como o olfacto.

A qualidade estética dos materiais escolhidos, a plasticidade geométrica das peças de mobiliário, o posicionamento dos móveis em relação aos painéis desenhados pelas paredes, as cabines no alinhamento superior das portas, as estruturas estáticas e móveis e as infraestruturas ao nível da comunicação, com a introdução de novas tecnologias, transmite neste espaço uma adição na relação - Estética / Formal e Plástica / Construtiva.

III. Considerações Finais

A dissertação teve como base o estudo de um edifício arquitectónico, o Palacete Ribeiro da Cunha.

Com recurso a um levantamento exaustivo no que diz respeito a documentação inédita sobre José Ribeiro da Cunha, sobre o Palacete Ribeiro da Cunha e sobre vivências habitacionais e do quotidiano na Lisboa século XIX, foi feito um estudo indispensável para o desenvolvimento de um projecto de Design de Interiores, no sentido da reabilitação urbana e vivencial de um edifício fechado há muito na cidade de Lisboa.

No que se refere ao seu primeiro proprietário José Ribeiro da Cunha, foi feito o estudo de registos pessoais, do seu testamento e consequentemente da sua vida pessoal e de trabalho, concluindo que se tratava de um negociante abastado, nomeadamente na exploração de tabaco, que possuía um vasto património imobiliário, e com interesses económicos bastante diversificados, circulando por isso na sociedade burguesa da época, fazendo parte do quadro socioeconómico da capital portuguesa, como “Conservador da Ordem Militar de nosso Senhor Jesus Christo”. Os documentos inéditos foram identificados, transcritos e publicados em anexo.

O século XIX ficou marcado pela autonomia da arquitectura e consequentemente a sua importância no desenvolvimento das cidades.

A antiga praça da Patriarcal Queimada passou a ser bastante apetecível por parte dos grandes senhores para construir os seus Palacetes. O Palacete Ribeiro da Cunha, com uma arquitectura revivalista romântica, de estilo neo-árabe, que

pretende recriar a arte islâmica antiga, manifestando o fascínio pelo exótico da cultura e da arte dos Países do Oriente é fruto disso. Da propriedade que compõe este edifício fazem parte alguns anexos (antigas cavalariças) e um vasto jardim, que confina com o Jardim Botânico e mantém uma ligação com o Beco da Alegria.

O estudo deste Palacete não se limita à sua arquitectura mas também à sua riqueza interior no que respeita à sua gramática decorativa, pavimentos e à sua tipologia. Esta riqueza levou a um estudo paralelo das vivências na Lisboa do século XIX, de forma a compreender a circulação interna (circulação de serviço e proprietários), hierarquias, funcionalidades espaciais e ainda conduziu ao estudo de outros edifícios semelhantes como forma de aproximação à escolha do seu *layout*.

Neste processo criativo, as mudanças são relacionadas com o espaço interior, criando conceitos novos, em espaços que reconquistam a sua “alma”, produzindo sensações e sentimentos, que nos transportam no tempo.

Se pensarmos na arquitectura como uma arte do homem, percebemos que esta nos transmite sentimentos, pela forma como a vemos. Quando falamos da percepção de um espaço, estamos a falar da aplicação dos nossos sentidos e da forma como recebemos a informação através deles.

Neste projecto, a sua arquitectura é a da essência, representada pelos sofisticados e belos espaços interiores, que exibem orgulhosamente as artes decorativas ali representadas num edifício de arquitectura neo-árabe.

As alterações podem reforçar ou dificultar a percepção da forma-base que determina o grau de identidade formal de um objecto, mas a harmonia constrói-se, mesmo quando o edifício nos transmite uma presença dominante.

A proposta para este edifício visa a criação de uma “Unidade Turística habitacional” de permanência prolongada, de forma a reabilitar um edifício histórico transformando-o num espaço de dimensão pública, através do tratamento plástico e espacial dos seus interiores.

Esta intervenção revela uma aproximação à função inicial para o qual o edifício foi construído, a habitação. Centra-se numa solução integrada, mantendo todo o respeito e preservando o valor histórico do edifício, no que refere à relação interior/ exterior, à forma/ volume e à escala, sem que exista uma intrusão directa com o edifício e mantendo por isso delimitações espaciais. Neste sentido, a

intenção é preservar os espaços, a relação entre eles, funcionalidades e hierarquias.

Criaram-se assim 10 células habitacionais, a que damos o nome de Suites, bem como espaços diferenciados que possibilitam actividades como exposições, jantares de negócios, reuniões, palestras, e ainda uma zona de relaxamento através de um SPA de Banho-Turco com ligação ao jardim.

No que se refere ao tratamento plástico, foi desenvolvido mobiliário específico, depurado e geométrico que reflete a ideia do embutido, criando sensações de forma harmoniosa, “formando um todo”.

Também a luminária, a utilização de novas texturas e a introdução de novos materiais, criam ritmos e vibrações que nos remetem para um cenário idílico. Neste sentido, as Suites destacam-se pela sua privacidade, autonomia, funcionalidade e conforto.

Um objecto é muito mais do que a sua aparência formal, função ou utilidade, mais do que o destino ou linguagem artística, é o resultado do encontro entre uma consciência e a necessidade, em que muitas vezes os materiais são a própria estrutura arquitectónica, fazendo parte integrante e consequentemente definindo o projecto.

Em suma temos um espaço composto por um lugar tridimensional que mantém um diálogo forte entre o homem e a natureza, facto indispensável ao equilíbrio humano. Penso que “projectos” como este só podem valorizar o nosso património arquitectónico e consequentemente transformam-se numa mais-valia para os investidores do sector hoteleiro, uma vez que servem as necessidades de quem procura em Lisboa produtos diferenciados quer por razões de trabalho quer por razões de lazer.

IV. Bibliografia

1. FONTES

1.1. ARQUIVÍSTICAS

Arquivo Municipal de Lisboa

Registos de testamentos da Freguesia de S. Mamede, Livro 154, fls. 30v a 33v

Obra Nº 7346 – Proc.5555 - 1 - REP - PG - 1912 – Folha 2

Projecto de um Barracão que Ernesto Henrique de Seixas pretende fazer para arrecadação de materiais de jardim.

Obra Nº 7346 – Proc.5556 - 1 - REP - PG - 1912 – Folha 3

Projecto de alterações e ampliações que Ernesto Henrique de Seixas pretende fazer para construir uma Estufa num terraço sobre casas existentes no jardim em 23/08/1912.

Obra Nº 7346 - Proc.3342 - 1 - REP - PG - 1913 - Folha 3

Projecto de Alterações que Ernesto Henrique de Seixas pretende fazer ao projecto primitivo do Proc. 5555 - Barracão em 27/08/1913.

Obra Nº 7346 - Proc.2768 - 1 - REP - PG - 1916 - Folha 3

Projecto de uma casa para trens que Ernesto Henrique de Seixas pretende fazer no jardim 6/09/1916.

Obra Nº 7346 - Proc.1584 - 1 - REP - PG - 1920 - Folha 4

Projecto de Alterações no interior do Antigo Palácio Seixas pelo actual proprietário Dr. Manuel Carroça em 3/02/1920.

1.2.IMPRESSAS

ALMEIDA, Fialho de, *Pasquinadas*, Porto, Livraria Civilização, 1890.

CASTILHO, Augusto, *Brasil Portugal, Lisboa*, A1, vol.1, nº22, 1899, p. 9-10 (Revista).

1.3. ICONOGRÁFICAS

PASSOS, José Manuel da Silva, *Bilhetes-postais Antigos do Largo do Rato à Praça D. Luís*, Lisboa, Livros Horizonte, 1994.

2. ESTUDOS

AAVV, *Guia Urbanístico e Architectónico de Lisboa*, Lisboa, Assoc. Architectos Portugueses, 1987.

ALVES, Adalberto, *Em busca da Lisboa Árabe*, Clube do Colecionador dos Correios, 2007.

ANACLETO, Regina, *Neoclassicismo e Romantismo*, in AAVV, *Historia da Arte em Portugal*, Vol. 10, Lisboa, Editora, 1986

ANACLETO, Regina, *O Neomanuelino, ou a Reinvenção da Architectura dos Descobrimentos*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1994.

ANACLETO, Regina, *Arquitectura Neomedieval Portuguesa*, Lisboa, Museu Calouste Gulbenkian, 1996.

ARAÚJO, Norberto de, *Peregrinações em Lisboa*, Livro V, Lisboa, Parceria A.M. Pereira, (1938-1939).

BAIRRADA, Eduardo Martins, “A Praça do Príncipe Real e os Vários Prédios que a circundam”, in *ICALP – Revista*, Nº 1, Mar. 1985.

BRANDÃO, José Francisco da Mota, *O NEOMANUELINO ou a Reinvenção da Architectura dos Descobrimentos*, Lisboa, 1994.

- CARITA**, Helder e **MENDONÇA**, Isabel (Coord.). *Casas Senhoriais em Lisboa e no Rio de Janeiro. Anatomia dos Interiores*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.
- CHING**, Francis D.K., *Arquitectura: Forma, Espaço e Ordem*, 2ª ed., São Paulo, Martins Fontes, 2008.
- CITILLEIRO**, Tiago, *Os Azulejos Da Casa Do Alentejo*, Lisboa, Casa do Alentejo, 1998.
- CONSIGLIERI**, Carlos, **RIBEIRO**, Filomena, **VARGAS**, José M., **ABEL**, Marília, *Pelas Freguesias de Lisboa. De Campo de Ourique à Avenida*, Lisboa, Editora, 1995
- FASTNEDGE**, Ralph, *Sheraton Furniture*, 2º ed, Antique Collectors' Club Ltd., 1983.
- FRANÇA**, José Augusto, *A arte em Portugal no século XIX*, 1º e 2º Vols., Lisboa, Bertrand, 1922.
- FRANÇA**, José Augusto, *A arte Portuguesa de Oitocentos*, Lisboa, Inst. de Cultura Portuguesa, 1922.
- FRANÇA**, José Augusto, *Lisboa-urbanismo e arquitectura*, Lisboa, Inst. De Cultura Portuguesa, 1980.
- FRANÇA**, José Augusto, *A Arte em Portugal no século XIX*, I e II Vols., Lisboa, Bertrand Editora, 1981.
- FRANÇA**, José Augusto, *A Arte em Portugal no século XIX*, vol. I, Lisboa, Bertrand Editora, 1990.
- FRANÇA**, José Augusto, *A Sétima Colina – Roteiro Histórico Artístico*, Lisboa, Livros Horizonte, 1994.
- FRANÇA**, José Augusto, *Lisboa-urbanismo e Arquitectura*, Lisboa, Inst. de Cultura Portuguesa, 1980.
- FRANÇA**, José-Augusto, *Monte Olivete Minha Aldeia*, Lisboa, Livros horizonte, 2001.
- HALL**, Edward T., *A dimensão Oculta*, Lisboa, 1986.
- JODIDIO**, Philip, *Architecture Now! EAT SHOP DRINK*, Colonia, TASCHAN, 2012.
- LEITÃO DE BARROS**, Júlia, *Os Night Clubs de Lisboa nos Anos 20*, Lisboa, Lucifer Edições, 1990.

MARTIN, Andrew, *Interior Design Review*, Germany, teNeues, 2011.

McCULLOCH, Janelle, *View From The Top*, Australia, Images Publishing, 2008.

MOITA, Irisalva, (dir. de), *O Livro de Lisboa*, Lisboa, Editora, 1994.

MÓNICA, Maria Filomena, “Negócios e Política: os Tabacos, 1800-1890”, in *Análise Social*, Vol. XXVII, 1992, pp. 116-117, pp. 461-479.

MUNARI, Bruno, *Das coisas nascem coisas*, Lisboa, Edições 70 Lda, 2008.

MUTHESIUS, Stefan, *The Poetic Home Designing the 19 th - Century Domestic Interior*, London, Thames & Hudson Ltd, 2009.

KUNZ, Martin Nicholas, *Autênticos Hotéis com Encanto*, Barcelona, FKG LOFT Publications, 2010.

PORFIRIO, José Luís e Barreiros, Maria Helena, *Arte Portuguesa da Pré-História ao séc. XX*, Vila Nova de Gaia, Fubu editores, SA, 2009.

RIEWOLDT, Otto, *New Hotel Design*, London, Ed. L K 2002.

ROMÃOZINHO, Ana Mónica Pereira Reis de Matos, *Design de interiores domésticos no início do século XX: apontamentos de arte nova na obra de Ernesto Korrodi*, 1º e 2º Vol, Lisboa, 2013.

SANTANA, Francisco, *Praça do Príncipe Real*, in *Dicionário da História de Lisboa*, Lisboa, 1994, pp. 737, 738.

SEMBACH, Klaus-Jürgen, *Arte Nova*, Colónia Taschen GmbH, 2010.

TORRES, Cláudio e Macias, Santiago, *O Legado Islâmico em Portugal*, Circulo de Leitores, 1998.

TRAVASSOS, David, *Guia dos Parques, Jardins e Monumentos de Lisboa*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, Natar Terra, 2009.

ZUMTHOR, Peter, *Atmosferas*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2006.

3. Textos de suporte digital

www.igespar.pt - detail 74450 (25/05/2013 - 12:32H)

www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx Monumentos, nº 13, Lisboa, DGEMN, 2000 (04/10/2013, 15:20H)

www.cm-lisboa.pt - (04/10/13 – 16:53H))

<http://pt.wikipedia.org> / Arte Islâmica em Portugal (04/10/2013, 16:12H)

www.igespar.pt - detail 73385 - AAO - (04/10/2013 - 16:53H)

www.cm-lisboa.pt - (Cronologia - Decreto nº 2/96, DR, I Série-B, nº 56, de 06-03-1996) (04/10/2013 – 16:53H)

[www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/Palacete Ribeiro da Cunha SIPA](http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/Palacete_Ribeiro_da_Cunha_SIPA) – IPA.00015322 (7/12/2013 – 20,35H)

[http://pt.wikipedia.org/Estilo Neo- árabe em Portugal](http://pt.wikipedia.org/Estilo_Neo-árabe_em_Portugal) (Cronologia – Decreto nº 2/96, DR, I Série-B, nº 56, de 06-03-1996) (04/10/2013, 17:00H)

<http://arquiteturaportuguesa> - (11/10/2013 - 22:56H)

[http://pt.wikipedia.org/estilo neo- islâmico](http://pt.wikipedia.org/estilo_neo-islâmico) - (11/10/2013 - 23:10H)

[http://pt.wikipedia.org/estilo neo- árabe em Portugal](http://pt.wikipedia.org/estilo_neo-árabe_em_Portugal) - (11/10/2013 - 23:13H)

www.visitar-lisbon.com/hotels/olissippolapapalace/pt/index.htm(10/12/2013-19:39H)

live.net/hotels/pestanapalacelisbon/pt/images-rooms.html (10/12/2013 - 20:03H)

www.parquesdesintra.pt/parques-jardins-e-monumentos/parque-e-palacio-nacional-da-pena/historia (27/08/2014 - 9:04H)

www.palaciodabolsa.pt/pt/palacio-da-bolsa/turismo/salas-do-palacio/salao-arabe (31/08/2014 – 22,38H)

www.serradesintra.net/palacios-de-sintra/palacio-de-monserrate(01/09/2014 -20:30H)

[http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73385/](http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73385/)(26/11/2014 - 20,45H)

http://pt.wikipedia.org/wiki/Associa%C3%A7%C3%A3o_Comercial_do_Porto (27/11/2014 -11:45H)

<http://www.palaciodabolsa.pt/pt/palacio-da-bolsa/apresentacao-institucional-20120713-111335/apresentacao-historica> (27/11/2014 - 11:55H)

http://pt.wikipedia.org/wiki/Joaquim_da_Costa_Lima_J%C3%BAnior (27/11/2014 – 12:15H)

<http://www.sigarra.up.pt> – Universidade do Porto (27/11/2014 – 12:30H)

[http://www.prof2000.pt/users/avcultur/luisjordao/cadernalentejo/caderno01/page04 htm](http://www.prof2000.pt/users/avcultur/luisjordao/cadernalentejo/caderno01/page04.htm) – (19/12/2014 - 16:40H)

[http://amigosdemonsserrate.com/sites/amigosdemonsserrate.com/files/5._ConferenciaJo se-Augusto_Franca.pdf](http://amigosdemonsserrate.com/sites/amigosdemonsserrate.com/files/5._ConferenciaJose-Augusto_Franca.pdf) (08-01-2015 – 15:45H)

http://pt.wikipedia.org/wiki/Francis_Cook (08/01/2015- 16:10H)

<http://crereportugal.com/pt/restore> (04-02-2015 - 21.11H)

https://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_Ant%C3%B3nio_Rodrigues_dos_Reis
 (20/07/2015 – 20:05H)

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=37(28/09/2015-
 20:00H)

https://pt.wikipedia.org/wiki/Pal%C3%A1cio_Vale_Flor (11/04/2016 – 12,25H)

<http://www.pestana.com/pt/hotel/pestana-palace/restaurants-imagens>(15/04/2016-
 15,00H)

<http://www.cntraveler.com/hotels/portugal/lisbon/palacete-chafariz-d-el-rei>
 (11/04/2016 - 22,35H)

<http://www.altishotels.com> (25/04/2016 - 19:20H)

<http://cdn.homedit.com/wp-content/uploads/2012/07/altis-hotel-lisbon.jpg>
 (27/04/2016 - 15,20H)

<http://www.lisbonlux.com/images/top-hotels/pestana-palace.jpg> (11/04/2016-22:45H)

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/71202/PalacioValleFlor> (1/05/2016 – 21:25H)

<http://www.olissippohotels.com/pt/Grupo/Hoteis-Olissippo/Lapa-Palace/O-Hotel/Historia-do-Palacio.aspx> (01/05/2016 - 22:00H)

<http://www.panoramio.com/photo/96856043> (10/05/2016 - 15,40H)

<http://asset3.zankyou.com/images/wervice-card-big/19b/6681/1050/800/w/13536/-/1368522044.jpg> - (02/06/2016 - 12,24H)

<http://www.mafaldaagante.com/2015/02/palacete-chafariz-del-rei.html> (20/06/2017 –
 19,30H)

http://www.chafarizdelrei.com/media/palacete-chafariz-del-rei-galleryxafariz-del-rei_40.jpg (22/06 /16 – 12,50H)

<http://www.ricardofariapaulino.com/palacete-chafarizdelrei> (22/06/16 - 13,00H)

<http://www.livetradingnews.com/wp-content/uploads/2016/08/aman-hotel-1024.jpg>
 (22/01/2017 - 20,40H)

<https://nunomalmeida.wordpress.com/tag/aman-canal-grande-hotel/>(19/05/2017
 17,15H)

<https://www.aman.com/sites/default/files/styles/1025x460/public/aman-venice-canal-grande-suite-sitting-1028-x-460.jpg?itok=qZCJfeQ8> (21/06/2017 - 14,00H)

V. Anexo Documental

Índice de Documentos

Documento Nº1

Registo de Baptismo

José Ribeiro da Cunha

PT-ADLSB-PRQ-PLSB19-001-B4_m0473 Reg Baptismo J R C

Documento Nº 2

Registo de Casamento

José Ribeiro da Cunha e D. Maria Carlota Paiva da Cunha

PT-ADLSB-PRQ-PLSB19-002-C3_m0683.TIF

Documento Nº 3

Registo de Baptismo

D. Júlia Cesarina Ribeiro da Cunha (Filha)

PT-ADLSB-PRQ-PLSB19-001-B5_M0777.TIF

Documento Nº4

Registo de Baptismo

José Ribeiro da Cunha Júnior (filho)

PT-ADLSB-PRQ-PLSB19-001-B5_¬_M0800.TIF

Documento Nº5

Mercê régia da ordem militar de Cristo

José Ribeiro da Cunha

PT - TT- RGM - I - 00 23-M0195 196

Documento Nº 6

Registo de Óbito

José Ribeiro da Cunha

PT-ADLSB-PRQ-PLSB46-003-06¬_M0543.TIF

Documento Nº 7

Testamento

José Ribeiro da Cunha

Arquivo Municipal de Lisboa - Arco do Cego

Registos de testamentos da Freguesia de S. Mamede

Livro nº 154 - fls. 30v a 33v

Documentos

Documento Nº1

Registo de Baptismo

José Ribeiro da Cunha - Natural de Lisboa, da freguesia da Madalena

PT-ADLSB-PRQ-PLSB19-001-B4_m0473 Reg Baptismo J R C

Cota: Lv B4 - Cx 5

“Aos vinte hum dias do Mez de Novembro de mil oitocentos e treze nesta Real Parochial Jgreja de Santa Maria Magdalena Baupizei solemnemente e pus os Santos Oleos a Joze⁵⁹ que nasceo no ultimo dia do mez de Outubro proximo passado filho legitimo de Francisco Ribeiro da Cunha natural e baupizado na Freguesia de Santa Eulalia da Barroza do Arcebispado de Braga e de Maria Ignacia Ferreira da Cunha natural e baupizada na Freguesia de Sam Sebastião da Villa de Guimarães recebidos nesta da Magdalena e moradores na mesma. Foi Padrinho Francisco Luis Gonsalves morador nesta mesma Freguesia da Magdalena e Madrinha Nossa Senhora do Barreiro por quem tocou Manoel Bento Dias Ferreira com Insignia. De que fis este Assento que assignei no dito dia.

O Prior João Filippe Pereira da Silva”

⁵⁹ À margem: “Joze”.

Documento Nº 2

Registo de casamento

José Ribeiro da Cunha / D. Maria Carlota Paiva da Cunha

TT- PT-ADLSB-PRQ-PLSB19-002-C3_m0683.TIF

Cota: Lv C3 - Cx 11

“ Em o primeiro de Janeiro de mil oitocentos e quarenta e nove nesta Parochial Igreja de Santa Maria Magdalena, de manhã em minha presença, e das testemunhas abaixo assigna[da]s, e em virtude de huma Provizão de *Santa Emgracia* que dispensa os Proclamos, e mais papeis de estillo, se receberão por Marido, e Mulher, e por palavras de presente in facie Ecclesiae Jose Ribeiro da Cunha, solteiro, filho de Francisco Ribeiro da Cunha, e de D. Maria Ignacia Ferreira da Cunha, já falecidos, baptizado nesta Igreja de Santa Maria Magdalena, e morador nesta Freguezia. Com D. Maria Carlota de Paiva⁶⁰, tambem solteira, filha de Antonio Manoel de Paiva, e de D. Ignacia Delfina, baptizada na Freguezia de nossa Senhora da Conceição, e moradora na de São Paulo, ambas desta cidade. E de como assim se receberão forão Testemunhas Francisco Ribeiro da Cunha, e Felisberto Joze da Costa, ambos Negociantes; de que fiz este Assento. Era ut supra.

O Prior Joaquim Joze de Souza

Felisberto Joze da Costa

Francisco Ribeiro da Cunha”

⁶⁰ À margem: “Jose Ribeiro da Cunha. e D. Maria Carlota de Paiva”.

Documento N° 3

Registo de Baptismo

Filha D. Júlia Cesarina Ribeiro da Cunha

PT-ADLSB-PRQ-PLSB19-001-B5_M0777.TIF

Cota: Lv B5 - Cx 5

“ Em vinte e oito de Fevereiro de mil oitocentos e cincoenta nesta Parochial Igreja de Santa Maria Magdalena baptizei solemnemente a Julia⁶¹, que nasceo a vinte e dois de Janeiro, proximo passado, filha de José Ribeiro da Cunha, e de D. Maria Carlota de Paiva da Cunha, moradores nesta Freguezia, e recebidos nesta Igreja. Foi Padrinho Felisberto Joze da Costa, e Madrinha D. Maria Gertrudes da Costa, e por seo Procurador Francisco Ribeiro da Cunha Junior; de que fiz este Assento. Era ut supra.

O Prior Joaquim Joze de Souza”

⁶¹ À margem: “Julia”.

Documento N° 4

Registo de Baptismo

Filho - José Ribeiro da Cunha Júnior

TT PT-ADLSB-PRQ-PLSB19-001-B5 _M0800.TIF

Cota: Lv B5 - Cx 5

“Em o primeiro de Fevereiro de mil oitocentos e cincoenta e quatro nesta Parochial Igreja de Santa Maria Magdalena baptisei solemnemente a Joze⁶², que nasceo a cinco de Dezembro do ano proximo passado, filho de Joze Ribeiro da Cunha e de D. Maria Carlota de Paiva da Cunha, moradores nesta Freguesia, e recebidos nesta Igreja. Foi padrinho Francisco Ribeiro da Cunha, Thio paterno do baptisado, e madrinha Nossa Senhora; de que fiz este assento. Era ut supra.

O Prior Joaquim Joze de Souza”

⁶² À margem: “Joze”.

Documento Nº 5

Mercê régia da ordem militar de Cristo - Por carta de 7 de Maio de 1861-10

PT – TT- RGM – I – 00 23-M0195 196

Cota: Registo Geral de Mercês de D. Pedro V, liv. 23

“Dom Pedro por Graça de Deos, Rei de Portugal e dos Algarves, etc. como Grão Mestre, Governador e Perpetuo Administrador de todas as Ordens Militares do Reino, Faço saber aos que esta Minha Carta virem que Tomando em consideração as circunstancias e serviços de José / fl. 184 v./ Ribeiro da Cunha, Negociante de grosso trato matriculado na Praça de Lisboa, Houve por bem Fazer-lhe Mercê de o Nomear Conservador da Ordem Militar de Nosso Senhor Jezus Christo, Pelo que, Mandando Eu passar ao agradecido a presente Carta a fim de poder, na conformidade das Leis e Regulamentos, usar das insignias correspondentes á referida Condecoração, com as honras, prerogativas e obrigações que diretamente se acharem estabelecidas, Ordeno ás Authoridades e mais pessoas, a quem o conhecimento d’esta mesma Carta pertencer, que, indo assignada por Mim, e referendada pelo Ministro e Secretario d’Estado dos Negocios do Reino, a cumpram e guardem como n’ella se contém, depois de authenticada com o sello das Armas Reaes, e da Causa Publica, e com a verba do Registo nos livros das Repartições competentes. Fica obrigado ao pagamento da quantia de cento e cincoenta mil réis de direitos de Mercê e dos addiccionaes correspondentes, devendo, logo que esteja realizado o mesmo pagamento, apresentar este Diploma na Secretaria d’Estado dos Negocios da Fazenda, para nos termos do Regulamento de vinte e oito de Agosto de mil oitocentos e sessenta, se exarar n’elle a necessaria quitação, sem a qual não terá inteira validade. Dada no Paço das Necessidades em sete de Maio de mil oitocentos sessenta e um. = El Rei com Guarda = Marquez de Loulé = / fl. 185 / Carta, pela qual Nossa Magestade ha por bem Fazer Mercê a José Ribeiro da Cunha, Negociante de grosso trato matriculado na Praça de lisboa de o Nomear Commendador da Ordem Militar de Nosso Senhor Jezus Christo, pela forma acima declarada = Para Nossa Magestade Vêr = Por Decreto de 27 de Abril de 1861 = João Corrêa D’Oliveira Campers a fez = Logar do Sello das Armas Reaes = Registada a folhas 285 - verso do Livro 9º de Cartas, Alvarás, e Patentes, Mercês Honorificas. Secretaria d’ Estado dos Negocios do Reino em 14 de Maio de 1861 = João Antonio d’ Amorim Vianna . =

Confirmada em 3 de Setembro de 1861 Basto”

Documento N° 6

Registo de óbito

José Ribeiro da Cunha

PT-ADLSB-PRQ-PLSB46-003-06-M0543.TIF

Cota: liv. 6, fl.48.

“Aos dezoito dias do mez de Setembro de mil oitocentos oitenta e trez ás trez e meia horas da tarde na caza numero setenta e seis da Praça do Principe Real desta freguesia de São Mamede de Lisboa faleceu ungido um individuo do sexo masculino por nome de Excelentissimo Joze Ribeiro da Cunha⁶³, de sessenta e nove anos de idade, proprietario, e negociante, cazado com a Excelentissima Dona Maria Carlota Paiva da Cunha, natural da freguesia da Magdalena desta Capital, e morador nesta freguesia, filho legitimo de Francisco Ribeiro da Cunha, natural de Vizella e de Dona Maria Ignacia Ferreira da Cunha, natural de Guimarães, proprietário, o qual fez testamento, deixou filhos, e foi sepultado no cemiterio da Alto de São João. E para constar lavrei em duplicado este assento, que assigno. Era ut supra.

O Prior Antonio Dias Ferreira de Vasconcellos”

⁶³ À margem: “Jose Ribeiro da Cunha”.

Documento N°7

Testamento de José Ribeiro da Cunha

Arquivo Municipal de Lisboa - Arco do Cego

Registos de testamentos da Freguesia de S. Mamede

Livro nº 154 - fls. 30v a 33v

Testamento de Jose Ribeiro da Cunha

Sobscripto = Testamento de Jose Ribeiro da Cunha aprovado em Lisboa aos vinte e sete de Maio de mil oitocentos setenta e nove, perante mim Tabellião Francisco Vieira da Silva Barradas.

Eu abaixo assignado Jose Ribeiro da Cunha, estando de saude, e em meu perfeito juizo, determinei fazer, /fl. 31/ como faço, o meu testamento pela forma seguinte. Sou filho legitimo de Francisco Ribeiro da Cunha, e de Dona Maria Ignacia Ferreira da Cunha, ja fallecidos, nascido e baptizado na freguesia de Santa Maria Magdalena desta cidade. Sou cazado com Dona Maria Carlota Paiva da Cunha, de quem tenho dous filhos: Julia da Cunha, cazada com o meu sobrinho Francisco Ribeiro da Cunha, e Jose Ribeiro da Cunha Junior, solteiro, ambos de maioridade. [...] ⁶⁴ cazamento foi precedido de escriptura lavrada em trinta de Dezembro de mil oitocentos quarenta e oito, nas notas do Tabellião, que foi desta Cidade, António Simão de Noronha, e insinuada por alvará de vinte e quatro de Abril de mil oitocentos quarenta e nove, do Administrador do Bairro do Rocio. Nessa Escriptura estipulamos absoluta incomunicabilidade de bens, dotando-se minha mulher com os que trouxe para o Casal, e com os que adquirisse por titulo benefico, e alem disso a dotar com a quantia de dez contos de reis, a qual lhe será entregue por minha morte, e sahirá da minha terça. Os valores dotaes de minha mulher, provenientes de herança de seus thios estão empregados em titulos averbados em seu nome, ou a seu credito em conta corrente, na minha casa, como consta da minha escripturação. Deixo á dita minha mulher em plena propriedade, a quantia de dez contos / fl. 31v. / de reis, para d'ella dispor livremente. Mando que o remanescente da minha terça, seja empregado em bens imobiliários de rendimento seguro. Deixo metade digo o uzufructo de metade do mesmo remanescente, successivamente a minha mulher Dona Maria Carlota Paiva da Cunha, e a minha filha Julia da Cunha. Deixo a propriedade aos filhos legitimos que esta tiver, e não

⁶⁴ Algumas palavras impercetíveis devido ao mau estado do manuscrito.

os tendo deixo propriedade, digo tendo deixo a propriedade a meu filho José. Deixo o uzufructo da outra metade do remanescente da terça successivamente a minha mulher, e a meu filho José Ribeiro da Cunha Junior. Deixo a propriedade aos filhos legítimos que ele tiver, e não os tendo a minha filha Julia⁶⁵ da Cunha. Nomeio para meus testamenteiros, em primeiro lugar a minha mulher Dona Maria Carlota Paiva da Cunha, e em segundo lugar, e na sua falta, a meu cunhado Antonio Pereira de Carvalho, e na falta de ambos ao meu particular amigo Desembargador Antonio de Vasconcellos Pereira Coutinho de Macêdo. Aquelle dos dois ultimos que exercera testamentaria, receberá em remuneração do seu trabalho, a quantia de dois contos de reis. Recomendo a minha mulher que em todos os cazos, em que precise de conselho, ouça o voto dos ditos dous testamenteiros, em cuja amizade e probidade / fl. 32 / muito confio. Confio a minha mulher, ou áquelle dos dous que exercer a testamentaria, todas as atribuições que forem necessarias, alem das que por ley lhe competem, para a inteira execução deste meu testamento, e possa converterem o remanescente da minha terça em bens immobiliarios, praticando sem excepção, ou restrição alguma, todos os eretos convenientes para esse fim. Quero que o meu funeral se faça sem pompa alguma, sendo o meu corpo conduzido n'uma berlinda para a Egreja, onde se fará uma simples encomendação, e d'ali transportado do mesmo modo para o meu Jazigo no cemitério Alto de São João, acompanhado por outo pobres do Asylo dos inválidos do trabalho, dando-se a este estabelecimento a esmola de cem mil reis. Prohibo absolutamente convites, e annuncios nos Jornaes, para o meu funeral. E por esta forma tenho feito o meu testamento pelo qual revogo qualquer outro anterior, para que só este seja cumprido. Lisboa vinte e cinco de Maio de mil oitocentos setenta e nove, nove. = Jose Ribeiro da Cunha = Saibam quantos virem este auto de aprovação de testamento cerrado, que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezuz Christo de mil oitocentos setenta e nove, aos vinte e sete dias do mez de Maio nesta Cidade de Lisboa, na Rua Bella da Rainha numero cento e tres, / fl. 32v. / primeiro andar, no meu escriptorio, aqui perante mim Tabellião Francisco Vieira da Silva Barradas, e as cinco testemunhas idóneas adiante nomeadas e assignadas, compareceu Jose Ribeiro da Cunha cazado, proprietario, e negociante, morador na Rua do Moinho do Vento, Numero sete, segundo andar, Freguesia da Encarnação, a quem conhecemos pelo próprio, e nos certificámos estar em seu perfeito juizo, e livre de toda, e qualquer coacção. E por elle me foi apresentado em presença das testemunhas este testamento, e disposição, declarando

⁶⁵ Palavra entrelinhada.

como é a sua ultima vontade, o qual testamento que eu vi sem o ler, é escripto, rubricado, e assignado pelo testador, contem duas paginas, e parte da presente, sem borrão algum, entrelinha emenda, ou outra marginal. Em testemunho de verdade lavrei este auto, que principiei logo em seguida á assignatura do testador digo do testamento, e o continuei sem interrupção, sendo testemunhas a tudo presentes desde o principio até o fim Firmo Augusto Botelho Gouvêa, proprietário, morador na Rua da Horta Secca, numero seis, António Cordeiro Feio, negociante morador no Campo Grande, Jose Joaquim Lopes Alves, empregado no commercio, morador na Rua São Jose numero duzentos e quinze, segundo, / fl. 33 / andar digo quinze, terceiro andar, Ignacio Maria Bregonte Junior, empregado no commercio, morador na Rua do Ferregial de Cima, numero vinte e quatro, e João Pedro d'Oliveira Soares, ourives, morador da Rua Direita dos Anjos, numero duzentos e vinte e seis, cazado, os quaes todos assignão este auto comigo tabelião, e com o testador, depois de ser escripto, e lido por mim em voz alta na presença de todos, tendo advertido o testador de que o podia ler se quizesse. Foram praticadas em acto continuo todas estas formalidades de cujo cumprimento dou fé, e ao dito testador hei-de entregar este testamento depois de ser por mim cosido e lacrado na presença das testemunhas, e depois de lavrada na face exterior da folha que servir d' involucro – numa nota com a declaração de que pertence ao mesmo testador. E eu dito Tabellião o escrevi e assigno em publico e razo. – Logar do signal publico - Em testemunho de verdade. = Francisco Vieira da Silva Barradas.- Jose Ribeiro da Cunha.- Firmo Augusto Botelho de Gouveia,- António Cordeiro Feio, - Jose Joaquim Lopes Alves, Ignacio Maria Bergonte Junior, - João Pedro d' Oliveira Soares.- Lugar do carimbo do Sello de verba, Lisboa ,- Pagou mil e oitocentos reis de sello de tres meias folhas. Lisboa vinte um de Setembro de mil oitocentos oitenta tres – numero cinco, - Souto – Rocha. = E nada mais / fl. 33v- / continha o dito testamento, auto de aprovação do mesmo, e verba do sello, que tudo fielmente aqui fica registado sem couza que duvida faça, e fazendo-a ao original testamento me reporto, o qual foi aberto, e publicando pelo respectivo Regedor da Freguesia de São Mamede em dezoito do presente mez de que lavrou o respectivo auto que por copia se acha lançado a folhas trinta e quatro verso, do livro numero vinte um dos autos d' abertura, e publicação dos testamentos, e depois deste registo ser conferido pelo Administrador d'este Bairro o Doutor José Gomes Arouca, ao adiante assignado, entrego o original testamento ao apresentante que tambem aqui assigna. Administração do Bairro

Occidental de Lisboa em vinte um de Setembro de mil oitocentos e oitenta e tres. E eu [...]"⁶⁶

⁶⁶ Algumas palavras impercetíveis devido ao mau estado do manuscrito.